

Odilon Garcez Ayres



Edição  
Fac-similar

Com a reprodução  
do poemeto serrano  
"O puchirão do Gé Picaço",  
de Lacerda Almeida Júnior

# Caboclo Serrano

Em *O puchirão do Gé Picaço*  
Nas Revoluções de 1923, 30 e 32

méritos  
editora



*Odilon Garcez Ayres*

*Com a reprodução  
do poemeto serrano  
"O puchirão do Gé Picaço",  
de Lacerda Almeida Júnior*

# Caboclo Serrano

Em *O puchirão do Gé Picaço*  
Nas Revoluções de 1923, 30 e 32



*Edição  
Fac-similar*

Passo Fundo  
2008

*méritos*  
editora

2008 - Versão livro em papel  
2023 - Versão fac-similar em ebook/PDF

© Livraria e Editora Méritos Ltda.  
Rua do Retiro, 846  
Passo Fundo - RS  
CEP 99074-270  
Página na internet: [www.meritos.com.br](http://www.meritos.com.br)  
E-mail: [sac@meritos.com.br](mailto:sac@meritos.com.br)

Charles Pimentel da Silva  
Editor  
Jenifer Bastian Hahn  
Auxiliar de provas  
Léo Hélio Dellazzari  
Revisão final

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998.  
Partes deste livro podem ser reproduzidas desde que citados o título da obra, o nome dos organizadores, da editora e os demais elementos de referência bibliográfica, conforme normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

---

G215c Garcez Ayres, Odilon  
Caboclo serrano em “O Puchirão do Gé Picaço” nas  
Revoluções de 1923, 30 e 32 / Odilon Garcez Ayres  
– Passo Fundo: Méritos, 2008.  
224 p.

1. História - Rio Grande do Sul – Passo Fundo  
2. Literatura histórica I. Título.

CDU 981.65

---

Catálogo na fonte: bibliotecária Marisa Miguellis CRB10/1241

2008 - Versão livro em papel - ISBN 978-85-89769-50-1

Impresso no Brasil

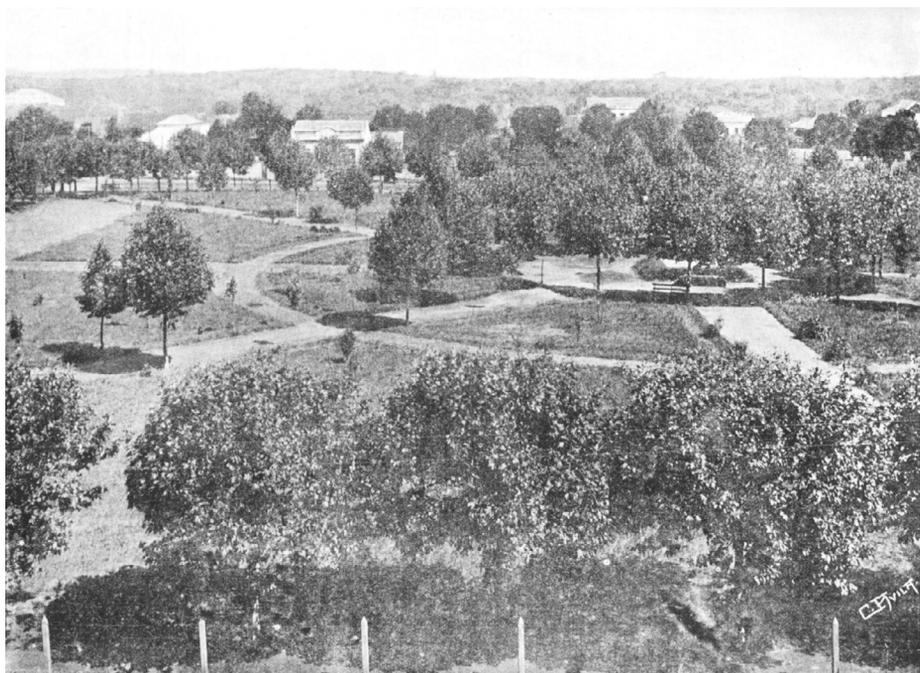
“As palavras que não são seguidas de fatos  
não servem para nada.”  
(Demóstenes)

*Uma obra repleta de fatos e eventos como esta resultou em muitas entrevistas diretas e indiretas, por isso agradeço à ajuda de pessoas e entidades na pesquisa: bel. André Martinelli Piasson, sr. Antonio Ferreira da Silma “Camacho”, ten. cel. Antônio Roque Francisco Ferreira, vereador Auriberto Lucir Perin, bel. Benhur Jungbeck, prof. Briando Manoel Almada Bettencourt, bel. Dalro José Wesp, bel. Felipe Ayres, sr. João Antonio La Maison (in memoriam), bel. José Ênio Serafini, sra. Leofrida Thevenet Barbieux (Gringa), 1º sgtº. Liberato Benvenut de Medeiro, dep. estadual Luciano Azevedo, sr. Luiz Feldman, profª Marília Bernardon, OAB – Sub-Secção de Passo Fundo, cel. Valdir João Reis Cerutti, dr. Walter Tadeu Gonçalves Vieira, 3ª RPMON da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul - Passo Fundo.*

*A minha esposa profª Joene Maria Pinheiro Ayres e a meus filhos bacharéis, Tiana Ayres e Felipe Ayres, por me aturarem cinco anos, ouvindo os principais personagens desta pesquisa histórica.*

*R*endo agradecimentos especialíssimos pelo inestimável apoio cultural à edição desta obra às pessoas e às instituições seguintes:

- *Associação dos Produtores e Comerciantes de Mudas e Sementes do Rio Grande do Sul – Apassul*
  - *Dr. Narciso Barizon Neto – diretor presidente.*
  - *Dr. Antonio Eduardo Loureiro da Silva – diretor administrativo.*
  
- *Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo*
  - *Dom Pedro Ercílio Simon – presidente.*
  - *Pe. Darci Domingos Treviso – diretor executivo*
  - *Bel. Daltro José Wesp – diretor superintendente.*
  
- *Fundação Pró-Sementes de Apoio à Pesquisa*
  - *Dr. Luiz Osório Dumoncel – presidente.*
  - *Dra. Verônica Bertagnolli – diretora vice-presidente.*
  - *Dr. Marcos Librelotto de Bortolli – diretor vice-presidente.*
  - *Dr. Rui Colvara Rosinha – acessor de Comércio e Distribuição.*
  
- *Engº agrº Airton França Lange e Marly Formighieri Lange.*
  
- *Dr. Carlos Antonio e Celina Madalosso.*
  
- *Dr. Cláudio Marcolin Zanatta e o Sr. Elóy Sobiesiak.*



Praça Marechal Floriano. Vista de uma das suas avenidas. Passo Fundo. Início do século XX.

# *Apresentação*

Creio que foi numa manhã, dessas ensolaradas de dezembro, do ano de 1973, que um fato curioso aconteceu. Eu morava com minha mãe, na avenida Brasil, antiga Calçada Alta, e, como fazia todos os dias, dirigia-me ao trabalho no Clube de Diretores Lojistas (CDL), do qual eu era secretário executivo, e eis que nesse trajeto, na esquina da rua Cel. Chicuta com a av. Brasil, estava localizada a Livraria Nacional, dos Irmãos Sfoggia, os quais, vim a saber mais tarde, cansados de guardar montoeiras de livros velhos, que só ocupavam lugar e que quase ninguém comprava, resolveram desfazer-se de uma caixa cheia dessas obras.

Caminhando contra o sol na luz da manhã, deparei-me, sem parar e olhando de soslaio, com aquela caixa de papelão, abarrotada de livros e papéis, que de tão pesada, rompera um lado, esparramando alguns livros pela calçada. Olhei para os lados e, certificando-me de que estava abandonada e de que dono não tinha, dei de mão apenas em um que me parecia mais antigo, pois era datado de 1925, intitulado *O puchirão do Gé Picaço*, por Julio Simão, Livraria Nacional, Passo Fundo. Segui, então, meu passo, levando com uma alegria disfarçada um livro raro nas mãos.

Li e reli muitas vezes aquelas páginas. Como estava escrito na capa, tratava-se de um poemeto serrano, versos e mais versos, de uma beleza, que sempre que os leio me toca o coração e a imaginação. O que me faz recitar mentalmente: “Verdes campos, cobertos de cerração”, quantos campos se demudem, que dirá meu coração! Com certeza, assim são os nossos campos que se avistam

da bela e silenciosa Coxilha e que se avistavam também da cidade de Passo Fundo, olhando-se para noroeste e leste, antes dos *espigões* tomarem conta até do horizonte.

Sei que tinha em mãos uma obra inédita (pelo menos para mim), que por algum motivo estava inerte, adormecida, mas pouco a pouco fui tentando desvendar-lhe os segredos. Quem seriam aqueles biribas, caboclos, gaúchos, gringos e alemães que figuravam na obra?

Depois de muitos anos passados, a Livraria Nacional não existia mais e, antes tarde do que nunca, procurei seu último dono, César, o qual me disse que nada restou de livros antigos, tudo se perdera naquela caixa, mas que quem costumava comprá-los para presentear os amigos era o dr. Daniel Viuniski, com banca advocatícia criminal ali na rua General Osório, nº 1.044, ao lado da sinagoga judaica. Também ele, causídico de mente privilegiada, herdada de sua raça milenar, confirmou que apenas fazia dos livros regalo para os amigos, não havia mais lembrança de títulos e de autores.

Aquela vontade de conhecer mais sobre o conteúdo do livro permaneceu em mim. Eu queria ler mais livros daquele período, queria conhecer os reais personagens daqueles escritos regionalistas.

Passaram-se mais alguns anos, quando li em *Datas rio-grandenses*, de Coruja Filho (p. 395), que Cacimbinhas, em 30 de setembro de 1915, por ato municipal nº 30, passou a denominar-se “Pinheiro Machado”, em homenagem ao tribuno gaúcho (sobrinho de Venâncio Aires), iniciativa que foi referendada pelo presidente interino do Estado, gen. Salvador Aires Pinheiro Machado, irmão do senador, de quem o dr. Ney de Lima Costa tinha sido o seu primeiro intendente.

Eu conhecia este tal de *dr. Ney de Lima Costa* apenas de nome, era verdade. Meu avô materno me disse que tinha sido seu advogado em questões de terras, aqui em Passo Fundo. Um fiozinho da história começava a clarear-me os olhos. Mas em se tratando

de história, temos que ter provas e convicção, e eu ainda não as tinha, dispunha apenas de indícios, como veremos mais adiante.

Em 1994, eu, então como diretor de Comércio e Turismo de Passo Fundo, sentia ter chegado a hora de reeditar aquele livro que encontrei na caixa abandonada e do qual tanto gostei e com tanto carinho guardei por todos aqueles anos. Porém, abdiquei do meu sonho, em favor da palavra empenhada ao amigo e companheiro, Paixão Côrtes, conseguindo para ele substancial apoio da RBS, para a feitura merecida e imorredoura de seu livro *Danças tradicionais rio-grandenses – Achegas*.

Após isso realizado, direcionei minha atenção ao meu projeto de reedição do livro *O puchirão do Gé Picaço*. Logo procurei conhecer mais sobre o livro, tudo que eu conseguisse, e o caminho natural seria a pesquisa, a qual iniciei pelo jornal *O Nacional*, de outubro de 1925, pois, pela lógica, alguma notícia sobre o lançamento do livro deveria naquele periódico constar. Mas nada encontrei.

Talvez quisesse o destino que eu fosse mais além na história. Não haveria atalhos para mim, eu deveria desvendar todos os caminhos, toda a vida, os êxitos e os fracassos, a glória e as humilhações, as alegrias e as tristezas, a vida e a morte. Eu deveria acompanhar par-e-passo, de 1921 a 1933, o êxito, o sucesso, as conquistas, a participação, a política e a guerra, não só de dois ilustres mortais, mas de uma cidade, de uma cidadela, de uma trincheira da democracia, do pensamento livre, aberto, apaixonado e guerreiro, que levou Passo Fundo a tornar-se um baluarte na defesa de ideais longamente costurados, desde 1893, até chegarmos ao Estado Novo, ao progresso e à humanização das leis.

Passo Fundo tornara-se o fiel da balança. A terra de passagem de tropas e tropeiros e agora de trens e de guerreiros, poderia dar-se o luxo de dizer quem passava e quem não passava. Daqui e do Rio Grande, só partiram para conquistar o Brasil os que acreditaram na pátria grande, no altaneiro Brasil. Um deles, ironicamente,

gaúcho de nascimento, aqui se ficou estático acreditando nos estertores da República Velha, o outro, um corpo estranho no meio da gauchada. Um gaúcho da Fronteira, filho de pernambucano, atirou-se de corpo e alma, em 1923, em 1930 e 1932, a falar, a pelear, a discursar, a brigar, a escrever, a formar corpos, colunas e batalhões para lutar pelos ideais libertadores dos rio-grandenses.

Na arena da vida, neste pedaço de chão serrano, encontraram-se dois idealistas, dois lutadores, heróis e guerreiros a serem imortalizados em Passo Fundo, pois a nossa memória ainda não lhes fez justiça.

Apresento-lhes o dr. Ney de Lima Costa (gaúcho de nascimento) e o dr. Lacerda Almeida Junior (pernambucano, mas gaúcho de coração). Vamos seguir suas pegadas, vamos desnudar suas vidas, após aproximadamente oitenta anos.

# Sumário

APRESENTAÇÃO .....	9
1925 .....	15
1926 .....	28
1927 .....	31
1928 .....	36
1929 .....	38
1930 .....	45
1931 .....	95
1932 .....	102
<i>Outras curiosidades</i> .....	106
1933 .....	117
<i>Dr. Ney de Lima Costa</i> .....	131
<i>Dr. Francisco de Paula Lacerda Almeida Junior</i> .....	132
<i>Algumas considerações finais</i> .....	134
<i>Enfim, o livro O puchirão</i> ... ..	137
<i>Sinopse (por Odilon Garcez Ayres)</i> .....	137
<i>Capa original</i> .....	140
<i>Com licença de vacês</i> .....	140

<i>Duas palavras</i> .....	142
<i>O puchirão do Gé Picaço (Poemeto serrano)</i> .....	147
<i>Vocabulário caboclo serrano (por Odilon Garcez Ayres)</i> .....	200
<i>Causo relacionado: o caboclo Camacho</i> .....	204
<i>Outros causos daqueles tempos</i>	
<i>“De médico e louco, todo mundo tem um pouco”</i> .....	212
<i>Acordem, cachorrada!</i> .....	213
<i>Revolução</i> .....	213
<i>Banda Carlos Gomes</i> .....	214
<i>O quiosque</i> .....	215
<i>No comício</i> .....	215
<i>Anzol de Vidro</i> .....	216
<i>Esta tirada é minha</i> .....	216
<i>Notas bibliográficas</i> .....	217
<i>Instituições e obras consultadas</i> .....	224

# 1925

Até parece uma história sem graça, pois comecei a pesquisa no jornal *O Nacional* em outubro, procurando apenas pelo lançamento do livro. Como nada encontrei, voltei ao mês de junho daquele mesmo ano, para continuar a garimpagem que deveria ser rápida. E juro que tive a impressão de que seria rapidíssima, porque a primeira notícia encontrada era sobre o requerimento de um terreno foreiro<sup>1</sup> (prova de que o dr. Lacerda Almeida Junior estava estabelecido na cidade); a segunda notícia era um edital de venda de terras de Nicomedes Falkemback<sup>2</sup> (parente do renomado causídico, dr. Albery Falkemback Ribeiro, com banca no Palácio do Comércio e ex-diretor da Faculdade de Direito da UPF).

Logo em seguida, garimpando no mês de setembro, deparei-me com a notícia-mãe (artigo de jornal), que, a meu ver, originou o livro de que eu gostava tanto (*O puchirão do Gé Picaço*). Na Seção Livre do jornal *O Nacional* lia-se o título: “Ao dentista Ney de Lima Costa, vulgo Cacimbinhas”<sup>3</sup>, escrito para o cap. Pedro dos Santos, a qual transcrevo para comprovar minha afirmativa e confirmar minhas suspeitas de que o poemeto foi um fato verídico, do qual o dr. Lacerda tinha pleno conhecimento e até mesmo tenha sido ele próprio o autor do artigo a seguir, pois também havia residido pras bandas de Pedras Altas.

## Seção Livre

Ao dentista Ney de Lima Costa, vulgo “Cacimbinhas”

Mais com indignação que com surpresa, li o aranzel, em mau português, dejectado nas colunas da Gaveta pelo famigerado dentista Ney de Lima Costa, vulgo “Cacimbinhas” e, ao tempo de aluno da Escola Militar de Porto Alegre, também conhecido como “Madame Augusto Sá”, devido a um hábito inconfessável de que era paciente.

Mais com indignação do que com surpresa, disse eu, porque, sabendo, embora, de quanto é capaz a alma gafenta e torpe do Cacimbinhas, nunca imaginei que o seu vezo de inverter as cousas, e... a própria pessoa, chegasse ao ponto de me atribuir fatos que só não tomaram proporções de verdadeira calamidade devido à interferência toda ocasional que o destino me reservara.

Vou explicar os fatos, e os homens de boa fé que tirem as ilações que acharem razoáveis:

Há cerca de um mês, vendi ao sr. Bonifácio Cavalheiro, uma casa de minha propriedade, em Carazinho, ficando eu de ir àquela localidade receber o preço e assinar as respectivas escrituras.

Havendo eu também comprado a casa onde está a sub-Chefia de Polícia desta região e devendo entrar com parte do preço no sábado passado, o que, efetivamente, fiz, resolvi ir a Carazinho proemar o sr. Cavalheiro, para receber a quantia por que lhe havia vendido a casa a que me referi, a fim de perfazer o numerário preciso a este último compromisso.

Mas, como eu tivesse, há tempos já, pessoal meu na Fazenda Jogica, em virtude dum contrato com que o procurador de d. Maria Francisca de Oliveira celebrei e porque fosse avisado pelo sr. Soriano José Ribeiro de que o contrato por nós celebrado fora desfeito pela sua comitente, resolvi ir a Carazinho pela Fazenda Jogica, a fim de determinar que o meu pessoal se retirasse, pois era e é do meu propósito fazer valer meus direitos na conformidade de cláusula contratual expressa.

Cheguei, já à noite, na fazenda do sr. Francisco José Ribeiro e esperava a madrugada seguinte para reencetar minha viagem, quando vim a saber por um peão meu que o sr. Bonifácio Cavalheiro se encontrava na Fazenda Jogica.

Escrevi-lhe então um bilhete, pedindo-lhe que desse uma chegada até onde eu me encontrava, pois, com sua presença ali, tornava-se desnecessária a minha ida a Carazinho.

Destes mínimos pormenores são testemunhas os srs. Marcos Cavalheiro, Braulio Estivalette, mais pessoas cujos nomes de momento não me recordo, por sinal que, depois de conversarmos sobre o pagamento que o sr. Bonifácio Cavalheiro me deveria fazer; este autorizou o sr. Braulio Estivalett a me entregar, aqui em Passo Fundo, parte da referida quantia, o que se deu também sábado último.

Estava eu dormindo ainda, na Fazenda do sr. Francisco José Ribeiro, quando fui despertado pelo estampido de tiros, o que me fez levantar precipitadamente e chegar à frente da casa.

Eram dois automóveis que vinham de ser atacados, desenrolando-se, então, cenas de um cômico inexistível, que contarei em tempo oportuno, se a tanto for levado pelas circunstâncias.

Resumindo, direi que os srs. Marcos Cavalheiro e Braulio Estivalett apelaram para mim, no sentido de intervir, dizendo-me, o primeiro que abandonaria a Fazenda Jogica, onde estava ajudando a entrega do gado e o sr. Braulio Estivalett afirmando-me que estava disposto a abrir-se do negócio, pois não comprava encrencas, bastando-lhe as que tinha. Depois da minha solene afirmação de que iria intervir e que os mesmos deveriam continuar o seu negócio, pois iria acomodar os homens exaltados que, aliás, queriam apenas reintegrar no posto de que fora brutal e insolitamente retirado o sr. Soriano José Ribeiro; depois que os ânimos se acalmaram e que houve a solene promessa feita pelos representantes da viúva e do advogado desta de que o sr. Soriano seria pago de seus ordenados e de que consentiriam que o mesmo retirasse os seus haveres da casa, e dos campos da fazenda, retirei-me do estabelecimento do

sr. Francisco José Ribeiro e vim para esta cidade, convencido de que evitara um desastre, desses cujas conseqüências não se pode avaliar, satisfeito mesmo por haver propiciado uma solução amistosa, que num caso em que, se não fora eu, é bem certo, teria sido com muito sangue. Eis senão quando sou surpreendido pelos ataques vis desse notável patife, que acode pela autonomasia de Cacimbinhas, desse mequetrefe que anda a roer a reputação alheia, porque a sua não aparece tão chocantemente calva e deslava como toda gente aqui e alhures conhece e sabe que é.

Eu nada tenho com os negócios sempre escusos desse homem a quem a natureza marcou com o sainete mais repulsivo e nojento possível, ao ponto de se tornar suspeito para os outros homens...

Eu nada tenho de comum com esse dentista maroto que sendo quase analfabeto e se inculcando “dr.”, tem vivido como um ashaverus rapinante, tocado de município em município, deixando por onde passa, o visgo infecto de seu corpo hermafrodita..

Eu nada tenho de semelhante a esse birbante que foi enxotado e expulso da Escola Militar, por ser escravo dos vícios de sodoma e gomorra.

Eu nada tenho de parecido com esse biltre sem imputabilidade, que todo mundo, aliás, conhece neste município, cenário atual de suas alicantinas, como em Taquary, Cacimbinhas e Jaguary, donde saiu corrido, pelo clamor público, como um cão hidrófobo.

Eu nada tenho, enfim, de comum com esse conhecido chantagista, sócio de feiticeiro e nigromante de feira para a exploração de viúvas ricas e desmioladas...

Entre mim e o autor das diatribes da Gaveta há a incomensurável distância que separa o sapo do homem, o charco das águas conentias, a alma de Caim e Judas da enfiatura moral dos homens de bem.

Enquanto eu, no Giaretta e nos dois combates dos Quatro Irmãos, cumpria o meu dever de republicano e de cidadão sempre pronto a manter a ordem, este que me agride solertemente, era o negregado chefe, aqui em Passo Fundo, duma maloca de bandidos, que sob a capa de “Guarda Republicana”, saíam dos limites da cidade

para roubarem, de cuia para cima, até dos próprios companheiros. Eu nunca tramei assaltos a bancos desta cidade, assaltos só não verificados devido à interferência do chefe político local, dr. Araújo Vergueiro.

Não sou Cacimbinhas, não sou chantagista, não sou nem nunca fui confundido nas minhas prerrogativas de homem.

Sou o capitão Pedro dos Santos. Fiz-me por mim e sou considerado e respeitado onde quer que me encontre.

E é tal a diferença que vai entre mim e o Cacimbinhas, autor das agressões da Gaveta, que há meses em Porto Alegre, enquanto este famigerado patife andava como um cão, rabejando nas salas do Palácio Presidencial, sem nunca conseguir pôr os olhos quíça, quanto mais falar ao eximo. sr. dr. Borges de Medeiros, era eu recebido, repetidas vezes, por esse egrégio cidadão, que teve, a meu respeito, as palavras mais elogiosas e, a seu critério, justas para mim.

Por hoje é só. Aguardo-me para cantar a palinódia a esse chantagista, para ocasião mais oportuna e, talvez, não distante.

Passo Fundo, 21 de setembro de 1925.

Pedro dos Santos<sup>4</sup>

Esse artigo talvez tenha se devido a uma rixa do tempo da vida militar em Porto Alegre, quem sabe um preterimento de cargo, quíça uma aversão pessoal, mas com certeza o ódio político-partidário foi o móvel do versejador gaúcho de sangue pernambucano, pois se transforma num *caburé* para depenar o adversário, o apaniguado de Borges de Medeiros.

Veladamente, começa a aproximar-se das lideranças maiores, primeiro em carta aberta ao banqueiro cel. Gabriel Bastos e a seu colega de jornal dr. Herculano Annes<sup>5</sup>, numa troca de opinião<sup>6</sup> sobre um médium espírita da capital, dr. Mozart<sup>7</sup>, onde o primeiro o

trata como advogado deste foro. Essa pendenga filosófica acerca do espiritismo da qual o dr. Lacerda era contra e João Pedro (pseudônimo do dr. Herculano) a favor, começou em outubro de 1925 e só foi terminar em dezembro, sob o título *Petit Bleu III*, com um belo artigo e encerrando o assunto, pois já se via animosidade, apesar do respeito mútuo com que digladiaram suas idéias.

Bilhete

Ao dr. Lacerda de Almeida Jr.

Prezado senhor.

Que a sua natural bondade me perdoe, preliminarmente, duas coisas: a primeira é a liberdade que tomo de rabiscar esse bilhete; a segunda (falta não menos grave) é vir falar sobre “águas que passaram”.

Confiado, porém, na absolvição certíssima em tão bondoso amigo, vou chegando ao caso.

Motivos que não vêm a tralho especificar, quiseram que só hoje um providencial acaso me trouxesse ás mãos, muito de manso, o número 37 d'O Nacional, já encanecido e velho, segundo a lei cruel que faz vertiginosamente efêmera a vida atribulada das folhas impressas.

Nesse número tive a delícia de ler a ‘Carta aberta’ que o amigo (mercê por mais esta liberdade) dirigiu ao sr. Gabriel Bastos, a propósito de Mozart, o homem tão falado.

Os conceitos com que o amigo brindou o ‘professor’ não me interessaram, direi com amistosa franqueza, pelo razoável motivo de que o próprio ‘professor’ já me não interessa.

O que me despertou, porém, uma incontida vontade de escrever-lhe este bilhete, foram uns dizeres de ordem geral, encaixados em sua amável Carta e que me deixaram perplexo e duvidoso.

Disse o prezado amigo, por exemplo:

Entre Richet que nega o espiritismo e um Mozart que se proclama unguído e sócubo de espíritos, é bem certo que não ando mal, preferindo a ciência daquele ao charlatanismo desse.

Longe de mim, amigo, discussões religiosas, já fugi espantado de uma provocação desse sentido e fugirei de quantas vierem no futuro; discussões estéreis em que predomina unicamente a fé, sempre respeitável por certo, mas é margem das provas.

O amigo, porém, falou em ciência e como ciência, pôs Mozart num prato da balança e no outro Charles Richet; depois, escandalosamente pendida para o lado de Richet; apresentou-a ao público.

Não foi justo, amigo.

Assim, permita-me que venha auxiliá-lo nessa pesagem e, sob o prisma científico, conceda-me colocar alguns ‘pêzinhos’ no prato de Mozart, do qual o tiro, sem prejuízo nenhum no resultado final. Começarei por colocar aí Camille Flammarion, o magnífico descobridor do céu, cuja memória está enflorada pelos mais verdes louros científicos da atualidade e que só por si vale Richet. Junto a ele, e honra-lhe muito a companhia, ponho Willian Crookes, o Richet da física. E já que fui à Inglaterra buscar Crookes, não voltarei desse sombrio país do raciocínio sem trazer de lá, no nosso prato da balança, Russel Wallace, Oliver Lodge, Willian Barret, Conan Doyle, Myers Bradley, Stainton Moses, Vale Owen, General Drayson, Tweedale, Stead... mas basta! Precisamos lugar ainda.



De regresso à França, não resisto à tentação de reforçar o nosso 'prato' com Victor Hugo, Sardeu, Geley e Delane, sem tocar em Guizot, Thiers, Sully-Prudhome e Tisot, estudiosos interessados no assunto. Da Alemanha, para que não se diga que desfiamos rosário, tomarei apenas Zollner, Karl du Prel, Baron Guldenstubbé e Fitch; seguindo o mesmo parcimonioso processo na Itália, nos apossaremos aí unicamente do nosso conhecidíssimo amigo Lombroso, de Chiaia, Morselli, Bozzano, Broferio e Gerosa.

Está cheio o prato?

Mas não é possível que abandonemos a América; seria pouco patriotismo. Perdoem-me, pois mais irei aos Estados Unidos, trazer d'ali Joge Edmonds, Robert Hare e Pr. Mappes, sem falar no famoso A. Lincoln.

Já vê, pois, amigo, que entre os 'charlatães, ungidos e sócubos de espíritos' há muito mais gente cujos nomes são familiares ao inteligente amigo, que poderiam ser prezados com mais vantagem que Mozart.

Prezou mal, por certo, o amável missivista.

Carregamos um prato; tratemos agora de tornar mais leve o outro, o de Richet, o organizador e criador da metapsíquica.

Não diz bem o amigo quando nos oferece Richet como um negador. Há engano: Richet, como cientista, não nega, estuda; como homem, não nega, apenas não crê.

E mesmo, visivelmente, para que tem acompanhado essa grande campanha do oficialismo científico contra a Metapsíquica, a ciência nova, Richet não podia negar.

Veja o amigo:

Defendendo a Metapsíquica e portanto Richet, seu criador, contra os ataques a priori da ciência oficial e rotineira, dizia Flamarión:

Que é eletricidade?

Não sabemos.

Que é esse elemento magnético que, partindo do sol, a 150 milhões de quilômetros, vem movimentar a agulha de uma bússola?

Ignoramo-lo com a mesma amplidão.

Que é transmissão da telefonia e telegrafia através da atmosfera, das montanhas e dos mares, e que pode ser colhida de passagem num quarto bem fechado?

Mesmo mistério.

Sejamos pois modestos em nossas negativas de cegos e de surdos.

De uma coisa devemos estar convencidos: que nada sabemos. [...]

Não amigo, Richet não nega, estuda; como poderá ele cair num erro que tão vigorosamente combate nos outros? Felizmente, para os que amam a ciência, Charles Richet não pertence a essa ciência oficial, para a qual nada mais temos a aprender e que tem posto obstáculos a todas as grandes descobertas, correndo, não vai longe, até o modesto fonógrafo como true de feira.

Aceitemos antes o sapientíssimo conselho do velhíssimo Pythagoras:

“Aproveita todas as ocasiões para te instruir. Tu levarás assim uma vida altamente agradável.”

Prezou mal o amigo.

Confie nos sentimentos de amizade do admirador de seu vigoroso talento.

João Pedro<sup>8</sup>

E, depois, Lacerda Almeida Junior emite resposta a João Pedro (Herculano Annes) pelo mesmo jornal:

Petit Bleu

Meu ilustre amigo dr. Herculano Annes

Li, entre surpreendido e receoso, o seu último “Bilhete”: surpreendido por ver que não fui compreendido e receoso porque o meu ilustrado amigo dá mostras de se ter melindrado, devido a uma expressão que tive e que, aliás, fui buscar a autoridade incontestável

e incontestada de Maurice De Fleuri, estudioso, como nós, dos fenômenos metapsíquicos.

Será mesmo, que fui menos delicado na controversa que vimos mantendo? Pois, o meu excelente amigo, se acha que, naquele incriminado Petit Bleu, há qualquer expressão que possa diminuir o cavalheirismo, a fidalguia de minha atitude, apresso-me a declarar que a tenho por não escrita, solicitando, desde aqui, a sua benevolência, que reconheço grande, e que proclamarei maior se me relevar a impensada e não procurada claudicação.

Agora o motivo de minha surpresa.

Dá-se-há o caso de que eu esteja esgrimindo às tontas, pelo simples prazer de ostentar dotes, que não tenho, de dialética?

Será que eu não firmo no terreno, onde me sinto tão a gosto, e onde vou marchando seguro, conhecedor, que sou, dos seus diversos desvios e atalhos?

Será que eu, pelo simples gozo intelectual de terçar armas com um nobre adversário, muito de indústria esteja manobrando armas sob a capa?

Não, meu ilustrado amigo! Sou incapaz de vir à liça será proclamar os motivos por que me bato.

Como o lendário Cavaleiro do Cysne entro e piso a arena com as armas da “ordenança”, de vizeira erguida, proclamando os meus “princípios” e desafiando os meus adversários para as “justas leis”.

Isto posto, reenceto a discussão que me tem dado [...] de apreciar o seu talento e, sobretudo, a sua robusta cultura.

Disse que sou materialista. E o sou, ai de mim! Pois não creio em mais nada além do que impressiona e toca a qualquer dos meus sentidos. Creio no que vejo, no que olho, no que sinto.

Sou negativista, mas o meu negativismo não vai ao ponto de contestar possibilidades.

Não me filio a Comte que, por exemplo, negou a teoria microbiana porque, ao seu tempo, o microscópio era um aparelho imperfeito, no qual se vê o que se quer e não o que é, segundo ele.

O meu negativismo admitte conquistas científicas, acredita na ciência que é a chave com a qual o homem abrirá, de par, as portas do desconhecido.

Ora, se eles é o meu ponto de vista, é bem certo que razões me sobravam e sobram para afirmar que admito

“a existência de certos e determinados fenômenos, verificados por sumidades da envergadura de W. Crookes, Flamarion, Lodge, Geley, Lombroso e outros”.

Mas, entre admitir a possibilidade ou a existência (concedo) de tais fenômenos e dar a esses fenômenos a explicação que esses sábios a eles deram, vai uma diferença tão grande que não há como medi-la.

Esse hynsalayas do pensamento humano e tantos outros, que não lhe digo os nomes por não me não tornar enfadonho, explicaram os fenômenos metapsíquicos como a manifestação de individualidades, no prolongamento duma vida que terminara com a personalidade.

Eu nego a existência desses fenômenos, assim explicados e afirmo que individualidade e personalidade terminam com a morte. Mars annio seloit.

A morte tudo acaba!

Acaba, para mim, sob o ponto de vista materialista.

Mas eu sou liberal em assuntos de ciência. Lembro-me sempre de que a menor ação corresponde, sempre, no mundo físico, uma reação. O grito tem o eco a lhe prolongar o som. A vida tem o



calor a retardar a morte de todas as células. O golpe tem a dor a lhe prolongar os efeitos. A luz duma estrela que desaparecesse, num dado momento, no firmamento, levaria, ainda, alguns anos a brilhar, sobre a terra, antes que percebêssemos o desaparecimento dessa estrela. E tudo isso por quê? Porque a cada ação, a cada força corresponde uma reação, a manifestação de sua existência. O homem é o continente de forças físicas conhecidas e doutras ainda desconhecidas ou, apenas, vislumbradas que constituem o campo da metapsíquica.

Se o brilho de uma estrela que se apagasse no firmamento, segundo Flamarion, ainda luziria sobre a terra durante anos, por que negar a priori, que certos fenômenos metapsíquicos não sejam o prolongamento das ações do homem neste mundo sublunar?

Concedo, até, que isso seja... Daí porém a dogmatizar ou tornar como verdade que o espírito, a alma, a essência vital, a individualidade [...] (ver com o autor) ...

E o ponto de apoio que me oferecem os [...] do espiritismo é fraco, frágil, debilíssimo.

Fico onde estou afirmando como sempre fiz, que o espiritismo está dentro de nós, que o espiritismo é a manifestação de forças latentes em cada um de nós e cuja soma e poder, mal estamos a perceber, neste século de conquistas do desconhecido, que os fenômenos metapsíquicos mais não são do que a conjugação dessas forças, a aplicação inteligente e ordenada dessas forças.

No dia em que forem completamente conhecidas essas forças – e quem nos diz que não estamos [...] dessa aurora de conhecimentos? –, no dia em que, para a produção dos fenômenos metapsíquicos não se tiver mais necessidade dessas criaturas tão doces e simples como as considera o amigo, as [...], Douglas Home e outros embusteiros, no dia em que, para a produção desses fenômenos não se necessitar os ambientes propícios [...] e prestidigitações, na penumbra, a semi-obscuridade e [...] forem banidos os bastidores reposteiros nas salas de experimentação; nesse dia Maurice

De Fleury e o próprio Richet serão todos como os verdadeiros defensores dessa grande ciência para a qual o espíritos [...] e as inteligências esclarecidas voltam, tendo de lutar com os mistificadores de todo gênero desde os Mozart [...] acapadoçados, até ao inteligentíssimo e hábil Douglas Home, que, na ocasião de morrer dizia ao dr. Phillip Davis: “Quanto a mim, nunca encontrei espírito, no meu caminho. Servi-me para dar as minhas experiências, uma aparência de mistérios... Não! Um médium não pode acreditar em espíritos. E mesmo único que nisso nunca possa acreditar...” Este já vai logo, amigo. Só me não estendo mais porque não quero abusar da munificência dessa ilustrada redação, que me tem acolhido estas missivas com a distinção e fidalguia que caracterizam cavalheiros da mais alta linhagem espiritual.

Com efusivos cumprimentos e “Boas Festas” do seu

Cola. e amo.

Lacerda de Almeida Junior<sup>9</sup>

Nesse ínterim, vinha a propaganda<sup>9</sup>:

O NACIONAL NUM. 47

30º. Corpo Auxiliar da B. Militar

Passou no dia 24 do corrente mes, terça feira ultimo, o primeiro aniversário da criação do 30º. Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Estado.

Em comemoração a essa data, realizadas no lugar do antigo matadouro municipal um convésco para o qual foram convidadas diversas pessoas grãtes desta cidade, e autoridades civis e militares, tendo tambem comparecido o sr. Armando A. Annes, intendente municipal e numerosos convidados.

Ahi foi servido aos presentes um gorilo churrasco, regado a «chopp».

Por essa ocasião usou da palavra o orador oficial sr. Ciscio Antonino Xavier e fez uma pronúncia uma e brilhante oração allusiva.

aram ainda o Cap. Medeiros, Corpo, dr. Alberto de Magalhães, o segundo do Oitavo Regi-

**BREVEMENTE**  
será exposto á venda o livro de costumes serranos

**“O Puchirão do Gé Picaço,,**

do festejado literato patricio  
**DR. LACERDA DE ALMEIDA JUNIOR**

Tratando se de edição limitada, os interessados deverão fazer os seus pedidos com antecedencia, á editora

**LIVRARIA NACIONAL**  
CAIXA POSTAL N.º 85 — PASSO FUNDO

PAG. 7.

# 1926

Quer me parecer que Lacerda Almeida Junior, autor do livro *O puchirão do Gé Picaço*, como veremos adiante, era um homem de decisões rápidas, pois a inspiração aconteceu em fins de setembro, a justificativa foi feita em outubro, a propaganda do livro fez em dezembro e já em janeiro obteve análise elogiosa do livro pelo sr. Eurenno Fraga. A imprensa, restrita pelo menos ao jornal *O Nacional*, não escreveu uma linha sobre o autor e seu livro<sup>10</sup>.

Quem sabe o jornal *A Gazeta*, do dr. Ney de Lima Costa, jornalista, advogado e comerciante, tenha argüido e rebatido o dr. Lacerda e respondido a queixa apresentada pelo ten. Laureano de Moraes Branco contra aquele jornal<sup>11</sup>.

Observo que, após o aviso do sr. Gumercindo dos Reis, de ter nomeado o dr. Lacerda como seu procurador<sup>12</sup>, o dr. Antônio Bittencourt de Azambuja, intendente demissionário em 1922 e depois deputado estadual em 1927, recebeu em penhora bens de meu tio-bisavô, Boaventura Dias Garcez, 1º suplente de juiz de paz de Santa Maria, tendo o dr. Azambuja ido residir uns tempos na Boca do Monte, motivos pelos quais fazia com que me confundisse, pensando que o caso do Cacimbinha tivesse se originado em Passo Fundo. Mais tarde, como veremos, desfaço o meu engano.

Nesse ínterim, recorri ao auxílio da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil – Sub-Seção Passo Fundo), na pessoa de seu ilustre presidente, dr. Jenoino Tonial, e passei sistematicamente a cobrar uma resposta sobre a filiação advocatícia do dr. Lacerda de Almeida Junior.

Até a metade de 1926, nada mais encontrei sobre o dr. Lacerda, ao que suspendi temporariamente a minha pesquisa em junho de 2001, só a retomando em outubro, pois sem obter maiores resultados das OABs, intuitivamente, resolvi pesquisar o jornal *O Nacional*, do período de junho de 1926 a agosto de 1927. E vejam a surpresa!

1º) Em petição ao sr. juiz, datada de 26/06/1926, aparece aos meus olhos pela primeira vez o nome completo do autor e logo em seguida, novamente, em edital, como procurador do dr. Ernesto Schmiedt, residente no 4º Distrito de Não-Me-Toque. Seu verdadeiro nome era: dr. Francisco de Paula Lacerda Almeida Junior.<sup>13</sup>

2º) Nome completo que encontro apenas essas duas vezes, pois, inclusive nos jornais, livros, revistas e onde trabalhou, aparece sempre como “dr. Lacerda Almeida Junior.”

3º) Corri até a OAB de Passo Fundo para retificar o nome do dr. Lacerda, mas, na ausência de uma resposta afirmativa da OAB de Porto Alegre, pois em nenhum nome foi encontrado o seu registro, (e não poderia existir mesmo, como veremos em 1932), vi-me na contingência de descobrir novos fatos sobre sua vida, a qual foi se transformando num exercício de entendimento dos fatos políticos que antecederam a Revolução e a transformação do país, com a ascensão ao poder dos liberais e libertadores do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba.

4º) Em 1926 havia notícias de somenos importância sobre Lacerda Almeida Junior como a defesa de um réu e o fato de ter advogado a favor da firma do barão José Antônio Loureiro, onde atuava na acusação e o dr. Ney de Lima Costa na defesa, sendo que este último ganhou a causa<sup>14</sup>.

5º) A *Gazeta*, do dr. Ney de Lima Costa, cumprimentou *O Nacional* pelo seu aniversário<sup>15</sup>. Após, o jornal foi vendido para o sr. major João Carlos de Araújo e Silva, passando a ser editado no distrito de Carazinho<sup>16</sup>. Sem o jornal, o dr. Ney, tornou-se empresário e proprietário do Cine Ideal e do famoso Cine Coliseu<sup>17</sup>.

DIRECTORIA GERAL

1.ª DIRECTORIA

N.º 82

Estado do Rio Grande do Sul

Repartição Central da Secretaria de Estado dos Negocios do Interior e Exterior. Porto Alegre, 11 de janeiro de 1907.

Mo Sr. Boaventura Dias Garcez, no S.º distrito de Santa Maria:

Communico-vos que por titulo desta data fostes nomeado para exercer o cargo de 1.º suplente do juiz distrital dessa circumscripção.

sendo-vos marcado o prazo de 30 dias, afim de prestardes o devido compromisso, do qual fareis aviso a esta Repartição.

Saude e fraternidade.

O Director Geral,

Arde. Narciso de Brito e Silva

Certidão de nomeação de Boaventura Dias Garcez. Primeiro suplente de juiz de paz de Santa Maria.

# 1927

Anoto, como curiosidade a existência, em 1925, de 155 automóveis particulares, 12 de praça e 20 caminhões<sup>18</sup>, enfrentando a maioria das ruas ainda sem calçamento.

A família Lima Costa desfrutava de bom momento: o irmão do dr. Ney, José Luiz Bonaparte de Lima Costa era escrivão do 1º Cartório de Órfãos<sup>19</sup>; o outro irmão, Pellisier de Lima Costa, tesoureiro do Banco Pelotense, mais tarde transferido para Rio Pardo<sup>20</sup>; seu filho, Milton de Lima Costa, aluno do colégio militar da capital, estava a passeio em Passo Fundo<sup>21</sup>; sua filha, Carmen Lima Costa, foi eleita rainha do carnaval naquele ano e a esposa do sr. Ney, sra. Percilia Eichemberg Costa, aniversariava dia 8 de julho<sup>22</sup>.

Para corroborar minha afirmativa do que se perdeu d'aquela caixa de livros, aparece em vários números do jornal *O Nacional* a listagem de livros oferecidos pela Livraria A Nacional, de propriedade do sr. Theófilo Guimarães<sup>23</sup>.

Além de um relógio entregue aos cuidados do dr. Lacerda Almeida Junior, para que seu verdadeiro dono o identificasse<sup>24</sup>, o mesmo, trabalhava como assistente da acusação no Tribunal do Júri<sup>25</sup> e integrava a banca examinadora de inglês no Instituto Ginásial<sup>26</sup> (atual IE), bem como atuou como procurador na Divisão da Invernada do Bugio<sup>27</sup>, de dna. Eufrazina de Oliveira Miranda, viúva de Estanislau de Barros Miranda, e anunciou uma iniciativa arrojada para a época numa cidade do interior (com certeza uma instituição precursora de nossa Faculdade de Economia, criada

e dirigida pelo dr. Lacerda de Almeida Junior), a Academia de Comércio de Passo Fundo<sup>28</sup>. Infelizmente, a fonte não dá maiores esclarecimentos, se houve sucesso ou não, mas deduzo que foi o embrião de curso semelhante, mais tarde criado no Instituto Ginásial.

Academia de Comércio de Passo Fundo  
(Primeiro)

A feliz iniciativa de esforçados elementos de nosso meio, a cuja frente se acha o dr. Lacerda Almeida Junior, conhecido advogado e professor nesta cidade, deveria Passo Fundo, em pouco, contar com a criação de uma Escola Superior de Comércio.

Não procuraremos nestas poucas linhas encarecer as vantagens que o projetado instituto trará e garantirá a esta terra de progresso e trabalho, pois que ressaltam elas de per si. Basta-nos a consciência de que, emprestando o nosso decidido apoio ao grande empreendimento, cumprimos um dos pontos cardeais de nosso programa de tudo envidarmos pelo progresso material e moral de nossa terra, a quem prestamos o nosso mais carinhoso esforço.

Quanta atividade, quanto valor não se perdem na densa massa de nossa população, porque não temos uma instituição como a que, breve, será entre nós uma realidade.

Devido a nossa situação geográfica, poucos, muito poucos dentre os representantes de nossa mocidade podem curar de sua cultura intelectual.

Em que pese aos impenitentes detratores do bacharelismo no Brasil, um dos maiores do nosso país, é a impossibilidade de se difundir a instrução superior, por isso que ela quase que uma prerrogativa dos eleitos da fortuna, devido a distância em que se acham as faculdades de ensino superior das zonas mais populosas deste vastíssimo país.

Afora alguns institutos de ensino secundário, disseminados em distantes pontos do nosso território, as faculdades onde se ministra a

instrução superior demoram, em geral, nas capitais, o que as tornam inacessíveis à mocidade de centros, como o nosso, quase remotos. Na fatal strength for life de nossos dias vence o mais apto, o mais hábil, o mais competente. O comércio, acompanhando a evolução das demais atividades humanas, exige, hoje, uma competência que não se exigia quando o empirismo reinava em roi. Os conhecimentos necessários atualmente para atingirmos a relativa perfeição na arte de “permuta de valores”, levam os que querem ir mais além da função mecânica de “intermediar” a se prepararem, a ilustrarem o espírito, a fim de podermos competir com os que são maneiros no lidar com as ciências que se lança mão para acompanhar o perfeito conhecimento da grande arte que repousa na lei fatal da “oferta e da procura”.

Pois ao que nos consta, a Academia de Comércio de Passo Fundo, que se propõe a ministrar aos jovens de ambos os sexos os conhecimentos técnicos necessários à carreira comercial, já, não só com um competente corpo docente, constituído de pessoas de reconhecida capacidade intelectual, como conta já dispõe de alunos em crescido número, entre os quais se contam algumas senhoritas das mais distintas da nossa elite que pretendem seguir a carreira comercial.

Sabemos mais que é pensamento dos diretores do novel instituto inaugurá-lo o mais breve possível em prédio confortável cuja construção está a ultimar-se.

Como vêem os nossos leitores, a notícia, que vimos de dar, é a mais auspiciosa, pois representa uma verdadeira conquista para o nosso meio, restando-nos deixar aqui expressos os nossos ardentes votos para que a Academia de Comércio de Passo Fundo seja amparada pela sympathy de nossa população e, mui principalmente, pela nossa juventude, que disporá, daqui por diante, dum instituto onde possa preparar-se para abraçar a carreira comercial, fonte inexaurível de riqueza pública e privada<sup>29</sup>.

## Academia de Comércio de Passo Fundo (Segundo)

Causou a melhor impressão – e não podia deixar de assim ser – a circunstanciada notícia, por este jornal publicada, em seu último número, respeito à fundação, nesta cidade, duma Escola Superior de Comércio.

Ao que parece, a Academia de Comércio de Passo Fundo, nasce sob os melhores auspícios, pois que, não só a nossa notícia foi amplamente comentada nos meios comerciais, como diversas foram as pessoas que procuraram esta redação em busca de pormenores relativos ao funcionamento da academia e as matérias que constituirão o seu curso.

Melhor informados, hoje, podemos adiantar que, na academia serão aceitos alunos de ambos os sexos; que os diversos cursos funcionarão à noite, sendo o expediente escolar das 17 às 20 horas e que as matérias constitutivas do curso serão: Português, Francês, Aritmética, e Álgebra (até as equações de 1º grau), Geografia Comercial, Escrituração Mercantil e Contabilidade Bancária, Física e Química, Economia Política e Direito Comercial e Merceologia.

Por último, relativamente ainda ao curso, será este dividido em quatro séries, sendo cada série estudada em um semestre.

Sabermos, finalmente, que a matrícula já se acha aberta, contando presentemente, a Academia com diversos alunos inscritos.

Estas informações foram-nos ministradas pelo dr. Lacerda Almeida Junior, ao que nos consta, diretor da academia e que se encontra diariamente em sua residência à disposição dos interessados que desejem maiores esclarecimentos relativamente ao funcionamento da Academia.<sup>30</sup>

Como última notícia do ano, houve uma homenagem no jornal *O nacional* ao sr. Antônio Augusto Graeff, um dos personagens importantes (Andoninha) desta história, nos versos do *alemão*, que consta no livro objeto desta pesquisa *O puchirão do Gé Picaço*.<sup>31</sup>

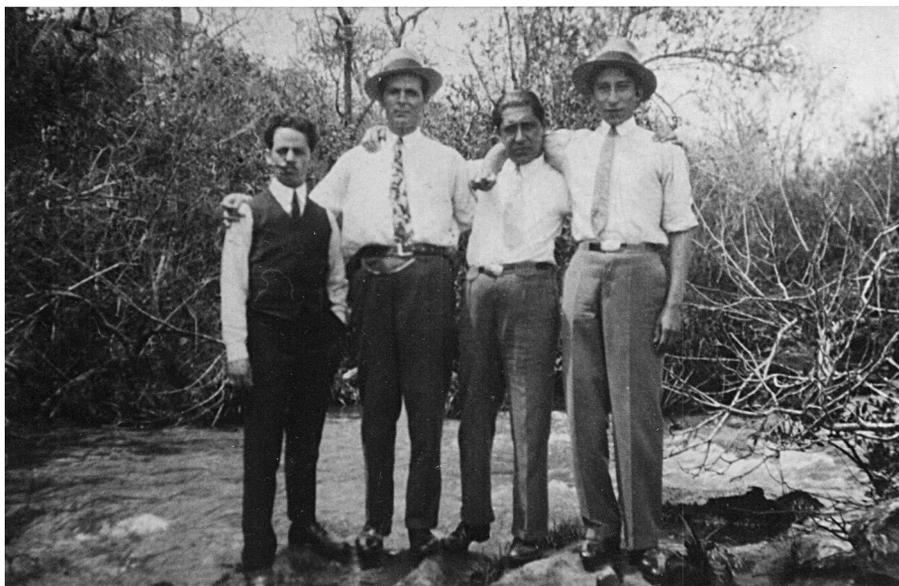


Foto tirada na Festa de São Miguel, em 29 de setembro de 1928. Da esquerda para a direita: Waldemar Almeida, Antonio Augusto Graeff (Nenê), Murilo Ferreira da Silva e Antonio Ferreira da Silva "Camacho", que equilibravam-se dentro do lageado do Pinheiro Torto.

# 1928

A tempestade se aproximava, mas enquanto isso, os políticos opositoristas (PL), cel. Polydoro Albuquerque e Pedro Lopes de Oliveira, perderam as eleições para o cacique da política, dr. Nicolau de Araújo Vergueiro<sup>32</sup>, e Passo Fundo recebeu a honrosa visita do dr. José Gugiara, presidente da República do Paraguai<sup>33</sup>.

Jorge Barbieux publicou interessante artigo, intitulado *Pistolão*, e o dr. Ney avisou 40 que seriam pagas as indenizações, cinco anos depois<sup>34</sup> da Revolução de 1923, além de o mesmo ter fundado e presidido o Tênis Clube de Passo Fundo, anexo ao Clube Comercial<sup>35</sup> e que teve o seu expoente máximo no uruguaio naturalizado brasileiro Elias Baez Villanueva (Pitu)<sup>36</sup>, comerciante, com loja de automóveis na rua Cel. Chicuta, nº 17 (onde também estava instalado o Consulado da República Oriental do Uruguai), casado com Dolores Garcez, foi o campeão da região serrana, por ocasião da inauguração da cancha em 25/02/1930. Tive a honra de conhecê-lo, atuando como jornalista, por ocasião da fundação da CDL de Santiago, juntamente com os drs. Cláudio Marcolin Zanatta (presidente) e Isaias Bacaltchuk (delegado distrital da Federação das CDLs do Rio Grande do Sul).

Enquanto isso, o dr. Lacerda conseguiu a transferência de um terreno em despacho da Intendência Municipal<sup>37</sup>; atuou nos exames do Instituto Ginásial (na época, municipal), na Banca de Exames de Português, Francês e Latim, válidos para admissão em escola superior<sup>38</sup>, tendo após se dirigido a Boa Vista do Erechim, como procurador dos candidatos opositoristas na eleição do Conselho Municipal<sup>39</sup>, e no seu regresso, participou de um jantar íntimo como convidado especial e orador no ginásio Conceição, dirigido pelo professor Emilio Stigler<sup>40</sup>.



Avenida Brasil, Passo Fundo. Início do século XX.

# 1929

Apesar de os autores fazerem os seus livros, são os livros que fazem seus autores, deixou-nos dito o famoso articulista de *O Nacional*, Valdemiro Portugal<sup>41</sup> no início do longo ano de 1929, repleto de acontecimentos e preparativos para uma revolução, rápida, vitoriosa e duradoura, que fervilhava em Porto Alegre, mas que foi tramada em Passo Fundo.

Pela ordem cronológica dos fatos ocorridos neste ano, julgo, será melhor entendido o seu desenrolar, pois já no dia 26 de janeiro o dr. Assis Brasil, chefe da oposição, visitou Passo Fundo e foi saudado pelo dr. Lacerda Almeida Junior no Coliseu, onde se concentraram os assissistas<sup>42</sup>; seguiu-se um jantar íntimo com o dr. C. Flores Pinto<sup>43</sup>, ex-juiz distrital de Passo Fundo, natural de Santiago, e em seguida uma ceia íntima em comemoração ao aniversário do dr. Lacerda, dia 5 de março<sup>44</sup>, mês em que recebeu da Cia. Telefônica Rio-Grandense o seu telefone de nº 73.

O dr. Ney de Lima Costa comemorou o seu vigésimo aniversário de casamento<sup>45</sup>. Foi ele quem respondeu criteriosamente, em longo artigo, sobre as razões da impossibilidade de implantação de um teatro em nossa cidade<sup>46</sup>; também lançou, mapeado e organizado por ele mesmo, a Vila Carmen<sup>47</sup>, com certeza em homenagem à filha Carmen Lima Costa, vila esta oficializada pelo sr. intendente, com 14 ruas e uma praça, cujo mapa está inserido em *O Nacional* do ano seguinte<sup>48</sup>.

Na fundação do Grêmio da Mocidade Libertadora Gen. Prestes Guimarães não constava o nome do dr. Lacerda<sup>49</sup>, da mesma forma na fundação do Comitê Pró Getúlio Vargas também não estava presente<sup>50</sup>, pois se encontrava viajando para São Paulo e Rio de Janeiro, mas, na inauguração do retrato do patrono gen. Prestes Guimarães, o dr. Lacerda foi o orador e apresentou a biografia do ilustre líder passo-fundense da Revolução de 1893.

Curioso é notar, no segundo ato, o dr. Ney e alguns Libertadores aderirem ao comitê e depois se arrependarem.

Para melhor compreensão, vão aqui transcritas:

- a) opinião política do dr. Lacerda em favor da candidatura do presidente de Minas Gerais ao governo do Brasil (artigo: *A diretriz que nos convém*);
- b) advertência política do dr. Lacerda sobre julgamento e a Revolução de 30 que se avizinhava (artigo: *Cuidado general!*);
- c) momento político nacional;
- d) entrevista com o dr. Lacerda Almeida Junior, recém-chegado do Rio de Janeiro, sobre as eleições de 1929.

*A diretriz que nos convém*

O problema que mais deveria interessar a opinião nacional e a cuja solução o povo era geralmente alheio, ao que parece, desta feita, vai interessar e apaixonar mesmo a alma brasileira.

O banquete de Barbacena rasgou novas diretrizes à política nacional.

Senão houver tibieza de parte do sr. Antonio Carlos, um novo systema político vem de descerrar para o Brasil Republicano, sistema esse que será o limiar de uma nova era de verdadeiro regime democrático, ou seja, a nação governando-se a si mesma.

O que até aqui tivemos nada mais foi do que o caciquismo político; o que vicejou no Brasil, até hoje, não foi mais do que um odiento e odioso cesarismo.

Não satisfeito com a soma de poderes que a Magna Carta lhes conferia e confere, os presidentes da República, até aqui, têm invadido a ordem da soberania, que só ao povo deve corresponder e arrogar-se o direito de fazer os sucessores, num gesto, aliás, caricato, de copiarem os cânones políticos do Rio Grande, “para não quebrar a continuidade político-administrativa”...

O ambiente tristíssimo que nos deprimia, diante do tribunal da nossa consciência coletiva, cambiaria, tudo dependendo do ânimo, da envergadura, do civismo do sr. Antonio Carlos.

O banquete de Barbacena é o tocsin, dessa época de negação democrática e deturpação republicana. As suas badaladas alviçadeiras estavam a dizer ao povo que é necessário cerrar fileiras em torno do presidente mineiro, pois que daquelas bandas é que se iria levantar o antemural da reação e a catapulta que esmagaria, que sepultaria, não os hábitos obsoletos, mas a prática criminosa de se arrogar o Cattete o direito de ter candidatos.

Só o povo, pela constituição política, tem o direito de indicar, escolher e sagrar um seu concidadão à mais alta magistratura administrativa do país.

Como pois admitir, tolerar sequer, que um Washington qualquer, pisando a constituição e espoliando o povo de sua máxima prerrogativa, dissesse que o “seu” candidato é, por exemplo, o tal de Julio, que, para maior confusão sua e vergonha nossa, se chamava Prestes?

Como, pois, suportar, o povo, a viltade de ver arrebatada de seu patrimônio político aquela regalia que representa a coluna mestra do regime: o direito de governar-se a si mesmo, escolhendo e elegendo o cidadão de sua preferência, para presidir os destinos de um país onde tudo é livre, e só é escravo o homem, porque até aqui foi covarde?

Não busquemos mais longe a origem da gafeira que, durante “quarenta” tem corroído o corpo chagado desta república que o solar dos barrigas, daí do ato condenável, do vezo criminoso, da

prática abusiva do presidente passar as rédeas do cargo governamental ao trintanário de suas preferências, é que nos vem todo o mal que tem infelicitado a nação e abastardado o caráter nacional, fazendo de nossos políticos as erganzeladas regateiras do regime! Nunca como nesse momento se delineou mais nítida e possível a reação vitoriosa do povo contra a carta de variados políticos profissionais.

O golpe primeiro, o lance inicial é daqueles que garantem a vitória final. No xadrez político, o banquete de Barbacena representa o cheque de pastor que nobre soube garantir a partida, desmoraliza o antagonista...

Com o gesto reivindicatório de Minas, está a solução certa ao nosso problema maior.

O que se impõe agora é que todas as comunas do Brasil levem, sem tardança, o seu apoio ao homem eminente que, numa verdadeira antevisão de estadista, teve coragem de enunciar a frase, hoje célebre: “Façamos a revolução, antes que o povo a faça!”

Mister se torna neste momento o sr. Antonio Carlos tenha o aplauso e as manifestações de solidariedade de todo o Brasil liberal. A solidariedade em massa do eleitorado mineiro, representando mais da metade da população eleitoral do país, os 50 mil eleitores da oposição do Rio Grande já deveriam ter levado, pelo seu órgão deliberativo, a segurança de que estamos incondicionalmente com a candidatura Antonio Carlos, uma vez que tal candidatura é de combate ao Catete e, em última análise, representa ela a concretização e a realização de nosso programa Representação e Justiça, porquanto o presidente mineiro, assim como em Minas, instituiu o voto secreto, logicamente teria de bater-se por ele e conseguiria com certeza a sua adoção no Brasil.

E o voto secreto é a maior segurança para a verdadeira representação, assim como a verdadeira representação decorreria logicamente a verdadeira justiça.

Esta é a verdadeira diretriz que nos convém!

Lacerda de Almeida Jr.

“O Nacional, respeitando as idéias de seus colaboradores, não as tem como suas nem por elas se responsabiliza”<sup>51</sup>.

Cuidado, general!

Não é este o lugar mais próprio para fazer-se elogio da profissão que arrancou da pena fulgurante de Ruy Barbosa e a palavra santa de Henry Robert páginas magníficas e expressões alcandoradas, umas e outras formidáveis, como a lava incandescente de vulcões formidandos.

É tão grande a profissão de advogado e é tão nobre a grandeza de seu ministério, que a própria lei estanca diante dos conceitos mais ousados que ele julgue necessário expender, na defesa dum direito, e as mesmas imunidades que ela lhe confere na tribuna, são o non possumus com que reconhece que a liberdade é, para o advogado, o que o ar é para sua asa que se espalma para o remígio de assombrados.

Em face da maior e da mais respeitável das profissões, o espírito humano, numa reverência, parece que nos segreda: “Diante da grandeza do instituto, cesse o humano comentário!”

Estas considerações vieram da corrente calamo ao ler o apanhado que as gazetas fizeram, dos trabalhos da sessão do jury a que respondeu o acelerado assassino do cel. Pedro Arão.

Não tenho, por mais que me revolte a injusta decisão do Conselho de Sentença, uma palavra, um gesto que traduza a minha indignação do veredictum do Tribunal Popular; os seus componentes, os juízos de fato que trouxeram, da sala secreta, a absolvição do tigrino mutilador de Pedro Arão, tiveram os seus motivos para negar-lhe a autoria do fato nefando e revoltante.

Que importa que as águas do magestoso Uruguai e o sol das plagas livres da América e os gigantes inermes que, com um aco-

tovelamento primitivo, povoam as florestas das ribas missioneiras sejam as melhores testemunhas que apontam este bárbaro, que traz como sainete maldito um nome pagão como sendo o infame abutre que antes de devorar a presa lhe arranca os olhos?

Que importa?

Se o ministério do advogado é sagrado, a sentença dum júri é santa: “Non racionar de lor ma guarda e passa...”

Mas, no desenvolvimento da oração do sr. Flores da Cunha, há uma assertiva, das muitas ousadas que fez que não pode passar em julgado.

Não se diga que eu, um dos instigadores e responsável pela Revolução de 23, ouvi, calei e consenti que o seu aserto fique sem protesto, como se fora a verdade verdadeira. Não! Desde aqui protesto e apelo para a história, cujo tribunal incorruptível nos há de julgar: a nós, os caluniados “bandoleiros” e a eles os pombinhos sem fé!, os “pilares da legalidade”!

Quero referir-me ao ponto do discurso do tribuno, doublé de general, em que, advogado desse retardatário filho de Facundo Quiroga, afirma que a culpa das cenas que tiveram a sua máxima expansão de selvageria e trucidamento de Pedro Arão, cabe a nós, “os brasileiros infamérrimos” que atearam o fogo da revolução.

A história, às vezes, precipita os seus julgamentos definitivos e, no caso, quem sabe se ela já não decretou, num aresto inapelável que nós não fomos os infamérrimos ateadores da revolução?

Lacerda Almeida Jr.<sup>52</sup>

Minas Gerais e Rio Grande do Sul estavam unidos<sup>53</sup> e a candidatura única de Getúlio Dornelles Vargas foi lançada em 20 de julho. O Partido Republicano de Borges de Medeiros e a Aliança Liberal (PL) apoiaram GG (apelido de Vargas) logo em seguida. O dr. Antônio Bittencourt Azambuja foi o vice-presidente do Diretório Libertador e do Comitê Pró-Getúlio; Antonino Xavier e Oliveira foi o presidente e o dr. Lacerda Almeida Junior o 2º secretário,

isto logo após o lançamento do Programa da Aliança Liberal, em 17 de agosto, comemorado com comício e churrasco no 1º Distrito de Fachinal<sup>54</sup>.

Esgotou-se e não existe nos arquivos a edição de número 451 de *O Nacional*, entre 3 e 13 de agosto de 1929. Interessante notar-se, também, que os jornais de 1923 e 24, coincidentemente anos de revolução, sumiram dos arquivos. Presumo que historiadores e pesquisadores que nos antecederam, os tenham guardados como *recuerdo*, infelizmente.

O dr. Lacerda continuava na faina; viajou a Palmeira das Missões<sup>55</sup>, com certeza para conferenciar com o açoriano, cel. Vazulmiro Dutra, (avô do dr. Luthero Dutra Martins), mas em seguida participou das grandes comemorações cívicas alusivas ao 7 de Setembro, que constou de *corso* de automóveis e discurso do dr. Lacerda<sup>56</sup> e também na homenagem ao político sr. João Cony, da Frente Única, em banquete realizado no lendário Hotel Avenida<sup>57</sup>. Este cidadão acabou tornando-se comunista, foi preso, deportado e asilou-se em San Tomé, na Argentina.

Naqueles tempos, gastava-se discursos. No regresso do dr. Nicolau de Araújo Vergueiro de Porto Alegre e em plena visita à Redação do *O Nacional*, na fundação do novo Comitê do Movimento Liberal dos Viajantes, com recitação do Padre Nosso Liberal e tudo...<sup>58</sup>

Edital de citação: “O dr. Lacerda tornou-se procurador de dna. Maria Manoela Barroso, na divisão de bens da Fazenda Boa Vista do Bugre Morto no 6º Distrito de Passo Fundo”<sup>59</sup>.

# 1930

Inesperadamente, como redemoinho de poeira, começou na av. Brasil, nº 117 (hoje nº 1.110), residência do dr. Lacerda de Almeida Junior, e terminou na praça Mal. Floriano, em frente ao Cine Coliseu, o comício popular de protesto contra o dr. Ney de Lima Costa, que se bandeara para o lado do candidato paulista Julio Prestes Albuquerque à presidência da República<sup>60</sup>. Discursos inflamados dos drs. Antonino Xavier e Oliveira e Lacerda de Almeida Junior levaram o populacho ao apedrejamento do Cine Coliseu e mais tarde ao cerco da residência do dr. Ney<sup>61</sup>, cita na rua Gen. Osório, nº 5 (onde hoje funciona o Restaurante Velho Casarão, no Palacete de nº 934), oportunidade em que, interveio com a guarda municipal o sub-intendente do 1º Distrito, Leopoldo Vila Nova, para acalmar os ânimos e controlar a situação.

O que posso afirmar é que houve traição política do dr. Ney de Lima Costa e, em consequência disso, o sr. Ângelo Pretto, proprietário do imóvel, deu prazo de trinta dias para que o dr. Ney desocupasse o Coliseu; ajuizou uma ação judicial no 2º Cartório Cível, da qual houve decisão amigável<sup>62</sup>. Ato contínuo, o dr. Ney obrigou-se a vender o Coliseu para o sr. João de César e o Cine Central passou a chamar-se Cine Liberal em homenagem à União Cívica Liberal.

A família Lima Costa passou a viver um inferno astral, além de atingir seus negócios, a decisão do dr. Ney de apoiar o governo de Washington Luis deparou-se com o ódio político de mais de uma centena de famílias de políticos influentes de Passo Fundo.

Segundo dna. Leofrida Thevenet Barbieux, até as crianças, amigas de infância e de colégio, foram proibidas de manter amizade com os Lima Costa. Essa infeliz decisão, numa hora em que políticos inimigos davam-se as mãos, esquecendo 1893, 1923, 1924 e outras pequenas escaramuças, para conduzir o Rio Grande do Sul, através de Getúlio Vargas à mais alta magistratura do Brasil, maculou mais uma vez a vida política do dr. Ney de Lima Costa, desastre tal a que todos estamos sujeitos na vida. Ele não teve outra alternativa, quedou-se em Passo Fundo, como comerciante, advogado e jornalista até o fim de seus dias, convivendo com os poucos amigos governistas que lhe restaram e com os muitos inimigos que amealhara pela decisão político-partidária que tomou.

O *Maragato*, jornal de Sant'Ana do Livramento, fez alusão ao prestista dr. Ney, naquela ocasião inspetor federal nos exames do Instituto Ginásial<sup>63</sup>. Aqui, o jornal *O Nacional* era pró-Aliança Liberal de Getúlio Vargas e João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque e o jornal *A Gazeta* era governista, pró-Julio Prestes<sup>64</sup>.

A diretoria do Grêmio Antônio Carlos excursionou em caravana de trem, pregando os ideais liberais<sup>65</sup>. Depois de quase trinta dias de andanças e discursos em plataformas de estações, intendências e grêmios, onde foram em muitos lugares bem recebidos, noutros correndo até risco de vida, regressou a caravana liberal passo-fundense, tendo havido na recepção comício à noite e, após, um discurso, onde o dr. Lacerda foi carregado pelos participantes. E houve movimento liberal, com festa e jantar no Hotel Avenida com mais um discurso do dr. Lacerda pela Mocidade Libertadora e pelo Grêmio Antônio Carlos, pelo êxito da caravana a Santa Catarina e pelo Paraná<sup>66</sup>.

O artigo *Agonia das oligarquias*<sup>67</sup>, pareceu-me ser da lavra do dr. Lacerda, mas não tenho certeza, entretanto, no livro de Frederico Cúrio de Carvalho, intitulado *O presidente contra a nação*, editado pela A Nacional, encerrava o volume conferência do dr. Lacerda, realizada no Cine Coliseu, conforme noticiou *O Nacional*<sup>68</sup>.

Após, foram feitas homenagens ao dr. Edgar Luiz Schneider, deputado libertador na Assembléia de Representantes do Rio Grande do Sul, e houve mais um comício na praça Mal. Floriano<sup>69</sup>, onde o dr. Lacerda estava quase cansado de mostrar seus dotes oratórios. Também aconteceu a reunião do Partido Libertador, sob a presidência do gen. Felipe Portinho, onde foi eleita sua nova diretoria, tendo como presidente o sr. Inocêncio Schleder e como vice o cel. Antônio Quim César, tendo o dr. Lacerda também recebido expressiva votação<sup>70</sup>.

Chegou também em Passo Fundo, vindo de Uruguaiana, o futuro diretor do Instituto Ginásial, Willian Richard Schisler<sup>71</sup>.

Justamente no dia em que o dr. Lacerda viajou a Carazinho é que se instalou o caos na cidade, sendo o primeiro uma vibrante manifestação popular do movimento liberal que, furiosos e indignados pelos boletins atrevidos e desrespeitosos aos bríos do Rio Grande, exigiam a saída dos elementos provocadores da sua tolerância. Inflamados diziam: “Liberalismo e tolerância não são uma só palavra!”<sup>72</sup>. Sabe-se, porém, que foram expulsos e deixaram a cidade às pressas, os srs. Rego Lins, José Diniz e Oscar César.

Não bastasse isso, uma tragédia aconteceu no centro da cidade, numa confeitaria: o dr. Mozart Moraes Menezes, de 23 anos, promotor público e integrante da Aliança Liberal, foi assassinado, após breve discussão, pelo jornalista e advogado dr. Moura Carneiro<sup>73</sup>. O corpo foi velado na Sociedade Operária, em frente à antiga Joalheria Hexsel<sup>74</sup>, onde se decidiu, alguns dias após, erguer uma “herma” em homenagem ao liberal que tombou, local onde o mesmo havia proferido seu último discurso.

Após, na gare da Viação Férrea, realizaram-se as homenagens do povo de Passo Fundo ao jovem morto, com discurso emocionado do dr. Lacerda na despedida do companheiro em seu féretro para Santa Maria, onde foi sepultado.

O dr. Nicolau Araújo Vergueiro candidatou-se pela Aliança Liberal a deputado federal<sup>75</sup>; o sr. Vaz Antão, em poesia, achin-

calhou o sr. Washington Luiz Pereira de Souza, descrevendo sua visita a Passo Fundo em 1926<sup>76</sup>.

O dr. Lacerda defendeu um réu de homicídio, sendo este absolvido no Tribunal do Júri<sup>77</sup>, enquanto que o dr. Ney enviou um convite ao cap. Osvaldo Cristiano Sintz, de Erebangó, para que o mesmo arregimentasse votos para Júlio Prestes, sendo que obteve resposta negativa e ainda teve divulgadas suas cartas no jornal. E a propósito dessas cartas, o dr. Ney defendeu-se e jogou para o futuro a sua resposta, apostando na vitória de Júlio Prestes, o que viria a acontecer e que precipitaria a revolução<sup>78</sup>.

Já pertinho das eleições, sob o título *O cúmulo da mentira*, um jornal de Florianópolis diz que, em Passo Fundo, os generais Portinho e Lacerda Almeida fariam uma grande demonstração de força. O primeiro comandaria uma coluna de cavalaria e o segundo uma de infantaria<sup>79</sup> (talvez em alusão à Revolução de 23, oportunidade em que o gen. Portinho andava acompanhado do então jornalista carioca, citado por Ferreira Filho, Lacerda Almeida Junior).

Mais tarde, quem sabe, a notícia seria verdadeira, mas naquele momento, eram as eleições que interessavam e tudo era motivo para festa e discursos, como o realizado em Coxilha: um churrasco para 400 pessoas, onde o Liberal dr. Lacerda terçou as palavras<sup>80</sup>.

O resultado das eleições de 1º de março de 1930 foi desastroso<sup>81</sup>, Getúlio Vargas e João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque perderam as eleições, embora não admitissem ainda<sup>82</sup>. O dr. Lacerda, após defender-se em causa própria no Fórum, em artigo intitulado *A cavação nacional* e o pleito de 1º de março, refutou o dr. Ney de Lima Costa, candidato que fora a deputado federal, sobre a lisura do pleito.

É muito claro, embora tivesse ferido a tiro um eleitor no dia da votação e a imprensa não tivesse declinado o nome e silenciado após o fato<sup>83</sup>, o dr. Ney estava saboreando a vitória prestista e rindo de alto de seus inimigos políticos, como o dr. Lacerda e

tantos outros da época, ainda mais que o dr. Borges de Medeiros, republicano, e seu afilhado gen. Paim Filho, pelo jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, reconheceram a derrota da Aliança Liberal, dele, de GG e JP, declaração esta que, dias mais tarde, obrigou-se a desdizer devido ao clamor da opinião pública rio-grandense<sup>84</sup>, atitude esta da qual Getúlio Vargas se recordaria, como veremos mais diante. Derrotado, o dr. Lacerda correu a Porto Alegre, donde, em carta, relatou os últimos acontecimentos da eleição ao seu futuro companheiro de guerra, cel. Quim César<sup>85</sup>.

Em seu regresso, os ecos da tragédia da Confeitaria Esmeralda ainda se faziam sentir. Arrazoaram a apelação o dr. Nicolau Cristaldi, pelo Ministério Público, e o dr. Lacerda, pela assistência do réu Moura Carneiro, na morte do dr. Mozart Moraes Menezes Soares<sup>86</sup>.

Ainda em Notas Forenses, havia um *habeascorpus* requerido pelo dr. Lacerda em favor de José Troner<sup>87</sup>.

Quando as novidades pareciam encerrar-se, após a visita do intendente municipal, dr. Henrique Scarpellini Ghezzi, as instalações do frigorífico Cruzeiro do Sul, da família Borella, de Marau, a causa da minha dúvida interpretação, sobre os fatos do Cacimbinha terem se passado na Intendência de Passo Fundo e não na de Pinheiro Machado, desfez-se completamente, pois dizia a notícia de *O Nacional* que no domingo último, no Hotel do Sul, de Marau, um grupo de amigos ofereceu um jantar ao dr. José Apolito<sup>88</sup>, médico lá residente. Em nome dos que o homenagearam, falaram os srs. Valentim de César, Rodolpho Parasol e Salvador Mancuso. A verdade era cristalina, nos versos, o dr. Apolito era o chefe do Partido em Pinheiro Machado e apoiara, junto ao dr. Borges de Medeiros, a indicação do dr. Ney de Lima Costa à Intendência daquele novel município, hoje governado pelo sr. Carlos Ernesto Betiollo, re-eleito pelo PSDB, advogado e engenheiro agrônomo, sendo seu vice o sr. Carlos Eduardo Irigoyen Garcia. Perdida a confiança do partido através do dr. José Apolito e pressionado pela gauchada, obrigou-se a demitir-se do cargo de intendente

nomeado, indo morar em Bagé. Pelos meandros da política borgista, foi trazido pelo dr. Nicolau Araújo Vergueiro para Passo Fundo, onde passou a atuar como dentista, comerciante, advogado e diretor do jornal *A Época*, em 1921. Não resta dúvida de que os fatos se passaram, como dizem os versos, na lendária Cacimbinha, terra que homenageia o não menos lendário senador José Gomes Pinheiro Machado, filho do dr. Antônio Gomes Pinheiro Machado e de dona Maria Manoela Aires, ambos de tradicional família de Piratininga (SP).

Ainda no Marau, realizou-se espetacular festa de São João, com foguetório, missa, fogueira, pinhão, quentão e leilão de prendas, liderada pelo aniversariante, capitão João Antônio La Maison<sup>89</sup>, pai do não menos famoso, amigo e tradicionalista Antônio La Maison, cuja geração é um orgulho para os marauenses. Diversas autoridades, inclusive de Passo Fundo, prestigiaram os festejos.

Os acontecimentos da Paraíba originaram um telegrama assinado pelo vice-intendente dr. H. S. Ghezzi, dr. Lacerda Almeida e outros, dirigido ao deputado federal eleito, dr. N. <sup>a</sup> Vergueiro, protestando pelo esbulho eleitoral sofrido pela Paraíba e Minas Gerais<sup>90</sup>.

Para pasmo da nação, o cavaleiro da esperança, Luiz Carlos Prestes, declarou-se “comunista”<sup>91</sup>.

As vozes enérgicas do Rio Grande continuavam a trovejar através de João Neves da Fontoura e Batista Luzardo, inconformados pela derrota fraudulenta de que foi vítima a Aliança Liberal e seus candidatos<sup>92</sup>, tudo inserido nas 36 páginas de aniversário de *O Nacional*, ilustrado com diversas fotos de cidadãos ilustres da capital serrana e do estado<sup>93</sup>.

Na Seção Livre, no artigo transcrito do jornal *Vanguarda*, o dr. Ney de Lima Costa argumentou sobre a inconstitucionalidade da permanência do dr. H. Scarpellini Ghezzi no cargo de intendente no lugar de N. <sup>a</sup> Vergueiro. Julga ele que Passo Fundo por seu intendente estava fora da lei<sup>94</sup>. Sua argüição era válida, pois Júlio

Prestes, bem ou mal, havia ganhado as eleições e não era justo que os aliançistas derrotados permanecessem no poder.

Mas os acontecimentos se precipitariam. Uma comissão de recepção ao arce-bispo, dom João Becker, composta das mais expressivas autoridades de Passo Fundo, foi formada<sup>95</sup>. Convites e um programa oficial foram realizados e o protocolo incumbiu o dr. Lacerda de Almeida Junior de fazer a saudação<sup>96</sup>, representando o município, por ocasião da chegada de sua eminência, atos estes, que depois culminaram com a criação de uma comissão central, pró-construção do Palácio Episcopal e da Catedral Nsa. Sra. Aparecida de Passo Fundo, ficando o dr. Henrique Scarpellini Ghezzi como presidente e o dr. Lacerda Almeida Junior como secretário geral<sup>97</sup>.

Nesse ínterim, duas mortes enlutaram Passo Fundo e a nação brasileira, aqui o falecimento de Mariasinha Sturm Prestes, viúva do patrono dos libertadores de Passo Fundo, gen. Prestes Guimarães, e, no Recife, o assassinato do seu ilustre parente presidente da Paraíba, dr. João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (+ 26/07/1930, parente próximo do dr. Lacerda)<sup>98</sup>. No cemitério local, provocam do dr. Lacerda uma sentida oração de despedida dos libertadores à veneranda senhora e no patriótico comício na praça Mal. Floriano, novamente fez-se ouvir a voz do dr. Lacerda, com certeza, conclamando-os à luta, enaltecendo as qualidades do presidente paraibano que vinha sofrendo há meses pelo cerco armado na Região da Princesa, inclusive com a participação de Virgulino Ferreira da Silva (o Lampião) e seus jagunços, com o beneplácito do governo federal eleito.

Para melhor elucidação, insiro a cópia do artigo *Justo escaldão*, do dr. Lacerda Almeida Junior, e transcrevo o artigo de resposta *Ducha p'ra um*, do deputado perrepista Roberto Moreira. Vale lembrar que o jornal *A Gazeta* pertenceu ao dr. Ney e o jornal *A Gazeta* (do Rio) deve ter recebido do dr. Ney informações para sua resposta, a qual era esclarecedora, pois afirmava a participação

do dr. Lacerda Almeida Junior na Revolução de 1923 e de que forças participava.

Vejamos: as grandes colunas rebeldes eram chamadas “divisões” e seu efetivo variava segundo a região e o prestígio do chefe, que tinha o posto de “general” (p. 29). Ali se encontravam Felipe Portinho, Leonel Rocha, Zeca Neto, Honório Lemes e Estácio Azambuja, os generais da revolução, além de outros chefes de menor representação, como Chiquinote Pereira, Salustiano de Pádua e o ten. cel. João Rodrigues Menna Barreto (p. 100). Legendre Chagas Pereira era filho do gen. Hipólito das Chagas Pereira, daí o epíteto.

Justo escaldão

Eu não conheço o sr. Roberto Moreira, deputado por São Paulo. Segundo o cálculo das probabilidades, deve ser muito novo, porque não é do tempo em que eu, jornalista, encarregado de trazer, para os meus jornais, notas e novidades do que se passava nas altas esferas da política nacional, jamais topei com pessoa que, na Câmara, usasse tal nome ou pseudônimo.

Lembro-me, muito bem, do simpático Carlos Garcia, do businessman Villaboim, do formidável Cincinato Braga, do austero Prudente de Moraes Filho, do harmonioso Carlos de Campos e de tantos mais, tão ilustres como os nomeados. Deste Roberto Moreira, porém... Decerto é frango novo, cochincho, a quem calçaram, nos batoques, pua braba, razão por que nos atirou, há dias, numa arenga, que não teve a hombridade de sustentar em todos os seus termos, um golpe mortal, chamando-nos de “degoladores”.

Como já disse e quase provado está, pelos elementos que fui buscar à reminiscência, este tal Roberto é novo; novo e insensato, pois contrariamente, sendo ele paulista – e para ser bom paulista, deve ser neto de bandeirante – não nos deveria, a nós gaúchos, chamar de “degoladores”.

“Quem cospe para o ar, na cara lhe cai”, diz o rifão. Ora, como qualquer tolo e insensato, o cidadão Roberto, no auge de uma crise de insensatez, puxou lá das profundas, um frango alentado e... o soltou verticalmente. Resultado: o repugnante animalejo esparramou-se-lhe na escanhoadá e luzidia cara de orelhas novediças e, ei-lo, na ridícula postura de limpar com o lenço perfumado, as rubicundas faces de enfant terrible.

Que um qualquer Pai da Pátria, lá do extremo norte, nos dirigisse o epíteto injurioso, transeat. Mas, logo o sr Roberto Moreira, paulista, neto de bandeirante, isso é que não ficou bem a um filho de Piratininga.

Ora veja o sr. Roberto Moreira porque:

O Rio Grande do Sul é uma conquista de São Paulo, que o houve, tangendo o castelhano e o índio, para lá do Rio da Prata, a mosquete, cutiladas e ponta de lança. Quem dilatou as fronteiras da Pátria até as margens do rio famoso, sua natural divisa, foi o bandeirante, o filho de Piratininga, o paulista. E sabe o sr. Roberto Moreira quem foi o bandeirante, o filho de Piratininga, o paulista indômito que obrou tais valores?

Foram nada mais e nada menos, aqueles homens que hoje a História mutiladora da verdade e artista eximia da maquiagem, transforma em heróis e santos da nacionalidade, mas que não passaram de monstros desumanos que morriam devorados pela auri sacra fames, em meio a tormentos horripilantes que infligiam aos pobres índios e dos quais nos dão testemunho os padres jesuítas, os quais



horrorizados do que faziam os bandeirantes – “que chegavam a sustentar seus cães com a carne dos pobres índios”. – arrancaram do Papa Innocencio III, uma bulla em defesa dos míseros bugres, esclarecendo que eles eram homens também e tinham direito à vida. Ora, sendo nós gaúchos, produto étnico dos ferozes bandeirantes, descendentes daqueles heróis de Piratininga, que levavam a sua crueldade ao extremo de sustentar cães com carne humana, que absurdo há em que herdássemos essa crueldade de nossos avós paulistas?

Mas é um princípio de psicologia que os vícios e paixões de um povo se atenuam e diluem afinal, com o perpassar de sucessivas gerações.

Já fomos bandeirantes (dos legítimos de Piratininga); os nossos avós eram filhos de bandeirantes e, hoje, não somos mais do que netos e bisnetos daqueles homens que se não comoviam ante a dor humana.

Dos cruéis assassinos de bugres, conservamos o traço sangüinário que nos faz apenas degoladores, mas degoladores no auge dos nossos dissídios políticos, quando desesperados e sedentos de liberdade, trocamos as comodidades de nossas casas, pelas asperezas da luta nas coxilhas.

Ora veja o sr. Roberto Moreira a que ficou reduzida a injúria com que nos pretendeu fulminar! A injúria, às vezes, tem a trajetória caprichosa dos projéteis de arma de fogo: recocheta e vai ferir justamente a quem os deflagra.

Mas não estou zangado com o sr. Roberto Moreira; não estou! Porque se ele me injuriou, como gaúcho, também se injuriou como paulista que é.

E para provar que não estou zangado com s. exa. Vou, já e já, lhe dar a prova:

Dizem as gazetas – que souberam pela mensagem do sr. Presidente do estado – que São Paulo está com um deficit de 1.872.945.324\$340.

Pois bem, para diminuir os efeitos desastrosos da gestão do preclaro Julio Prestes, que vai “levar a República a glória”, graças a Deus prontifico-me, desde já, a entrar para o cofres públicos de São Paulo, com a última parcela da dívida formidável acima referida, ou seja com 840 reis.

A proposta que aí fica, é por bem da harmonia; é para que paulista e gaúchos façamos as pazes.

Agora, se o sr. Roberto Moreira não aceitar a proposta, então que fiquem as coisas como estão: eu me contento em ser degolador, mas o sr. Roberto Moreira fica sendo “bandeirante sustentador de cães com carne humana”.

Lacerda de Almeida Jr<sup>99</sup>.

Seção Livre

Ducha p’ra um...

O dr. Lacerda de Almeida Junior escreveu um artigo no O Nacional, em que pretende demonstrar que os rio-grandenses-do-sul são degoladores, porque foram conquistados pelos paulistas heróis e santos da nacionalidade, monstros desumanos que sustentavam cães com carne humana, e que sendo eu paulista, filho de Piratininga, seria responsável pela sanha sanguinária dos gaúchos, por serem eles produtos étnicos dos cruéis assassinos de bugres.

Mas o dr. Lacerda perdeu o seu tempo. Porque eu não sou paulista, sou natural da Paraíba. O dr. Lacerda pode, pois, e deve engolir o frango com cujas penas enfeitou (ou enfeiou) o seu alentado artigo. Diz ele ainda que não me conhece; é possível, porque eu também não me lembro de sua ilustre pessoa quando ia buscar notas e novidades para os seus jornais.

Seus jornais? Será mesmo que algum dia já foi jornalista o autor de Justo escaldão? Respondam os entendidos. A mim me parece que talvez não servisse nem para repórter.

Não sei quem seja esse homem.

Lembro-me de Alcindo Guanabara, José do Patrocínio, Assis Chateaubriand, Jefferson de Carvalho Dantas e de José de Souza Barros da Tribuna Gaúcha; mas do sr. Lacerda de Almeida Junior não tenho lembrança.

Vagamente me recordo de um mulatinho, pé de pato (não é Juca Pato, é pé de pato), muito pernóstico, revolucionário do Carazinho, vergueirista famoso, condiscípulo do arcebispo, e que andava pelos corredores da câmara, às vezes.

É provável que seja esse: amigo íntimo do Epitácio, do Ruy Barbosa, do Clóvis, do Borges, do Cardeal Arcoverde, batendo na barriga e tratando com a maior familiaridade o Carlos de Campos, o Prudente de Moraes, o Gaspar Martins, o Villaboim, o Júlio de Castilhos, o falecido imperador. Ora, o Pedro...

Eu ficava com uma inveja de ver o mulatinho, pé de pato...

Há de ser o mesmo, porque me consta que esse cujo tomou parte na Revolução de 23, incorporado as forças do general Legendre das Chagas Pereira, advogado e militar grandemente façanhudo, residente em Passo Fundo.

O agradecimento dos 840 réis fica para outro número. Isto vai por série para não ficar muito comprido.

É claro.

Roberto Moreira.

(Mandado transcrever de A Gazeta, de 2 de agosto de 1930)<sup>100</sup>.



Antigo Restaurante Rio-Grandense de João e Tereza de Senna – Av. 7 de Setembro esquina com General Osório.

Esses fatos aconteceram no mês de agosto. E no 3º Distrito de Coxilha, misterioso avião sobrevoava aquela região e os boatos se espalhavam de que era um avião espião de São Paulo, momento em que realizou-se a segunda Reunião pró-Palácio Episcopal, secretariada pelo dr. Lacerda e presidida pelo intendente H. S. Ghezzi<sup>101</sup>.

Diz a anotação dos viajantes que o dr. Lacerda regressou do interior<sup>102</sup>, mas, na verdade, esteve em Porto Alegre e descreveu o momento político, assinando como F.P., e só hoje me dou conta que F.P é o dr. Francisco de Paula Lacerda Almeida Junior e que

esse pseudônimo constava algumas vezes na primeira página de *O Nacional*, a qual vai aqui transcrita.

O momento político

Impressões de Porto Alegre

Quando chegamos a Porto Alegre, sexta-feira última, existia na capital o que se costuma chamar “um ambiente pesado.” Falava-se em Revolução para o próximo dia 7 e a constante chegada de tropas federais dava um ar de anormalidade à vida urbana.

À noite, principalmente, a ausência nas ruas do elemento feminino, substituído por soldados do exército, armados de sabre, dava à cidade um aspecto anormal de apreensão.

Toda a gente sentia a eminência de um levante armado.

No dia seguinte, sábado, desde a manhã, começaram a correr boatos de que o movimento fora suspenso e que se haviam entabulado negociações de acordo entre os governos federal e estadual, por intermédio do sr. arcebispo, D. João Becker.

Efetivamente, os matutinos anunciavam uma conferência na véspera, entre o dr. Getúlio e esse prelado, a quem, dizia-se, o sr. Washington Luiz Pereira de Souza confiara a missão pacificadora.

Esses boatos tomaram vulto e ouvimo-los como fato absolutamente verdadeiro, da boca de diversas pessoas que se poderiam dizer bem informadas.

Todo o dia, no Grande Hotel, onde se hospedavam diversos políticos, entre os quais o sr. Osvaldo Aranha e Senador Flores da Cunha, o movimento foi enorme e ininterrupto. As conferências se sucediam até altas horas da noite, o hall do Hotel estava sempre ocupado por personalidades representativas da política.

Dizem que “a voz do povo é a voz de Deus”; o certo é, porém, que no dia 6, sábado, data que a gente dava antes como véspera

do movimento nos meios melhor informados, havia já a certeza de que não haveria mais nada e que as negociações estavam em andamento.

Naturalmente, a maioria da população desconhecia o andamento do caso e a intranquilidade pública continuou, agravada ainda pelo enérgico e sombrio protesto do governo do estado contra a concentração de forças federais na cidade, estampado na Federação, na tarde de sábado.

Quais os termos do acordo? Indagava-se. Nesse sentido nada havia de positivo e caía-se no campo das puras conjecturas. Segundo uns, o sr. presidente da República havia recebido deste estado uma intimação, como última tentativa de paz, e resolvera parlamentar. Segundo outro, a iniciativa cabia exclusivamente ao sr. Washington Luiz Pereira de Souza, que agira espontaneamente, ciente do movimento que ia estalar.

O que ninguém duvidava porém, era a existência das negociações que se davam como certas. Talvez fosse ilusão, mas notamos nos políticos do Grande Hotel, um certo desafogo, uma alegria especial no sábado último. O sr. Flores da Cunha chegou a esgrimir alegremente a sua bengala, a laia de espada, contra o ventre do sr. Maurício Cardoso, num gesto irreprimível de contentamento e que contrastava grandemente com a sua atitude carrancuda da véspera.

Também o sr. Osvaldo Aranha, tresnoitado, com o seu imenso trabalho, estava sorridente e vemo-lo gracejar de muito bom coração, ao tomar o elevador.

Seria mesmo que o famoso “braço forte” resolvera descer do Olympo, num inesperado movimento de bom senso e de boa razão? Eis a pergunta que ainda hoje nós fazemos.

O tempo dirá.

O que não sofre dúvidas, porém, é que, esperando, devemos ter a mais absoluta confiança nos nossos homens públicos que hoje,

mais do que nunca, zelam pelo bom nome e pela honra do nosso Estado.

Enquanto aqui, desconhecendo os manejos sutis da política estadual, deixamo-nos, às vezes, levar por um pessimismo exagerado e por uma descrença infundada, eles, lá, arcando com a enorme responsabilidade do momento, trabalham sem descanso, noite e dia, num esforço titânico.

Devemos confiar, confiar sempre, afastando qualquer manifestação pessimista, mesmo sincera, como um derrotismo, incompatível com a situação.

Temos gente ao leme.

F.P.<sup>103</sup>

Uma semana antes, depois de os primos Eduardo e Pacifico Dias Garcez terem almoçado no Restaurant Rio-Grandense, de seu compadre e amigo, João e Thereza de Senna (avós do João Luiz e pais do Bráulio), localizado na rua Gen. Osório 1335, tel. 162, em Passo Fundo, o dr. Ney de Lima Costa penhorou a Ângelo Rosseto e, prevendo a precipitação dos acontecimentos, tratou de por a salvo sua família e seus bens, tentando desfazer-se de tudo que amealhara em mais de uma década em Passo Fundo. Anunciou, então, sua transferência para o Rio de Janeiro.

Riquíssimo leilão

Finíssimo mobiliário

Conjuntos de móveis do mais apurado gosto para dormitórios, sala de jantar, gabinete, sala de música, quarto de banho, etc.

Hoje Hoje Hoje

1<sup>a</sup> de outubro às 2 horas e dias seguintes às mesmas horas

Em palacete na rua General Osório n. 934

(Residência do ilmo. dr. Ney de Lima Costa)

O leiloeiro

Belmonte Vasconcellos

distinguido com as apreciadas ordens deste distinto advogado que com sua exma. família transfere residência para a Capital da República submeterá a franco leilão todos finos móveis, adornos e utensílios que guarnecem a sua luxuosa residência, destacando-se os seguintes lotes:

Cofre de aço, arquivo de aço, máquina de escrever, Bureaux ministro, armário para livros, trio de legítimo couro estofado, cadeira giratória, 6 cadeiras, estufadas em leg. couro, fino porta-chapéus com espelho de cristal fac, mesa para máquina, rico lustre de metal, tapetes.

Riquíssima mobília de sala de visitas, estufada em veludo Grenat, tremous com espelho de cristal facetado, cadeira de balanço, colunas, estatuetas, mesa de centro, estantes para músicas, abajur, ótimo piano, da reputada marca Schmidmayer completamente novo (lote de real valor)

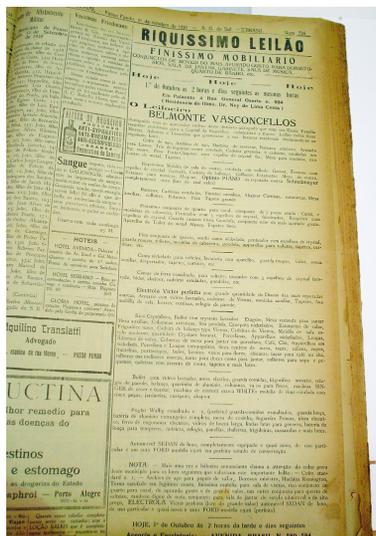
Bureaux, cadeiras estofadas, tinteiro metálico, abajur, cortinas, estatuetas, mesa auxiliar, colunas, poltrona, fino tapete grande.

Finíssimo conjunto de quarto para casal, composto de 7 peças sendo: cama, 2 mesinhas de cabeceira, penteador com 3 espelhos de cristal facetados, roupeiro com espelhos de cristal, guarda casacas ídem, gôndola, conjunto este do mais apurado gosto, aparelho de toilet de metal alpanca, tapetes finos.

Fino conjunto de quarto, sendo cama nickelada, penteador com espelhos de cristal, guarda-roupas, toilette, mesinha de cabeceira, gôndola, aparelho para toilette, tapetes, cortinas, etc.

Cama nicklada para solteiro, lavatório com aparelho, guarda-roupas, bidet, mesa auxiliar, despertador, tapetes, cortinas, etc.

Eletrola Victor perfeita, com grande quantidade de discos das mais reputadas marcas, armário com vidros lavrados, cadeiras de Vienna, mesinha auxiliar, tapetes, fina mobília de sala, lustres,



cortinas, relógio de parede.

Rica cristaleira, buffet com cem cristais lavrados Etagère, mesa redonda para jantar, mesa auxiliar, colunas artísticas, fina pendula, caxepots nickelados, estatuetas de valor, frigorífico novo, cadeira de balanço tipo Vienna, cadeiras de Vienna, mobília de sala estilo moderno, quantidade cristais [...], porcelanas, aparelhos nickelados, louças, adornos de vidro, cobertas de mesa para jantar em porcelana, café, chá, aparelhos em nickelado, porcelana e louças estrangeiras, finos centros de mesa, taças, cálices, copos, fruteiras, porta-

-copos, bules, bonitos vasos para flores, chúcaras, taças para café ou chá, talhares das melhores marcas, tanto para doces como para jantar, colheres para sopa e pequenas, cadeiras com acento de couro, tapetes e mais lotes.

Buffet com vidros lavrados, mesa elástica, guarda-comidas, frigorífico armário, relógio de parede, balança, quartinha de alumínio, colunas, vasos para flores, máquina Singer de tecer e bordar, máquina de costura marca White, mobília de vime estofada com [...] peças, jardineira, caxepots, abajur.

Fogão Wallig esmaltado n. 2, (perfeito) guarda-comidas esmaltados, guarda-louça, bateria de alumínio estrangeiro completa, mesa de cozinha, fogareiro Primus, idem elétrico, ferro de engomar elétrico, vidros de boca larga, lindas latas para gêneros, bateria de louça para temperos, cadeiras, relógio, panelas, chaleiras, frigideiras, cassarolas e mais lotes.

Automóvel Sedan de luxo, completamente equipado e quase novo, de uso particular e um auto Ford modelo 1926 em perfeito estado de conservação.

Nota – Mais uma vez o leiloeiro anunciante chama a atenção do culto povo deste município para os lotes seguintes que valorizam este importante leilão. – cofre standard n. 1- arquivo de aço papéis de valor, Bureaux ministro, máquina Remington, terno estofado em legítimo couro, finíssima mobília para sala de visitas, rico conjunto de quarto para casal, de apurado gosto e de grande valor; um outro conjunto para quarto de solteiro, também digno de cota, conjunto para sala de jantar de estilo admirável e de alto preço, eletrola Victor perfeita (lote de grande valor) automóvel Sedan de luxo, de uso particular e quase novo e auto Ford modelo 1926 (perfeito).

Hoje, 1º de outubro às 2 horas da tarde e dias seguintes.

Agência e escritório – Avenida Brasil n. 580, 584.<sup>104</sup>

O meu propósito não é narrar aqui as revoluções (e já passamos duas, 1923 e 24; as de 1926 e 27 não nos atingiram diretamente e estamos na de 1930)<sup>105</sup>, mas apenas pinçar e destacar durante os acontecimentos da vida passo-fundense a atuação de dois atores maiores deste livro que você tem em mãos, caro leitor, entre tantos outros, o dr. Lacerda Almeida Junior e o dr. Ney de Lima Costa. Entretanto, julgo oportuno, destacar a narrativa da ilustre escritora passo-fundense, Delma Rosendo Ghem, a saber:

O general Miguel Costa, segundo o intendente H. S. Ghezzi, permaneceu nesta cidade até a madrugada do dia 2 de outubro, quando seguiu de trem para Marcelino Ramos.

A sua presença em Passo Fundo era para articular a Revolução, conforme os planos arquitetados.

Ruy Vergueiro relatou à profa. Delma, que Miguel Costa, em Passo Fundo, hospedou-se na chácara do sr. Armando César Sobrinho, mais conhecido por Dudu, irmão do cel. Quim César, um

Am: e seu João La Maison  
saudações

Estava para escrever ao am: quando  
o sr. Marcelino Freitas promptificou-se  
a ser o portador.

Meim, aproveito a oportunidade para  
pedir-lhe que venha com a brevidade  
possível, trazendo o maior numero de  
homens que puder.

Deixo em pregar todo o esforço para  
reunir o maior numero possível, pois,  
estamos para seguir e precisamos de  
todo o pessoal com que pudermos contar.

O portador, sr. Marcelino, de minha vez  
nos fará em conhecimento de todos  
os acontecimentos que são, todos, muito  
bons para nós. A revolução está  
necessária em todo Brasil. Já está-  
mos vendo os seus efeitos e os  
que faltam, dentro em pouco, serão  
nosso.

Recordo do am: e compan-  
heiros Cel. A. Quim César.

Aranda, 5 de outubro de 1934

dos chefes da Revolução de 1923. Ali se encontrava com o mesmo Quim César e com os coronéis Edmundo Dalmácio de Oliveira (Mundica), Marcos de Oliveira Fortes (Marco Bandeira) Pires e dr. Lacerda Almeida Junior, que seriam os elementos-chave da revolução, organizando os seus comandados. Quase todas as noites, o general Miguel Costa penetrava na cidade, disfarçadamente, indo até a residência do dr. Vergueiro, a fim de inteirar-se das notícias oficiais vindas por intermédio de emissários, que aqui chegavam, seguidamente, regressando depois, altas horas da noite, à chácara onde se hospedara (GHEM, p. 131).

“A revolução brasileira no país – Declarada de sul a norte, às 17 horas do dia 3 de outubro de 1930”. “Os acontecimentos nesta cidade”. “As últimas informações”. “Ao povo de Passo Fundo”. “Manifesto do dr. Araújo Vergueiro”. “Fotos na primeira página, do gen. Ptolomeu Assis Brasil, Osvaldo Aranha e dr. Getúlio Vargas”. “Cerco ao 8º RI do Exército pelas forças civis”. “4º Grupo comandado pelo cel. Pires e pelo dr. Lacerda Almeida Junior”.<sup>106</sup>

Esses são alguns tópicos extraídos do jornal, que começaram a retratar o clima de guerra e a formação de diversos Corpos Provisórios – como lá nas fronteiras, a Coluna Revolucionária Honório Lemes, em homenagem ao caudilho guerrilheiro que recém havia falecido e que descansa em Rosário do Sul<sup>107</sup>; também houve a imediata criação do Comitê Liberal Revolucionário do Partido Libertador de Carazinho, do major Laudelino Garcez<sup>108</sup>.

Aviso: Corpo de Voluntários João Pessoa, um dos organizadores, o cap. João Antonio La Maison no Três Passos, a pedido de seu amigo pessoal, cel. Quim César, em carta a punho.<sup>109</sup>

Enfim, rapidamente, homens, cavalos e armas estão prontos para seguir, pois junto com o 8º RI que aderiu, sob comando do major César Martins, estão 150 homens ao comando do dr. Lacerda Almeida Junior e 300 ao do cel. Antônio Quim César.<sup>110</sup>

“Passo Fundo na revolução – o embarque da força do cel. César – Batalhão João Pessoa”. O dr. Lacerda narra os fatos e o

abandono de um recém-nascido à porta de sua casa nesse dia e que iria batizá-lo no regresso com o nome de João Pessoa.<sup>111</sup>

As forças passo-fundenses em campanha. Corpo Provisório do cel. Quim César chega a Marcelino Ramos, donde o dr. Lacerda remete ao *O Nacional* a primeira notícia publicada em 13/10/30<sup>112</sup>. A segunda da conta que todos passam bem em Herval (SC) e que a Revolução segue vitoriosa e já a terceira chega atrasada e da conta que estão acampados em Itapetininga (SP).<sup>113, 114</sup>

Ordem do dia

Batalhões sob comando superior do cel. Quim César

Parte de combate

Consoante ordem de Q.G. determinei na manhã de ontem que os batalhões (em organização) “Mozart Moraes” e “João Pessoa”, se apresentassem para marchar para a linha de frente, em direção a Morungava, o que se verificou as 8h 45min, com a partida dos mesmos seguidos do meu E. Maior(Extra) de Sengês, local onde haviam desembarcado pouco antes.

A marcha obedeceu a seguinte ordem – “Mozart Moraes” à frente, seguido do batalhão “João Pessoa” e o meu E. Maior fechando retaguarda.

Batalhão “Mozart Moraes” sob o comando cel. João Fagundes, que comandava em pessoa a 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> companhia, marchou em coluna por um, indo à vanguarda a coluna do major Frederico Curio de Carvalho, comandando as 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup>. Companhias.

Em seguida marchou o batalhão “João Pessoa” na mesma ordem de marcha que o anterior, sob o comando do cel. Dr. Lacerda Almeida Junior.

A missão principal dos ditos batalhões era fazerem a retaguarda do 15 R. I. e do 13 B. C. e do meu E. M. de ficar de reserva, somente entrando em fogo em último caso. As 12hs. as 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> companhias comandadas pelo major Frederico Curio de Carvalho,

em auxílio do flanco direito do capitão Izaltino, engajou combate com os adversários, havendo-se com admirável heroísmo.

Durante o combate saiu mortalmente ferido o bravo capitão Izaltino, tendo assumido o comando das companhias do 13 B. C. e grupo de metralhadoras comandadas por ele, o major F. Curio de Carvalho, que conseguiu conservar a linha de combate.

À tarde as ditas 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup>, companhia, comandadas pelo major Curio por escassez de munição, recuaram protegidas pelas 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> comp. do batalhão “Mozart Moraes”, para evitar um ataque envolvente, pelo flanco esquerdo, de vez que o 13 B. C. havia retirado do campo.

No campo de ação o batalhão “João Pessoa” tomou posição, fazendo retaguarda do 13 B. C. e batalhão “Mozart Moraes”, visando a posse do “Cerro Pelado” conforme ordens superiores.

O meu E. M. tomou posição na retaguarda do batalhão “Mozart Moraes”, tomando parte no combate sob o comando do tte. Eulalio Dornelles, havendo-se com verdadeiro desassombro.

Ao anoitecer cessou o fogo, conservando os batalhões “Mozart Moraes” e “João Pessoa” as suas respectivas posições, retirando-se o meu E. M. para Sengês, onde acampou.

Baixas – feridos do batalhão “Mozart Moraes” os bravos soldados Josino Ferreira, Sebastião Rodrigues dos Santos, Abel Longo e Antonio Padilha.

Feridos do batalhão “João Pessoa”: tte. Adriano Vicente de Oliveira, e soldados Alexandre Scarpini, Balduino Freine e G. Emilio Martins.

Salientaram-se – no combate, as 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> companhias do batalhão “Mozart Moraes”.

Louvor – mereceu louvores o major F. Curio de Carvalho das 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> companhias do batalhão “Mozart Moraes” durante o combate o cel. João Fagundes, por ter comandado em pessoa a 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> companhias do batalhão “Mozart Moraes” do qual é comandante, e o batalhão “João Pessoa” por se haver com distinção.



Da coluna cel. Quim César

Itapetininga, 28 de outubro de 1930.

Passo-fundenses.

Estamos em Itapetininga, a lendária Itapetininga dos bandeirantes, onde se armavam as “Bandeiras de Fernão Dias”, em meio ao júbilo do povo, ao estridor do velhos arcabuzes e escopetas, ao retinir das espadas e montantes e sob um dilúvio de lágrimas de noivas assustadiças, dos soluços das mães temerosas pelo que lhes pudesse acontecer aos filhos queridos, dos gemidos das esposas atrantíssimas que, com um beijo da despedida, deixavam-se quase morrer de pura saudade de seus esposos rudes e ambiciosos.

Mas esta Itapetininga de que falam as velhas crônicas heróicas e onde se vai, ainda, à mesma igreja, donde saía o guardião, com a sua capa de hyssope, acolitado pelo moço da calderinha para a benção ao pendão que ia conduzir os homens à aventura; esta Itapetininga, também, é a terra de ... seu Julinho.

Não sei, a mudança kaleidoscópica que se operou no sumário político da terra de Amador Bueno, de quem será maior, o assombro! Será o dos truculentos reacionários, ou dos martirizados democráticos aliancistas? Aqueles, com certeza, devem estar éblonis como dizem os franceses; devem estar atordoados, como o que sofre uma formidável pancada na cabeça, devem estar sentindo aquela ilusão que faz ver círculos concêntricos e multicores, diante dos olhos, porque francamente, nunca se viu uma coisa assim, em 22 dias ruir, em estilhas, uma máquina que eles supunham inderrocável! Estes, os democráticos aliancistas, vê-se, pelo sorriso beatífico que lhe ilumina a fisionomia, que estão em pleno sonho, talvez sentindo as delícias do céu de Mafoma, ouvindo o cântico das uris em meio as espirais do fumo cheiroso que se levanta dos nargillés...

Imaginem os meus leitores que, nesta cidade, só havia 25 opositoristas, 25 opositoristas, 25 democráticos aliancistas! Pois esse número, depois da nossa entrada triunfal na cidade, cresceu, cresceu tanto que não deixou nem mais...25 perrepistas!



Para amenizar os fatos, dizem que faltou *salame* em São Paulo e, logo em seguida, informou Julio Borella do frigorífico Cruzeiro do Sul de Marau, que o salame gaúcho seguia de trem<sup>119</sup>. Composições essas que em número de 116, no auge da revolução, passaram por Passo Fundo com destino a São Paulo, conduzindo 10 mil cavalos e 24 mil homens, com certeza, drapejando ao vento as cores da bandeira da revolução, branca e vermelha<sup>120</sup>.

Cabe aqui ressaltar a posição do sr. arcebispo dom João Becker, que se declarou abertamente a favor da revolução e inclusive disse ao papa, através de carta, que a revolução não era comunista nem tão pouco de segmentos, mas da nação brasileira<sup>121</sup>.

A revolução foi fulminante e, em menos de um mês, tomou-se Santa Catarina, Paraná e São Paulo; a 30 de outubro, atara-se os cavalos da gauchada no Obelisco em frente ao Catete no Rio de Janeiro; a 24, o presidente Washington Luiz Pereira de Souza estava preso; Júlio Prestes Albuquerque seria deportado, instalou-se o Governo Provisório e assumiu o dr. Getúlio Dornelles Vargas<sup>122</sup>.

A verdadeira revolução começara naquele instante<sup>123</sup>, os revolucionários estavam voltando para casa, para a sua querência, para os mais remotos rincões do Rio Grande do Sul e aqui, convocaram-se todos os familiares dos combatentes de Passo Fundo (8º RI, forças do cel. Quim César, dr. Lacerda Almeida Junior, João Fagundes, Brigada Militar e Polícia Municipal)<sup>124</sup> para recepcionar a Coluna Quim César que chegou na manhã do dia 17 de novembro, sendo recebidos entusiasticamente por mais de três mil pessoas na plataforma da estação ferroviária, saindo após em desfile aquela multidão embevecida e embriagada, pelo vitorioso e pronto regresso<sup>125</sup> pela vitória. Subiram a av. Gen. Neto, desembocando na av. Brasil, indo até a Intendência Municipal, em frente à Calçada Alta, sendo recebidos os comandantes Quim César, Lacerda Almeida e João Fagundes pelo intendente dr. Henrique Scarpellini Ghezzi. Depois das solenidades de praxe, com certeza muitos voltaram para casa, outros se esparramaram pela cidade, poderia ouvir-se a conversaiada dos mais velhos, as gabolices

dos guerreiros, a risada alegre das gaúchas, alguns poucos ais e felizmente poucas lágrimas. A alegria esparramou-se pela noite serrana em grande convescote oferecido aos passo-fundenses que voltaram da guerra.

O sr. Antonino Xavier e Oliveira proferiu discurso homenageando os heróis presentes: cel. Quim César, Laureano Moraes Branco (BM), dr. Homero Martins Batista (juiz da Comarca), dr. Henrique S. Ghezzi (governador municipal), Inocêncio Schleder (presidente do Partido Libertador) e tantos outros<sup>126</sup>. Falou o major Frederico Curio de Carvalho e, em nome do dr. Lacerda Almeida Júnior, discursou o sr. Antonio Carlos Rebello Horta, durante o suculento churrasco de dez reses especialmente abatidas para a festa, regado a bebidas sem álcool. Após o churrasco realizado no Engenho Cruzeiro, houve rodadas e rodadas de chope no Restaurante Central e homenagem de agradecimento às senhoras passo-fundenses que atuaram nas mais diversas fainas aqui na retaguarda, desde a confecção de roupas e uniformes até o serviço de enfermagem na Cruz Vermelha (como Nair Pereira Almeida, talvez esposa do dr. Lacerda), na pessoa da sra. Ana Theodora Oliveira da Rocha, pelos srs. cel. Antônio Quim César, cel. João Fagundes de Souza (Jango), comandante da Coluna Mozart Menezes Moraes e dr. Lacerda Almeida Junior, comandante do Batalhão João Pessoa.

Sabe-se, através do jornal *O Democrata*, que antes do regresso, o Batalhão Quim César recebeu uma homenagem dos paulistas de Itapetininga e o dr. Lacerda Almeida Junior agradeceu a honraria<sup>127</sup>.

Aqui, a festa prosseguiu. Por iniciativa do sr. Juiz da Comarca, dr. Homero Martins Batista, foi feita uma subscrição para inauguração de um retrato de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque no Salão do Júri do Fórum de Passo Fundo<sup>128</sup>. No Distrito de Pulador, no chão do dr. Lacerda, uma festa foi oferecida à oficialidade do Batalhão João Pessoa, pelo fazendeiro de Pulador, Narciso de Freitas Vieira e seus filhos, que regressaram do *front*

aos coronéis Lacerda e João Fagundes, este que aniversariava (em 25 de novembro) recebeu do seu companheiro, dr. Lacerda uma sentida homenagem. Na festa, um *churrasco de patrão*, regado a vinho colonial, canha, gasosa e doces diversos<sup>129</sup>.

Entretanto, no mesmo dia da chegada das forças vitoriosas, a Cruz Vermelha publicou a lista de soldados de diversos corpos de guerra, tratados no Hospital Central de Passo Fundo e atendidos mais de cinqüenta pelos Serviços da Cruz Vermelha<sup>130</sup>. Dentre eles, constam dois heróis anônimos, meus tios maternos, Francelino e Hobaldino Pereira Garcez, filhos de meus avós Pacífico Dias Garcez a Benevenuta Pereira Garcez, residentes no Rincão das Quinas, 3º Distrito de Coxilha.

Segundo relato dos irmãos Perseval e Dorival Pereira Garcez, hoje com 82 e 90 anos, Francelino, de apelido “Lili”, serviu na Coluna do cel. Quim César e foi ferido numa batalha em que foi obrigada passar a noite dentro d’água, debaixo de uma roda d’água de engenho, ele e mais dois companheiros, um de nome Julio Silva Garcia, pai do Ivam, do Odilon e do acadêmico Francisco “Xiko” Garcia, sitiados pela fuzilaria dos paulistas. Da guerra trouxe um ferimento, uma sarna e um cavalo tobiano, manga-larga marchador. Os filhos de Francelino eram: Salete, Adelar, Eldeon, Edelamar João, Carlos, Matilde, Francelino, Edelir, Vanderson, Theresinha, Claudete e Carlos Alberto Garcez.

Hobaldino Pereira Garcez, por apelido “Mimoso”, também ferido em batalha, serviu no 8º Regimento de Infantaria do Exército Nacional, na revoluções de 1930 e 32, alcançando o posto de sargento. Registra a família que o mesmo teria sido convidado para servir na Guarda Pessoal do presidente Getúlio Vargas, devido à sua bravura e porte guerreiro. Infelizmente, dona Benevenuta, não consentiu. Na Segunda Guerra Mundial, convocado, já tinha embarcado num navio no Porto do Rio de Janeiro para seguir, quando terminou a guerra. Os filhos de Hobaldino eram: Eloir, Arquimedes e Hobaldino.



Francelino



Hobaldino

A revolução vitoriosa começou a ser cantada em prosa, verso e até filmada: Silva Duarte publicou o título epigrafado e colocou à venda em A Nacional, naquela época de Araújo Bastos & Cia., ao preço de 6\$000 (seis mil réis); *Episódios da revolução* era da lavra de Roque Callage<sup>131</sup>; *Versos sobre a campanha de 1930*, de Amâncio Gago<sup>132</sup>; *O cabôclo caipira na revolução*<sup>133</sup>; Ode a 3 de Outubro de Filinto Charão em versos para Mauro Prestes<sup>134</sup>; a *Revista do Globo*, de Porto Alegre e a *Revolução de Outubro*, por seu representante Julio Dias Alend, anunciava edição especial de 400 a 500 páginas, com artigo especial do dr. Lacerda Almeida Junior<sup>135</sup> e que saiu talvez com o nome de *Mapa do Brasil Revolucionário*, da mesma Livraria do Globo com fotos de heróis da Revolução<sup>136</sup>.

Foi produzido o filme *Pátria redimida*, exibido no Cine Coliseu em 1931<sup>137</sup>. E para a história da revolução, mapas foram ofertados pelo dr. Ezequiel Pretto, igualmente, *O Jornal*, do Rio de Janeiro, publicou a *Planta Geral de Itararé e Bauru*, do destacamento cel. João Alberto e dos destacamentos, gen. Portinho, Dornelles e João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (dr. Lacerda)<sup>138</sup>.

Depoimento sobre a Revolução de 1930

“Vá convencido e convença os seus amigos da Serra, de que o Rio Grande será digno de suas tradições e que cumprirá rigorosamente os compromissos assumidos!”

De envolta com um grande abraço, o presidente Getúlio Vargas disse-me estas palavras solenes que, para mim, valiam por um juramento, no dia 10 de agosto, quando nos separávamos e depois de ouvir, sem quase me interromper, um brado desesperado, angustioso mesmo, em que havia mais e muito mais, em mim, o espírito gauchesco revoltado contra os ataques soezes que se faziam ao Rio Grande, do que a ânsia por demolir a construção trágica e lutulenta que nos infelicitava, desde os primeiros dias da instituição do novo regime.

De fato, não assistimos ainda, no regime republicano, a nenhuma campanha eleitoral, tão canhestramente conduzida, como a que os estados aliancistas com as oposições dos demais estados catetistas combateram.

Pretendeu-se cobrir o Rio Grande de ridículo, o seu povo de apróbio, o seu passado de ignomínia e as suas gloriosas tradições de vilipêndio, esquecidos de que assim procediam, de que pela vil alameda da traição alentavam contra o patrimônio moral da nacionalidade.

Se a campanha eleitoral foi conduzida e afinada pelo diapasão mais alto do apelo e da verrina solerte contra o Rio Grande à custa de descrédito e de ataques que se lhe seguiu, para a imposição dos

candidatos reconhecidos pelo Congresso Nacional, foi mais áspera ainda e ainda mais irritante aos bríos de um provo que nasceu e se educou, venerando até o máximo, os seus foros de sentinela da honra nacional!

Artigos de jornais amarelos, charges de revistas áulicas, ponchadas de teatros mambembes, caricaturas de pasquins adrede aparecidos para explorarem a munificência de quem tinha a guarda dos dinheiros públicos, foram, talvez, os mais importantes fatores do frisson de revolta que arrepiou a sensibilidade moral de um povo inteiro, que clamava pela revolução, quando menos fosse, para castigar aos que, iconoclasta, pretendiam marear a obra gigantesca dos centauros de 35!

Mas é verdade que o povo gaúcho ansiava pela revolução, trabalhando que estava por uma plêiade de tribunos que se levantavam em toda parte onde havia um aglomerado humano e onde se improvisava uma tribuna, não é menos certo que os erros e os crimes reiterados do governo deposto arrastaram o próprio governo do Rio Grande a urdir pacientemente o golpe que devia desagrar Minas e a gloriosa Paraíba, alanceada que foi da alma coletiva, com o assassinato frio e covarde do grande João Pessoa.

Passo Fundo, cujo civismo conquistou notoriedade desde a campanha do Paraguai e, daí por diante, se impôs ao Rio Grande como centro irradiador de virtudes caldeadas em arrebatado patriotismo, foi o núcleo onde mais acesa e vivaz crepitou a centelha revolucionária, mesmo porque, à frente dos destinos do município, havia a figura enérgica e sugestiva se rebelado contra as misérias em que se afundava num ridículo de baixezas à honra nacional, o dr. Nicolau Araújo Vergueiro, o qual, em dois discursos memoráveis, não tivera rebuços em preconizar a Revolução como triaga ao mal que se agravava, combalindo o organismo moço, mas anemiado do Brasil republicano.

Estabelecida a Frente Única, fenômeno sem símile na história dos partidos políticos, como os que se digladiavam no Rio Grande:

fato que constitui um verdadeiro milagre que só o civismo de um povo explica, não foi difícil ao dr. Nicolau Vergueiro congregar, em torno a si, as formidáveis forças com que Passo Fundo devia concorrer para que a concha da balança da vitória propendesse, de início, para o lado da Aliança Liberal, tanto mais quando a sua atuação foi a mais leal, a mais sincera, a mais despreocupada de faccionismo, tudo facilitando ao adversário da véspera, inclusive posições de destaque, alentado apenas pela preocupação de ver o seu caro torrão natal não desmentir um passado glorioso de energia e valor posto a serviço dos imperativos da honra.

À tarde de 2 de outubro, o dr. Nicolau Vergueiro veio a nossa casa e nos comunicou oficialmente, que a revolução explodiria, em todo o país, ao outro dia, precisamente às 17:30 horas, que eu, com a minha gente, estivesse àquela hora em frente ao palácio intendencial, para tomar o comando... que me correspondia, ao sítio que seria feito ao quartel do 8º R.I.

Desde a minha volta da Fronteira, começara eu a reunir, na propriedade agrícola que possuo, nas cercanias da cidade, isto em princípios de setembro último, alguns amigos e companheiros, porquanto era do meu conhecimento que a revolução rebentaria na madrugada de 7 de setembro, o que não se verificou por fatos que virão a público no livro que sobre a Revolução de 3 de outubro, estou escrevendo. Às 4 horas da tarde, portanto, do referido dia 3 de outubro, à frente de numeroso piquete, depois de concitar os companheiros a cumprirem rigorosamente o seu dever de gaúchos amantes da liberdade, pomo-nos em marcha para a cidade de Passo Fundo.

Ardegos e nervosos os ginetes relinchavam, enquanto o pugilo de centauros comentava a alegria de suas..... como prenúncio de próxima ação militar, porque o gaúcho tem como certa a vitória, desde que, ao montarem a cavalo para um combate, os animais comecem a nitrir.

Numa volta da estrada, já perto da cidade, seriam 5 horas da tarde, divisamos o quartel, cujas janelas faiscavam aos raios do sol cadente. Mais alguns metros de caminho andado e sentimos que rompia nutrida fuzilaria.

Eram as metralhadoras do 8º que funcionavam.

Estava empenhada a luta!

A ordem de galopar, os mais cavalarianos entraram na cidade à rédea solta, bem escalonados.

Dirigimo-nos ao quartel da Guarda Municipal, onde armei e municiei os poucos homens que ainda não dispunham de armas e, em seguida, fui ocupar a posição que me fora indicada.

Guarnecida a posição, fui conversar com o dr. Vergueiro em seu Q.G., estabelecido em um dos cantos da praça Tamandaré, bem próximo ao quartel sitiado.

O dr. Vergueiro, investido das funções de comandante em chefe das Forças Revolucionárias de Passo Fundo, entreteve-se comigo em longa conferência, onde me pôs ao corrente das negociações que entabulara já, com o cel. Leitão de Carvalho, comandante do 8º R.I. a fim de conseguir-se a rendição do quartel, sem mais efusão de sangue.

Mas, demos a palavra ao chefe revolucionário de Passo Fundo, aproveitando trechos de sua entrevista de 19 de novembro último, concedida ao Diário Carioca do Rio de Janeiro.

“Depois de uma hora de fogo, o tiroteio cessou, caindo logo a noite, acompanhada de fortes pancadas de chuva.

Às onze horas da noite, pelo telefone, falei com o coronel Leitão de Carvalho, indo ao Quartel do 8º Regimento o tenente-coronel Quim César, que concitando aquele comandante a render-se ou aderir, mostrou-lhe diversos telegramas de Porto Alegre, dando notícias da vitória das armas liberais, naquela capital, em quase todo o Rio Grande do Sul e em outros estados da União.

A visita do tenente-coronel Quim César, porém, não deu resultado, pois o comandante e os oficiais do 8º Regimento declaram-se irredutíveis.

Às três horas da madrugada – prosseguiu o dr. Nicolau Vergueiro, novamente pelo telefone. Fiz sentir ao cel. Leitão de Carvalho que já havia empregado toda a minha boa vontade no sentido de evitar derramamento de sangue e que, esgotado, assim, esse desejo, iria cumprir o meu dever e para isso dava-lhe o prazo de duas horas para retirar a sua família do quartel, pois, às cinco horas, o mesmo seria bombardeado e, em seguida, tomado de qualquer forma, custasse o que custasse.

Pouco antes, já as nossas forças haviam bem mais se aproximado do quartel, estreitando o sítio e colocando o lança-minas na posição de duzentos metros.



Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, prestigioso chefe republicano de Passo Fundo. Fotografia tirada uma hora antes do ataque ao quartel do 8º R.I.

Nesse momento, foi hasteada bandeira branca, vindo a minha procura o tenente César Martins, a fim de propor-me um entendimento com o comandante do 8º Regimento.

Recebido pelo mesmo e acompanhado pelo tenente-coronel Quim César, fui imediatamente à sala de honra do quartel, onde se encontravam todos os oficiais.

Entabuladas as negociações para a rendição, foi lavrada uma ata, em duas vias, assinadas por mim e pelo coronel Leitão de Carvalho. A ata é do teor seguinte: – “Aos quatro dias do mês de outubro de mil novecentos e trinta, no gabinete do comando do Oitavo Regimento de Infantaria, em Passo Fundo, presentes o dr. Nicolau Araújo Vergueiro, tenente-

-coronel Quim César, comandante e oficiais do corpo, ficaram assentadas as seguintes bases, para a rendição do quartel: a) Aos praças será dada liberdade de irem para suas casas e, nesse caso, não serão, de maneira alguma hostilizados, ou de aderirem ao movimento, ou, finalmente, de ficarem com os oficiais: b) Estes consideram-se prisioneiros, comprometendo-se o chefe revolucionário a enviá-los a Porto Alegre, onde se encontra detido o comandante da região; c) para a viagem o chefe revolucionário porá à disposição dos oficiais trens com as comodidades necessárias; d) em qualquer caso, os oficiais prisioneiros serão tratados com as honras devidas aos seus postos; e) o comandante fará entrega ao dr. Araújo Vergueiro do quartel com todo o material existente. E, de como assim ficou combinado, foi lavrada a presente ata, em duas vias, uma das quais ficará em poder do comandante e a outra do dr. Araújo Vergueiro. (Assinados) – dr. Nicolau Araújo Vergueiro, coronel E. Leitão de Carvalho.

O jubilo derramou-se pela cidade, a notícia de que a primeira etapa da revolução estava vencida. Cíveis e militares confraternizavam na mesma aspiração de vencerem a resistência que, já então se sabia, era oposta pelo governo central, apenas, no setor sul, ao norte do Paraná.

Na noite do dia 5 de outubro, o cel. Quim César procurou-me e, transfigurado e vibrando, disse-me que a nossa missão não estava concluída; que Passo Fundo devia cumprir até o fim, o seu dever, que era ter, quanto antes, em qualquer dos fronts, em que se desenvolvia a avançada revolucionária, representantes; que devíamos organizar uma “coluna passo-fundense”, tanto mais quando o gen. Miguel Costa empenhava-se por isto, conhecendo, como já conhecia, o valor e denodo do serrano.

Respondi-lhe que as duas palavras vinham ao encontro da revolução, firme e inabalável, que eu tomara de marchar, quanto antes, rumo a São Paulo, com numerosa cavalaria, tanto mais quando o número de meus amigos e correligionários, na minha propriedade rural, crescia a todo momento.



Combinado o plano de marcharmos para o front, aproveitando um trem, São Paulo-Rio Grande, fizemos ciente de nossa resolução ao dr. Nicolau Vergueiro, bem como ao sr. Henrique Scarpellini Ghezzi, ilustre intendente municipal e uma das mais esforçadas figuras daquele momento histórico.

E, à medida que as horas se escoavam, os trens São Paulo-Rio Grande passavam, uns após outros, peçados de tropas das três armas, em direção ao norte.

Recebida a nossa resolução com verdadeiro entusiasmo pelas duas mais altas autoridades locais, tratamos eu, e os coronéis Quim César e João Fagundes de Souza, de nos aprestarmos para a ida da “Coluna Quim Cesar”, nome que damos, desde logo, eu e o cel. Jango Fagundes às nossas tropas, em homenagem ao esforço, dedicação e civismo com que o cel. Quim César vinha servindo a causa da libertação nacional.

Organizamos dois batalhões, um, o Batalhão Mozart de Moraes, comandado pelo cel. Jango Fagundes e o outro, Batalhão João Pessoa, sob o meu comando e constituídos exclusivamente de passo-fundenses. Na tarde de 9 de outubro, em meio ao delírio de uma população em peso, que acorrera à gare da Viação Férrea, para levar-nos as suas despedidas e os votos ardentes de felicidade, marchamos para o campo de luta, dispostos, todos, a manter, a qualquer preço, as tradições gloriosas dos bravos serranos que

deixaram, em páginas imarcescíveis, escritas, nos chacos do Paraguai, a história da bravura de um provo intrépido e audaz.

Eram cerca de 700 homens.

A sua decisão, a sua bravura, o que deles se esperava e que, mercê de Deus, realizaram, dias depois, bem se podia aquilatar pelo modo por que viajavam os bravos serranos!

E, talvez, a circunstância de amontoarem-se esses homens em carros para transporte de mercadorias e, o que é mais: em carros-gaiolas para o transporte de suínos, ainda poluídos e sujos dos resíduos dessas alimárias, como aconteceu com os bravos soldados do Batalhão João Pessoa fosse o que mais impressionou e comoveu a população de Passo Fundo.

Sim, homens tirados de todas as classes sociais, desde fazendeiros e agricultores, até os recrutados entre os de profissões liberais e alto comércio, que se submeteram a viajar como carga desprezível, eram ou deviam ser invencíveis. Sim, Passo Fundo iria continuar as suas tradições de bravura, ali estavam os seus legítimos representantes: superiores às contingências humanas, cheios de abnegação e renúncia!

Desde que a Coluna Quim César chegou a Marcelino Ramos, recebia o seu chefe reiterados telegramas do gen. Miguel Costa, ordenando que apresasse a marcha, para que ordenava que se lhe desse “linha franca”, preterindo qualquer composição que estivesse à frente.

Era inegável, o bravo general queria dispor, quanto antes, das forças civis de Passo Fundo.

Depois de 7 dias de marcha, pela manhã do dia 16, às 7 horas, chegamos a Sengês. Enquanto a tropa tomava o café matinal, veio ordem de marcharmos em direção a uns morros tão íngremes e escarpados, que a Coluna só conseguiu vencê-los marchando a “um de fundo”. Atingido o pequeno plateau em que se culminavam aqueles alcantis, encontramos o 9º R.<sup>a</sup>M. tomando posição, preparando e mascarando suas baterias, enquanto os aeroplanos



adversários, muito ao alto, parece que procuravam estabelecer posições e rumos de nossas forças.

Estávamos descansando sob uma fimbria de mato que limitava uma “roça” quando, da parte do Q.G. do gen. Miguel Costa, recebemos ordem de forçar a tomada do “Morro Pelado”, que nos foi apontado, ao longe, por um capitão que, ao mesmo tempo, nos fez entrega de três foguetes militares, explicando-nos que, o primeiro, nós devíamos ascendê-lo quando atingíssemos a vertente da canhada por onde íamos descer; o segundo, soltaríamos quando estivéssemos em meio à escalada do Morro Pelado e o terceiro, quando atingíssemos a crista do mesmo morro.

Mal começamos a descer a encosta do morro em que estávamos, romperam fogo as baterias do 9º. A resposta foi a mais formidável e diabólica fuzilaria que já pude imaginar, rompida justamente do ponto que fora determinado como o nosso objetivo final, ou seja, a crista do Morro Pelado. E, sob essa fuzilaria infernal, realçada espaço a espaço, pelos tiros atroadores das baterias do 9º, desenvolveu-se o combate que ficou conhecido por Morungava, durando a ação precisamente 12 horas, pois que terminou com a retirada das forças reacionárias para o outro lado do rio Itararé, às 21 horas, noite fechada, quando desabou a mais formidável tormenta de que tenho memória.

Tínhamos os bravos soldados do Batalhão João Pessoa, ocupado a crista do Morro Pelado, conforme ordens recebidas. Quis acender o último foguete para avisar que lá estávamos, mas não logrei intento: a chuva copiosa e desenfreada havia molhado e inutilizado completamente a peça “pyrotechnica”...

E a chuva copiosa e desenfreada rolava a cântaros, molhando, encharcando aquele pugilo de heróis que haviam combatido, sem interrupção, durante 12 horas, sem comer durante todo aquele dia mais do que as poucas bolachas com o café da manhã!

Enquanto uns pelotões mantinham-se nas trincheiras tomadas ao adversário, sob o comando do heróico major Belisário Saldanha, a mais completa organização de bravo que vi em toda aquela cruzada, outros mantinham-se ao longo da via férrea, sob o meu comando, sofrendo mais a impiedade da natureza hostil, do que as contingências humanas da fome que apertava.

E assim passamos a noite de 16 para 17 de outubro, quando, exaustos da fadiga, encharcados até a medula, cheios de fome e de lama, raiou a madrugada úmida e pardacenta.

Foi quando o cel. Quim Cezar deu ordem para que nós nos recolhêssemos a Sengês, pois seríamos rendidos por outra unidade, ao que lhe respondi que, “o Batalhão João Pessoa” não receiava: que queríamos descansar,... mas para diante em Itararé.





Entretanto, aquela nobre gente precisava de descanso. A soldadesca tremia, mas os que tremiam, tremiam de febre, pois uma gripe, quase que geral, atacara aqueles pobres homens que, depois de combaterem um dia inteiro, sob uma atmosfera de bronze encandecido, haviam, à noite, apanhado como já disse a mais copiosa a desenfreada chuva imaginável.

No combate de Morungava, a Coluna Passo-Fundense havia posto à prova todo o valor de que é capaz a gente serrana: um oficial do batalhão João Pessoa, tenente Adriano Antonio de Oliveira se aproximara tanto de uma trincheira adversária, no ardor da peleia, que foi ferido a revolver por um oficial da força pública de São Paulo.

Recolhido ao hospital de Sangue em Jaguariava, dois dias depois de lá fugiu e quando vinha, a pé, em direção a Sengês, foi recolhido, e meio desfalecido, pelo próprio gen. Flores da Cunha, que o fez embarcar em seu trem militar, perguntando-lhe o bravo general como e porque se achava ali na estrada, respondeu que já se sentia bem e, por isso, saíra do hospital, a fim de juntar-se com os seus companheiros. No entanto, o seu ferimento, no peito, sangrava copiosamente!

Ao que parece, as forças legalistas tinham um terror pânico do elemento civil revolucionário, pois quando os soldados da Coluna Passo-Fundense faziam uma carga mais ousada, os legalistas que guarneciam as trincheiras abandonavam-nas aos gritos: “Aí vem a gauchada!” e exclamavam, depois, em Itararé, o seu pavor dizendo: “Aquela gente tem parte com o diabo! A gente tá costurando eles [costurando é um neologismo militar, uma vez que o soldado cognominou a metralhadora de costureira, pelo ruído característico que faz ao funcionar] a gente está costurando eles e a diabada carrega em pé!”

Verificado, ao outro dia, 17, que os Legalistas haviam atravessado o rio Itararé, foi dada ordem para que as nossas forças ocupassem as posições fronteiras a estação de Morungava.

A Coluna Quim Cezar ocupou a região denominada Pellame.

Os nossos batalhões ocuparam todas as casinhas de colonos, esparramadas pelos arredores.

Os improvisados quartéis eram mais hospitais do que mesmo quartéis. A gripe derrubara os valentes serranos, cousa que as balas de Morungava não haviam logrado conseguir!

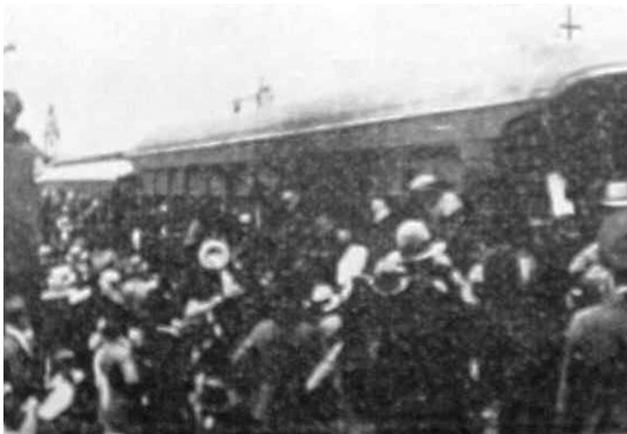
Os mais gravemente atacados foram transportados para os hospitais da retaguarda, inclusive alguns soldados atacados de pneumonia.

E a chuva continuava impiedosa e renitente, agravando o estado sanitário da tropa, que era mau.

E além da chuva, os aviões de bombardeio excursionavam sobre o nosso acampamento, soltando, de quando em vez, suas bombas aterradoras.

A soldadesca já estava tão acostumada às visitas diárias e às horas certas dos aviões que lá pelas 10 horas e às 16 tomava de sua mausers e, tossindo e patinhando na lama, ia alvejá-los, o que os obrigava a procurarem, ainda mais, as alturas.

Bueno... Vamos esperar as “barbuletas”, diziam eles, e, ao sentirem a sua aproximação, saudavam-nos com uma saraivada ensurdecidora de estanho.



O caboclo, num movimento misonista atemorizou-se as primeiras vezes que viu o avião e soube que ele, lá de cima, “punha ovo”... Acostumou-se, de logo, a sua presença... O que o aterrou positivamente a ponto de dar-nos uma trabalhadeira insana, para aquietá-lo foi à granel em que no dia 24 de outubro fomos mimoseados em profusão pelas baterias adversárias.

De fato: o infame, esse dá um urro, ou um uivo tão lancinante ao descrever sua trajetória, antes de rebentar, no ar, despejando uma chuva de metralha, que dá para horrorizar aos mais animosos.

Passáramos assim, visitados pelos “gaviões” ou “barbuletas”, alvejados pelas rajadas das “costureiras” e na expectativa diária do grande combate de Itararé, 8 longos dias, quando, a 24 de outubro, depois do famoso bombardeio, fui informado por alguns soldados nossos de que, na torre da Igreja de Itararé, haviam hasteado bandeira branca!

Quis eu próprio verificar o fato, mas já era tarde: não consegui divisar nada. Entretanto enviei ao Q.G. a informação e vim a saber depois, que era fato. Estavam entabuladas negociações para a rendição das forças legalistas.

A 25, com alguma decepção de uns e alegria de outros, fomos certificados de que Itararé se rendera, em face da prisão no Rio de Janeiro do sr. presidente da República.

Os nossos soldados continuavam doentes. Assim mesmo tivemos, ordem de levantar acampamento e marchar para Itararé. Eram doze quilômetros que deveríamos vencer a pé...

Não há palavras com que se possa descrever os horrores dessa marcha, que eu denominei “trágica”, metidos os soldados dentro da escuridão dum noite caliginosa e úmida, por terrenos acidentados e desconhecidos, ora tremedades e ora morros íngremes, num silêncio fúnebre quebrado, apenas, pelo tossir do peito enfermo e logo respondido por outros peitos chiantes, pelo retinir das armas.

\*\*\*

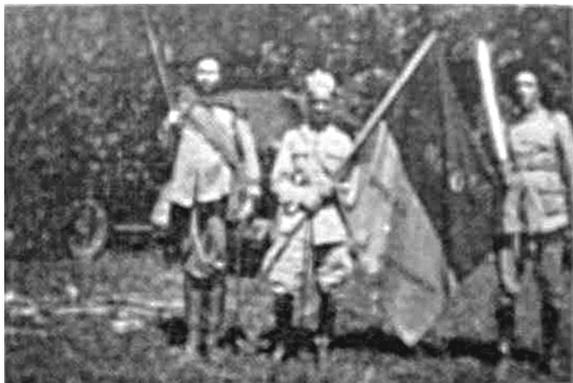
E ali, ao relento, à sombra e abrigo duma alameda de eucaliptos, passamos mais dois dias, findos os quais fomos para Itapetininga onde aquartelamos em palácio. Mas onde dormíamos, como até ali, sobre as táboas do assoalho, porque, colchões, sempre foram objeto de luxo para nós outros os esforçados e heróicos soldados de Morungava.

A nossa recepção em Itapetininga foi alguma coisa de solene, extraordinária e delirante!

O povo, sem distinção de classes, acorreu à estação empunhando bandeiras, ao som de bandas de música, cobrindo-nos as famílias de pétalas de flores, em meio a uma verdadeira ovação. Depois de um churrasco que a população Itapetiningana nos ofereceu, fomos aquartelar na Escola Normal, edifício suntuoso que honra a cultura daquele povo bom e hospitaleiro.

Durante a nossa estadia nessa encantadora cidade paulista, fomos surpreendidos, uma tarde, com a notícia de que o dr. Getúlio Vargas tinha chegado à estação da via férrea.

Fomos cumprimentá-lo. Enquanto conversávamos com o velho amigo, o povo promoveu uma estrondosa e espontânea manifes-



tação ao general em chefe das forças revolucionárias. E não houve como evitar que o povo, cheio de entusiasmo, o levasse até a praça principal da cidade, empurrando, a pulso, o seu automóvel.

Sob uma tempestade de aplauso, queria o povo ouvir-lhe a palavra. Mas o atual chefe do Governo Provisório da República escusou-se por se achar um tanto enfermo e, como recrudescessem as exigências para que falasse ao povo, o simpático general revolucionário ordenou-me que, em seu nome, agradecesse a manifestação e explicasse o motivo porque não dirigia, ele mesmo, os seus agradecimentos ao povo por aquela estrondosa e espontânea manifestação.

Quis furtar-me a honra e responsabilidade de falar em nome do futuro ditador. Mas não me foi possível porque, tomando-me pelo braço, sua excelência, ordenou, “Fale, fale, fale!”

E falei, orgulhoso de, um dia na vida, falar, não em nome de um presidente da República, mais ou menos imposto por um congresso de subservientes, mas em nome dum eleito do povo, imposto à suprema magistratura nacional pela energia, pelo valor, pelo desassombro de um povo que se levantava para reivindicar um direito, o mais sagrado dos direitos: o de se fazer governar pelo eleito de sua vontade soberana.

A 13 de novembro, tomávamos, em Itapetininga, o trem que nos deveria transportar de regresso a Passo Fundo.

Transbordando de alegria, fomos vencendo, uma a uma, as estações que nos separavam do nosso amado “pago”, até que a 16 do mesmo mês, depois de quatro dias de viagem, onde em cada parada revivíamos uma recordação, chegávamos a Passo Fundo, onde o povo, em delírio de insopitada alegria nos recebeu, mais no seu coração do que mesmo em seus braços.

Eram os abnegados representantes da Serra altiva e heróica que depois de cumprirem estreneamente o seu dever, superior às próprias contingências humanas, por amor à Pátria e à República, vinham, de novo, misturar-se entre o povo, para, despindo a farda de revolucionários da ordem, com ele colaborar para a grandeza do Brasil e... respeito pelo Rio Grande impertérrito e imortal!

Passo Fundo, 29/12/1930.

Lacerda de Almeida Jr.

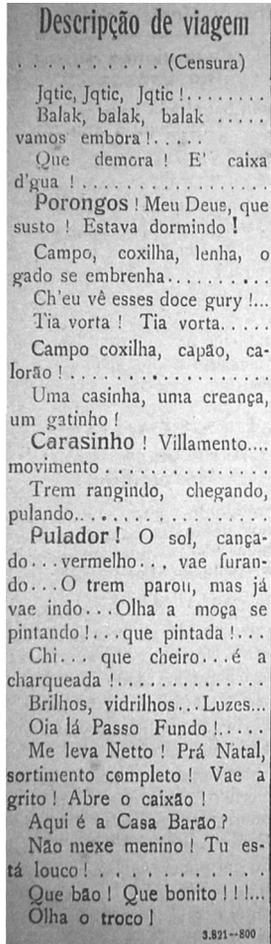
É voz corrente que dezenas de obras sobre esta revolução foram editadas, mas que poucas foram vendidas. Parece que a população estava amortecida, indiferente, a grande maioria ainda não acreditava em transformações, ainda mais advindas dos guerreiros filhos do Sul, como tantas outras que aconteceram no Brasil daquele início de século. A história diria que não e os livros sucedem-se (p. 116) - Raul Pilla, em declaração ao *O Nacional*, de 30 de setembro de 1958, afirmou que se deveriam à Revolução de 1923 as seguintes conquistas consignadas pelo Partido Libertador (maragatos) e pela Aliança Liberal: o voto secreto, o voto feminino, a justiça eleitoral, a representação proporcional e a preparação à revolução de 1930, que estenderia benefícios a todo o país, aquilo pelo qual lutaram os federalistas de 1893.

O lançamento de uma contribuição de 2\$000 (dois mil réis) ouro, cerca de 12\$000 (doze mil réis) em moeda papel, para pagamento da dívida brasileira<sup>139</sup>, contraída em esterlinas, francos e dólares e que seria totalmente quitada por Getúlio Vargas três anos depois, levou centenas de passo-fundenses a contribuir<sup>140</sup>, como o professor do então Instituto Ginásial, o saudoso Múcio Mendes de Castro<sup>141</sup>, que contribuiu com seis mil réis ouro e tantos outros mais, como a Sociedade Israelita, famílias inteiras, o comércio, a indústria, a Sociedade Syrio-Libanesa, que contribuíram com expressivas somas para aquele momento difícil da nação brasileira, que nos dá provas de superação desde idos tempos.



Mil réis comemorativa ao centenário da independência.

Ainda naquele ano, vamos destacar a ida a Porto Alegre do cel. Quim César e do dr. Lacerda Almeida para a convenção do Partido Libertador<sup>142</sup>. Houve a nomeação de novos intendentes no Rio Grande do Sul<sup>143</sup>; iniciou-se o movimento emancipacionista de Carazinho<sup>144</sup>; a nova tentativa de viabilizar a Associação Comercial de Passo Fundo, pelo sr. Antonio Veiga Faria<sup>145</sup>; também foi publicado o Edital do dr. Homero Martins Batista, juiz da Comarca, indicando nominata dos jurados para o ano de 1931, na qual consta o dr. Lacerda como efetivo e como suplente<sup>146</sup>. Ainda, o cap. Luiz Carlos Prestes que foi anistiado, voltou ao Exército e em plena liberdade pregava seu comunismo, lançou seu manifesto e continuou vituperando a revolução<sup>147</sup>. E para encerrar houve, uma descrição humorística de viagem de trem em nossa região, escrita por autor anônimo (figura a seguir).



Infelizmente, vimos que o dr. Ney de Lima Costa, após ganhar as eleições, perdeu-as para a Revolução; colocou seus bens à venda, mas, talvez pela eclosão da revolução, não tenha conseguido vendê-los, tendo, assim, permanecido na cidade, ainda como proprietário da Livraria Minerva, do jornal *Vanguarda* e atuando como advogado<sup>148</sup>, mas, assim como para o dr. Lacerda Almeida



Palacete do Dr. Ney de Lima Costa. Rua Gen. Osório abaixo da Auto Esporte de Walter e Elóy Sobiesiak

que enfrentou dissabores financeiros, o dr. Ney deu um automóvel Dodge Brothers, em penhora, a Kurtz & Cia. no valor de cinco mil contos de réis. É claro que o dr. Ney de Lima Costa deve ter enfrentado uma barra pesada na política, mas afora esse indício, parece que estava num cômodo ostracismo, pois a Seção de Obras da Intendência concedeu o alvará de seu palacete<sup>149</sup>, erguido em 1929, e também notícias de que, por ocasião do falecimento de seu colega jornalista de *O Nacional*, dr. Roberto Sá Brito, prestou-lhe as últimas homenagens no seu velório no Fórum<sup>150</sup>.

E também realizou um *habeascorpus* em favor de Joaquim Domingues<sup>151</sup>.

ALBUM DE PASSO FUNDO

<p><b>Dr. Ney de Lima Costa</b></p> <p>:: ADOVADO ::</p> <p>■ Accusa e defende ■ : perante o Jury :</p> <p>○ ○ ○ PASSO FUNDO ○ ○ ○</p>	<p><b>* Ataxerxe Brum *</b></p> <p>:: ADOVADO ::</p> <p>■ Trabalha ■ ::: no civil e crime :::</p> <p>Escritorio: — Não-me-toque</p>	
<p><b>Dr. Romulo Teixeira</b></p> <p>:: ADOVADO ::</p> <p>Ex-Juiz Districtal das Comarcas de Lagoa Vermelha e Passo Fundo. ○ ○ ○ ○</p> <p>Esript.: HOTEL AVENIDA Passo Fundo</p>	<p><b>IVALINO BRUM</b></p> <p>:: ADOVADO ::</p> <p>Trabalha no civil e crime</p> <p>: ; Escritorio: — Carasinho : :</p>	
<p><b>Dr. João Bigois</b></p> <p>:: ADOVADO ::</p> <p>Ex-Promotor Publico Escritorio: — RUA PAYSANDU' PASSO FUNDO</p>	<p><b>Francisco Antonino Xavier e Oliveira</b></p> <p>CONTRACTOS E REGISTROS :: de FIRMAS COMMERCIAES ::</p> <p>Inventarios em geral</p> <p>Escritorio: — Avenida Brasil n. 563 PASSO FUNDO</p>	
<p>Dr. Lacerda d'Almeida Junior ADVOGADO — PASSO FUNDO</p>	<p><b>Dr. MIGUEL KOZMA</b> Medico - Operador Gabinete de RAIOS X Electro - phototherapia CONSULTAS: Pharmacia Iserhard CARASINHO</p>	<p>Dr. JOSE' APOLITO Medico Operador — Séde Teixeira</p>

Álbum de Passo Fundo, espaço onde os profissionais liberais ofereciam seus serviços (Jornal A Lucta, 1931).

# 1931

Instalou-se nova calma com prenúncio de tempestade. Foram poucas as notícias encontradas em *O Nacional* de nossos dois personagens, pois afora a viagem do dr. Lacerda ao Rio de Janeiro<sup>152</sup> e seu regresso da Capital da República em fevereiro, e logo após ter ido descansar em seu sítio do Pulador, às margens do Arroio Pinheiro Torto, só encontrei notícias dele no mês de maio<sup>153</sup>: “Batalhão João Pessoa – Aviso de pagamento de soldo de 23 dias do mês de novembro de 1930, no escritório de advocacia do dr. Lacerda Almeida Junior, assinado major fiscal Belisário Saldanha”. Fato esse que deve ter alegrado a população, pois os comerciantes já reclamavam da demora do pagamento das requisições (assinadas por F. Cúrio de Carvalho e pelo ten. Aniceto do batalhão do dr. Lacerda), cujo pagamento da Força Auxiliar do 6º Corpo de Passo Fundo atingiu 152:000\$000 (cento e cinquenta e dois mil contos de réis) e mais 5:000\$000 (cinco mil contos de réis) que a Brigada Militar recebeu para pagar as forças revolucionárias<sup>154</sup>.

Presidido pelo dr. Antônio Bittencourt Azambuja, reuniu-se o Diretório Libertador para apreciar a reforma na política estadual em andamento e apreciar o *decálogo* dos libertadores, sendo orador, na oportunidade, o lendário cel. João Fagundes de Souza do Campo do Meio<sup>155</sup>.

Enquanto isso, aconteciam diversas atividades:

- Era apresentado o projeto da Catedral Nossa Senhora Aparecida e se faziam festas para angariar fundos para sua construção<sup>156</sup>;

- O sr. Gomercindo dos Reis tecia sérias e longas considerações acerca das tarifas de transporte do gado-em-pé pela Viação Férrea do Rio Grande do Sul<sup>157</sup>;
- O Hotel Avenida, da família Barreiro (Antonia, Pedro, Eduardo, Tânia, Rosa Maria e Carlos Eduardo), era colocado a venda<sup>158</sup>;
- Inaugurava-se a Casas Pernambucanas, sendo seu primeiro gerente o sr. Miguel Neves<sup>159</sup>;
- A colchoaria de Oscar Feldmann e o instituto de beleza da sra. Alborina, pais do Luiz Feldmann, mudaram-se para a frente da Casa Kurtz<sup>160</sup>.
- A Associação Comercial era reativada e eleito como presidente o sr. Gabriel Bastos<sup>161</sup>;
- O sr. João Cony e dr. Junqueira da Rocha, comunistas, foram presos<sup>162</sup>;
- O dr. Nicolau Araújo Vergueiro renunciou do cargo de intendente e também desligou-se do PRR<sup>163</sup>;
- Morreu em 23 de maio o consagrado escritor Roque Callage, sendo realizada um missa de sétimo dia, organizada por seu irmão e parentes que aqui residiam<sup>164</sup>;
- Fundou-se a Sociedade de Medicina de Passo Fundo<sup>165</sup>;
- Começou a funcionar o cinema sonoro<sup>166</sup>;
- O dr. Antônio B. Azambuja comunicou a suspensão temporária de sua atividade de advogado<sup>167</sup>;
- Foi realizada, em 27 de setembro, na Vila Carmen, uma festa na capela Nsa. Sra. do Rosário, a convite da família Londero, irmãs, Alda, Aline, Ana e Alaídes Londero<sup>168</sup>.
- O depósito de madeiras de Conrado Rodrigues foi comprado por (José) Sirotski & Birmann<sup>169</sup>;
- Foi criada a Liga Pró-Engrandecimento de Passo Fundo em 9/11/1931.

- Carazinho tornou-se município, conforme ata de instalação da Prefeitura. Passo Fundo obrigou-se a ceder-lhe território, e em troca de Não-Me-Toque e Tapera, incorporou Nonoai ao município<sup>170</sup>;
- Afora a criação da Legião Prestes Guimarães em Carazinho, por suas lideranças políticas (Loures Albuquerque), abriu-se uma guerra cerrada contra o dr. Nicolau A. Vergueiro, com centenas de abaixo-assinados publicados em *O Nacional*, por ter o político passo-fundense se manifestado contra a sua emancipação<sup>171</sup>.
- A revigoração das classes armadas foi visível, com a convocação de voluntários ao Exército de 17 a 28 anos<sup>172</sup>, pouco antes de vermos o artigo *Cuidado com ele – prenúncio de revolução em São Paulo – Itararé*<sup>173</sup>; Entrevista com o dr. Borges de Medeiros; e o Congresso da Legião Revolucionária de São Paulo que estava tomando importância<sup>174</sup>, um mês antes do feriado nacional pela Revolução de 1930, comemorada festivamente no Rio de Janeiro e cujo aniversário da vitória também foi um dia de festa em Passo Fundo, embora ausente o dr. Lacerda e o cel. Quim César aquartelado em Poços de Caldas.
- Lá no Marau, após devidamente medicada a srta. Adriana, filha de Domingos Giusti, pelo dr. José Apolito, aconteceu, no dia 24 de janeiro, a inauguração do S.C. Liberdade, com baile e churrasco liderados pelo seu primeiro presidente, Nicandro Oltramari<sup>175</sup>. E também foi feita no inverno, uma passarinhada (em torno de 600 aves com mais polenta e vinho à vontade para 100 pessoas), confeccionado por Jeremias Morandi (pai do Atílio, avô do Darcy e bisavô da Tânia, Castelar e Rose), na inauguração da casa nova de Antônio Pedro Rigo<sup>176</sup>. Esse era um costume antigo que demonstrava a alegria da família e dos amigos pela conquista desse bem. Foi maestro da música, coordenando o baile, o sub-intendente Antônio José da Silva Porto.

O dr. Ney de Lima Costa, que há dez anos, em 30 de setembro de 1921, fora presidente do Conselho Municipal (e Gabriel Bastos fora vice-intendente), na festa de inauguração do Instituto Ginásial, ganhou um novo aliado ou aliou-se a Túlio Fontoura, na inauguração do jornal *A Luta*, quando fez reconhecido discurso inaugural<sup>177</sup>. O casamento de sua filha Carmen Lima Costa com o sr. Pedro Lopes de Oliveira Filho, filho do ex-intendente de mesmo nome (cel. Lólico), em 30 de julho, foi um dos acontecimentos marcantes daquele ano<sup>178</sup>. Dona. Leofrida Thevenet Barbieux contou-me que infelizmente o casal faleceu à meia-idade (ele do coração), e que sua filha Nilda, nascida em 4 de maio de 1932, ainda vivia e residia em Santa Maria e que Nilton Lima Costa (também já falecido) residiu em Julio de Castilhos e casara-se com uma moça da família Terra.

Quando o dr. Lacerda Almeida Junior fugiu de cena, pensei que ele tivesse ido embora para o Rio de Janeiro e procurei certificar-me se de fato ele aqui teria chegado com a Revolução de 1923. Na ausência de jornais, procurei a veneranda sra. Delma Rosendo Gehm, através de suas filhas, Silvana e Valéria. Infelizmente, sem poder colher a opinião direta da ilustre historiadora, voltei ao *O Nacional* de 1922, onde fiz uma importante descoberta, que deixo para contar ao final desta obra, pois ainda carece de uma conclusiva elucidação, entretanto, vamos destacar em 1921 do jornal *A Época*, publicação semanal, diretor: Ney de Lima Costa – Passo Fundo, 2<sup>o</sup> de outubro de 1921 – Ano I n<sup>o</sup> 38: dr. Ney de Lima Costa, presidente do Conselho Escolar de Passo Fundo. Única edição de n<sup>o</sup> 38 (1922, Jornal *A Época*, diretor dr. Herculano Annes – Ano II, n<sup>o</sup> 76 de 20/07/1922).

Principais notícias:

- Passagem da Seleção Gaúcha por Passo Fundo para jogar em Curitiba. Saudação: dr. Araújo Vergueiro. Pelo S.C 14 de julho o dr. Ney de Lima Costa e pelo S.C. Gaúcho J. Didonet Neto (p. 2, n<sup>o</sup> 76).
- Instituto Ginásial em construção.

- Maestro da Banda Felipe Paz.
- Comissão de Festejos do Centenário da Independência – Tiro de Guerra 225, Comissão de Honra: dr. Nicolau de Araújo Vergueiro – Comissão Diretora: dr. Ney de Lima Costa (p. 4, 1922).
- Viação terrestre: Construída a ponte sobre o rio Taquary e 20 Km, faltam 16 de estrada Marau-Passo Fundo (p. 1, 16/02/22, nº 55).
- De Longe – Versos de F. Barros Cassal.
- Republicanos: Borges de Medeiros, Júlio de Castilhos e Nilo Peçanha.
- Aniversário de Honório Pinto Porto em 16/2, contador da Casa Bancária de Armando Annes & Cia.
- Festa dias 11 e 12 de Nsa. Sra. Dos Navegantes no Taquary (sede Independência), sendo festeiros, Rufino Pereira dos Santos e o Vigário Turturuci de Marau.
- Tribunal do Júri – dr. Ney advogado de defesa em Cruz Alta – réu absolvido.
- Grato mi éil sonno. E piú l'esser di sasso!
- Dr. Ney presidente da 2ª. Seção Eleitoral Federal, convocação de Reunião em 17/08/22-2.
- Mobiliário do estado para todas as escolas estaduais do município – dr. Ney presidente do Conselho Escolar.
- Coxilha – João Frelmer diz que vai trazer imigrantes para Coxilha.
- Intendente denomina av. Cap. Jovino Silva Freitas.
- Circular do dr. Ney a todas as escolas com instruções para as comemorações cívicas no Centenário da Independência do Brasil. 31/08/22.
- Falência de Higino Garcez – síndico: Horácio de Oliveira.
- Dr. Ney, vice-presidente do Conselho Municipal no Exercício do Juizado Distrital, faz saber: p. 3.

- Coxilha – Faleceu Jacob Kurtz em 19/01/22.
- Dr. Ney de Lima Costa, advogado, rua Gal Osório nº 5 e mais propaganda da Livraria Minerva e do Cine Coliseu, de propriedade de Florêncio Della Méa.
- Aniversário do jornal *A Época*, carta de cumprimentos do dr. Ney ao proprietário dr. Herculano Annes.
- Fundada a Cooperativa Agrícola Aurora Marauense (09/01/22).
- Coxilha – Lembranças de Gentil Dias Corrêa – artigo.
- Aviso do prof. Emilio Stigler que reabriu o Colégio Conceição.
- Dr. Ney de Lima Costa, presidente da 1ª. Exposição Feira de Passo Fundo, que se realizou de 23 a 25 de dezembro de 1921 (23/02/22).
- Crônica como se deve conduzir a vida na ótica de Honório Pinto Silveira ao despedir-se de Passo Fundo (02/03/22).
- Antônio e João César, irmãos do cel. Quim César levam tropas de mulas para São Paulo (02/03/22).
- Dr. Ney, presidente da Mesa Eleitoral da 2ª. Seção do 1º Distrito de Passo Fundo – Resultado das Eleições: Venceu Nilo Peçanha (02/03/22).
- Dr. Edgar Luiz Schneider, advogado em Passo Fundo e mais tarde deputado estadual pelo Partido Libertador (09/03/22).
- Coxilha – Comissão Federalista: Barros Cassal, Goelzer e outros (09/03/22).
- Lagoa Vermelha quer pertencer a Passo Fundo (29/03/22).
- Coxilha – Casamento de Manoel Amâncio Teixeira (06/04/22).
- 10 de Abril de 1922, 10º aniversário de elevação de Passo Fundo a cidade (06/04/22).

- Dr. Ney, orador do Clube Pinheiro Machado e major C. Lima Costa em visita (13/04/22).
- Notas Forenses – O cidadão Maximiliano Ávila 1º suplente presidiu a audiência de justificação em que são; Inocêncio Schleder – justificante e Pacífico Dias Garcez – justificado (08/06/22).
- Terrenos em 7 de Setembro (Distrito), do dr. Ney (08/06/22).
- Portugal e Brasil – Homenagem dos Portugueses na praça Mal. Floriano – banda Carlos Gomes (15/06/22).
- Álbum fotográfico de Passo Fundo na Exposição do Rio de Janeiro, realizado por Cândido Ávila (nº 71).
- Do Penhor Mercantil – dr. Ney de Lima Costa cita Lacerda de Almeida em Direito das Coisas (Vol. II, p.2, § 113 em 06/07/22). Obs. imp: Esta citação me leva novamente à enciclopédia, onde encontro finalmente o dr. Francisco de Paula Lacerda Almeida, sem o Junior, será o pai ou o próprio.
- Dr. Ney de Lima Costa, orador oficial do G.S. 14 de julho (nº 74).
- Edital de citação – dr. Ney de Lima Costa (06/07/22).

# 1932

É difícil para o pesquisador ater-se somente aos dois personagens. Na medida em que se vai avançando, confunde-se a importância dos achados. No meu caso, as notícias sobre Coxilha, judeus, comércio, trovas, livros, escritores, políticos, guerreiros, família, conhecidos, parentes, amigos, natureza e tantas outras coisas mais, entrelaçam-se. Gosto destas coisas, pois fazem parte da minha vida e quero que outros saibam o que vi, o que li, o que convivi, portanto este vai ser um longo ano.

Os gaviãozinhos cortam os ares, faceiros, e seu canto prolongado, quinhé, quinhé, quinhé, parece um deboche.

Em 1932 havia inquietação no país pela demora da constitucionalização, pois desde 1930 vivia-se em regime especial e dez mil militares do Sul estavam aquartelados em São Paulo<sup>179</sup>. A conspiração constitucionalista que começou no Rio Grande ramificou-se em Minas e São Paulo, apoiada pela juventude. O dr. Vergueiro, deputado federal, continuou fiel ao dr. Borges e contra Getúlio Vargas, mas evitou a eclosão da revolta em Passo Fundo, demovendo seus partidários de atacar o cel. Vazulmiro Dutra, aquartelado no 8º RI e que ocupara militarmente Passo Fundo.

O meu credo político-jurídico e direito de família é escrito por Clóvis Beviláqua<sup>180</sup>. Enquanto isso, aqui, a capital guerreira recebeu a visita do interventor de Santa Catarina, gen. Ptolomeu Assis Brasil, que hospedou-se no Hotel Internacional, de Jacob Winkler<sup>181</sup>.

Foi empossado o presidente do Clube 3 de Outubro, antes da demissão de Lindolfo Collor, Andrade Neves da Fontoura e de Batista Luzardo do governo Vargas<sup>182</sup>, que diz aos mesmos, que quem manda é a revolução e a Frente Única, quem sabe respaldado no artigo de Assis Chateaubriand sobre o comportamento dos gaúchos da Revolução no Rio, intitulado *Os cadetes de Gasconha*<sup>183</sup>, onde rasgou elogios à honradez, dignidade e cavalheirismo com que agem e se comportam os políticos e militares do Rio Grande do Sul.

Nesse ínterim, em 4/2/32, foi fundado o C. R. Vera Cruz<sup>184</sup>; a colonista de João Batista Nothen Sob<sup>o</sup> dava seus primeiros passos<sup>185</sup>; a confeitaria Esmeralda de Carlos Weigang, continuava vendendo doces na av. Brasil, n<sup>o</sup> 73<sup>186</sup>; E. C. W. Hexsel mudou-se para av. Brasil, n<sup>o</sup> 293, 229 (hoje n<sup>o</sup> 325, antiga Coletoria Federal, ao lado da ferragem Schmidt); José Sirotski vendeu sua casa comercial em Erebango e se estabeleceu na av. Brasil, esquina com a 15 de Novembro<sup>187</sup>; enquanto isso, o dr. Ney de Lima Costa fez uma visita ao *O Nacional*, acompanhado do médico dr. A. W. Sirchis (16<sup>o</sup>), oportunidade em que, manifestar-se-ia em ofício ao mesmo jornal, a propósito da fundação do Clube 3 de outubro, ao qual não se filiara<sup>188</sup>. Em 4 de maio de 1932, nasceu sua netinha Nilda, filha de Carmen e Pedro Lopes de Oliveira<sup>189</sup>.

Na Coxilha, realiza-se a festa de São Sebastião, constando da programação uma corrida de cavallhada em 9/3/32, sendo festeiro, Antônio Garbis Schleder, irmão de Timóteo e Lindolfo Garbis Schleder, avô materno de José Odir e Zelir Schleder Silveira e aquele do dr. Ariovaldo Kurtz de Albuquerque, renomado causídico cível, estabelecido na rua Bento Gonçalves, n<sup>o</sup> 404, juntamente com o dr. Valter Tadeu Gonçalves Vieira<sup>190</sup>.

Apareceu pela terceira vez o nome do prof. Múcio Mendes de Castro<sup>191</sup>, mais tarde, diretor do jornal *O Nacional*, deputado federal, e que autorizou pessoalmente a inserção do meu primeiro artigo no seu jornal, intitulado *Minha rua*, em 1965.

Dois fatos positivos aconteceram: a inauguração do novo Fórum e a instalação do Moinho Sociedade Anônima Rio-Grandense, na av. Presidente Vargas (antiga Mauá). E, claro, uma negativa também aconteceu, pois desapareceu do quarto do Hotel Avenida, um relógio com corrente de ouro e duas medalhas com o brasão argentino, com o nome de Maurício Rosemblit<sup>192</sup>, cidadão este mais tarde diretor da Livraria e Editora Sulina, o qual conheci pessoalmente por ocasião do 1º Seminário Estadual de Serviços de Proteção ao Crédito do Rio Grande do Sul, realizado em Porto Alegre em 1965 e que viria a ser um dos fundadores da Feira do Livro de Porto Alegre.

As conseqüências da Revolução de 1930, assim como prejudicaram o dr. Ney de Lima Costa, também começaram a atingir o dr. Lacerda Almeida Junior, pois, como era notório, muitos revolucionários de sangue quente colocaram sua espada, sua vida e seus bens à disposição de seus ideais, pois como me disse a sra. Leofrida Thevenet Barbieux, filha do 1º tenente Mario B. Thevenet, após a Revolução de 1923, seu pai foi residir e trabalhar em Uruguaiana durante cinco anos, para poder refazer sua vida financeira e conseqüentemente a familiar, para cá regressando em 1928, regresso que o marcou, pois encontrara Passo Fundo com praças e ruas calçadas e um surto de progresso comercial e industrial.

Em edital do temido Astrogildo de Azevedo, pai do Evandro, do Régis, casado com a Cecília Menezes e avô do ex-presidente e vereador da Câmara Municipal e atual deputado estadual, dr. Luciano Azevedo, o mesmo intimava em 3/7/1931 o dr. Lacerda a comparecer à rua 15 de Novembro, nº 808, para resgatar a promissória no valor de 2:826\$700 (dois contos, oitocentos e vinte e seis mil e setecentos réis) em favor de Pompílio José de Macedo<sup>193</sup>. Como isso não foi feito, até porque era desconhecido o seu paradeiro, a coisa foi parar no Fórum. Edital de citação: “Pompílio José de Macedo e dr. Rômulo Teixeira x dr. Lacerda Almeida Junior – pagamento de notas promissórias no valor de 6:706\$870.000<sup>194</sup>” e outro edital de citação: “Dr. Simplicio Inácio Jaques (juiz) e escrivão



Casa onde residiu o dr. Francisco de Paula Lacerda Almeida Junior.

Fausto Saraiva citam: Ana Teodora de Oliveira Rocha e dr. José de Sá Brito x dr. Lacerda Almeida Junior, pagamento de notas promissórias de 8:000\$000 (oito mil contos de réis), com hipoteca de imóvel como garantia”.

Isso aconteceu em março e já em julho corria o edital de 1ª praça, que seria vendido em hasta pública uma área de campo com 96 hectares, situada no 1º Distrito, localizada às margens do Arroio Pinheiro Torto (divisando ao norte com a estrada geral para Cruz Alta; poente com Bertolino Profeta de Mello; sul: com Turíbio Costa; nascente com Manoel Ferreira Rezende), penhorado do dr. Lacerda ao sr. Pompílio José de Macedo, já no valor de 12:480\$000.

A seguir, João Batista Cúrio de Carvalho, 1º suplente de Juiz Distrital, dia 03/07/32, às 14 horas, vende em hasta pública, o imóvel dado em hipoteca na Ana Teodora de Oliveira Rocha na execução



Duas viseiras de defesa (os dois pontos escuros).

ao dr. Lacerda, uma casa de material e terreno na av. Brasil, nº 117 (hoje de nº 1.110, de propriedade do dr. Carlos Madalosso) com 10 metros de frente (divisando ao norte com a av. Brasil; à nascente, com o terreno de N.<sup>º</sup> Vergueiro; ao sul com sucessores do barão Antônio José da Silva Loureiro e ao poente com Geolar Garcez Caminha, proprietário da Casa Barão), totalizando 16:200\$000.

### *Outras curiosidades*

Na cidade, Túlio Fontoura lançou o *Álbum do município de Passo Fundo*, com 186 páginas, hoje facilmente encontrado<sup>195</sup>. Comemorou-se a 2 de junho o cinquentenário da morte de Giusepe Garibaldi.

E eu finalmente descobri porque nada era encontrado na OAB de Passo Fundo e na Porto Alegre sobre o registro funcional do dr. Lacerda, pois em 30 de maio de 1932 o presidente da OAB gaúcha, dr. Leonardo Macedônia, solicitou à sub-seção de Passo Fundo a inscrição dos interessados naquela Ordem. A regulamentação da advocacia no Brasil ocorreu com a edição do decreto nº 20.784, firmado por Getúlio Vargas, fazendo com que os advogados diplomados ou não (rábulas), filiassem-se nas respectivas ordens municipais e estaduais, a fim de poderem, doravante, exercerem a profissão. O dr. Ney de Lima Costa, um dos que recebera telegrama e cópia da regulamentação do decreto (e que era formado), avocou direitos adquiridos após dez anos de atividade advocatícia de seus colegas e tem garantida a sua inscrição em 4/8/1932<sup>196</sup>. O prazo de inscrições de advogados foi prorrogado por mais 90 dias, pelo decreto nº 21.689 de 01/08/1932<sup>197</sup>. O dr. Herculano Annes, foi o primeiro presidente e o dr. Ney de Lima Costa o 1º vice-presidente da Sub-Seção da OAB de Passo Fundo. A relação dos advogados da época vai aqui transcrita:

#### Edital

Ordem dos Advogados do Brasil

Seção do Rio Grande do Sul

Sub-Seção de Passo Fundo:

De conformidade com resolução da diretoria da Sub-Seção acima, publico abaixo a relação dos profissionais habilitados ao exercício da advocacia, respectivamente, nos termos do art. 13 do decreto nº 20.784, de 14 de dezembro de 1931 (diplomados), e nos termos dos artigos 12, § único, e 14 do decreto nº 20.784, de 14 de dezembro de 1931, e art. 2º do decreto nº 21.592, de 1º de julho de 1932, e da resolução do Conselho Federal de 13 de março de 1933 (não-diplomados):

Diplomados:

32 - João Junqueira Rocha.

- 33 - José Dario de Vasconcellos.
- 39 - Orestes Dionisio Barroni.
- 86 - Herculano de Araújo Annes.
- 87 - Antonio Bittencourt de Azambuja.
- 88 - Rosauro Tavares dos Santos.
- 89 - Evaristo Teixeira do Amaral Filho.
- 93 - Celso da Cunha Fiori.
- 94 - Rômulo Cardoso Teixeira.
- 206 - Mauro Machado.
- 207 - Vitor Oscar Graeff.
- 208 - Armando Souza Konters.
- 209 - João Bigois.
- 210 - Zélio Coelho Leal.
- 238 - Ney de Lima Costa.
- 280 - Max Capeluchnick.
- 287 - Aquelino Translatti.
- 288 - Alberto Velho de Souza.
- 353 - Frederico Cornélio Daudt.

Não-diplomados:

- 19 - Lindolfo Engelsing.
- 49 - Raimundo Martins de Quadros.
- 50 - Rubens Ramos de Oliveira.
- 74 - Francisco Antonino Xavier e Oliveira.
- 79 - Pedro Silveira Avacini.
- 81 - José Ivolino Pessoa de Brum.
- 82 - Artaxerxes Pessoa de Brum.
- 89 - João Silveira Camargo.
- 94 - João Corrêa Garces.
- 102 - Aurélio Franco de Toledo.
- 103 - Alcebíades da Cunha Cabral.
- 112 - Caio Gracco Serrano.
- 141 - Pedro dos Santos Pacheco.
- 166 - Teodoro Doro.

- 175 - Norberto Madureira Coelho.
- 205 - Paulo Coutinho.
- 224 - Paulo Damasceno Ferreira.
- 225 - Julio Freitas de Oliveira.
- 242 - Henrique Córdova.
- 247 - Randolfo Cidade.
- 249 - Antônio Montserrat Martins.
- 255 - Eurides Castro.
- 260 - Airam Amado Sampaio.
- 263 - Olmiro de Almeida Campos.
- 280 - Galmendio da Silveira Quadros.
- 282 - João Corrêa Borges.
- 283 - Luiz Pinto Vieira de Matos.
- 286 - Abelardo de Almeida Campos.
- 292 - Eurico Godoi Ilha.
- 293 - Américo Godoi Ilha.
- 294 - Miguel Reinert.
- 295 - Adão Paulo de Brum Vianna.
- 297 - Alfredo de Melo Tinoco.
- 304 - Aurélio E. Vilig.
- 334 - João Batista Cúrio de Carvalho.
- 360 - Antônio Tagliari Filho.
- 395 - Antônio Loures de Albuquerque.
- 407 - Jacinto Taurino da Cunha.
- 303 - Ângelo Rostirola.
- 308 - Eduardo Roca.
- 351 - Higino Garcez.
- 372 - José Gomes Vidal.
- 403 - Amintas Maciel.

Passo Fundo, 25 de maio de 1933.

O secretário:  
João Bigois<sup>198</sup>

Importante: Publicado o decreto, o dr. Ney de Lima Costa, insurgiu-se contra o mesmo e avocou em defesa dos não-diplomados o exercício da profissão por mais de dez anos, o que deve ter resultado na resolução do Conselho Federal que garantiu a inclusão dos não-diplomados, comumente alcunhados de “rábulas”.

Demais notícias:

- O Hotel Serrano, de Leovaldo da Silva, na rua Paissandu, nº 900, continuava hospedando<sup>199</sup>;
- A Cafelaria Lory servia o tradicional cafezinho<sup>200</sup>;
- A Tinturaria e Chapelaria Européa de Samuel Bacaltchuk (pai do Jaime, do Leão e do Isaias e avô do Benami) foi o embrião da Casa e Fábrica de Móveis Carioca<sup>201</sup>; Elias Baez e o dr. Ney compraram o livro de Roque Callage para ajudar a família<sup>202</sup>.
- Após o sr. Osvaldo Aranha ter mandado pagar 50% restantes, das requisições no Rio Grande do Sul, ainda de 1930, as forças começam a movimentar-se<sup>203</sup>. O 3º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar, comandado pelo cel. Jorge Pelegrini Castiglione, que chegara a Passo Fundo vindo do Alegrete e que aqui se estabelecera em 10 de janeiro de 1931, na Vila Cruzeiro, este embarcou para Ponta Grossa em 17 de junho de 1932 e, depois, juntamente com o 8º Regimento de Infantaria e o 15º Batalhão de Caçadores do Exército Nacional, participou das batalhas de Itararé, Itaberá, Pedras Brancas, Fazenda Cipriano de Mello, Santa Cruz dos Lopes, Ribeirão Vermelho Faxina e Itaporanga.
- As notícias dão conta que temos vários mortos do 8º RI, comandado pelo tenente cel. Octávio Félix em Itararé (São Paulo), e, igualmente, na Batalha de Bury do 8º e nas forças do cel. Valdomiro Lima<sup>204</sup>.
- Os revolucionários da epopéia de 30 entraram em polvorosa e pretendiam organizar uma coluna com ex-colaboradores

de 1930. Reuniram-se: Antonio Quim César, Frederico Cúrio de Carvalho, Mario B. Thevenet, Ocário Borges, João Fagundes de Souza, Raymundo Rocha (Casgado) e Avelino César e formam, o 26º Corpo Provisório de Passo Fundo<sup>205</sup>, que compunha-se num total de 150 homens e já em agosto os outros Corpos Provisórios (Chicuta e Quim César) estavam em Ourinhos, depois em Guatiguá e por último em Jacaré, Ribeirópolis, Fartura e Belmonte.<sup>206</sup>

- O dr. Lacerda Almeida Junior, conforme registra o Livro Índice dos Boletins da Brigada Militar do ano de 1932 (nas páginas 537, 901 e 1.028), a saber: p. 537 - 2º Semestre-1932 diz: “E para servirem como oficiais no 26º Corpo Provisório de Passo Fundo: tenente-cel. comandante, dr. Lacerda Almeida Junior; major fiscal, Pedro José Estácio; cap. ajudante, Delfino Machado; cap. médico, Pedro Vargas; Capitães comandantes do 1º, 2º, 3º e 4º Esquadrões respectivamente, Oscar de Souza Batista, André Ferreira Guimarães, Eduardo Jacob Muller e Anacleto dos Santos Machado; 1ºs tenentes, Abel Cheis, José Pereira dos Santos, Juvenal Trancoso e Iraçu de Oliveira; 2ºs tenentes, Pedro Ferrão Teixeira, Julio Coelho Pereira, Generoso Azevedo, Dorval dos Santos Machado, Hipólito Mariano de Salles, Eugênio Maia, Felisbino Rocha, José Jeremias Corrêa Borges, Solidônio de Oliveira Campos e Ubaldo Mariano de Salles. Palácio do Governo, em Porto Alegre, 13 de setembro de 1932, assinado, José Antônio Flores da Cunha e Eduardo Marques, Secretaria do Interior”.

Boletim da Brigada - 2º Semestre 1932, p. 901 – Apresentações: “Apresentaram-se hoje, vindos de Passo Fundo, em objeto de serviço, o tenente cel. dr. Lacerda Almeida Junior; cap. ajudante Jesuíno Marcondes e 1º tenente Irani G. de Oliveira, do 26º CA”. Este Corpo Provisório, bem como o 44º, Comandado pelo tenente

cel. Pedro Corrêa Garcez de Carazinho, conforme mapa da Brigada Militar, compunha-se de um batalhão de 500 homens.

Enquanto se desenvolve a guerra:

- Pedro Barreiro casou-se em segundas núpcias com Celuta Westphalen;
- Desenrola-se a Jornada Liberal, de Othelo Rosa<sup>207</sup>.
- O decálogo do racismo alemão era elaborado na Alemanha.
- Dinheiro de Passo Fundo foi remetido para os flagelados do Nordeste.
- Eram soltos todos os presos políticos do Rio Grande do Sul, inclusive o libertador, Batista Luzardo<sup>208</sup>.
- Morreu em São Paulo, Alberto Santos Dumont, o pai da aviação<sup>209</sup>.
- Armando Diefemback, na Moron, nº 1.710, vendia harmônicas Stradella<sup>210</sup>.
- O jornalista Túlio Fontoura foi preso no 8º RI<sup>211</sup>.
- Guerra foi declarada também entre Bolívia e Paraguai<sup>212</sup>.
- Foto Ávila fotografa milicos a mil réis e também a Foto Íris, na Moron, nº 1.739 <sup>213</sup>.
- Aniversariava o cel. Vazulmiro Dutra. Houve discursos e estava presente o 1º ten. Tarso Dutra (ex-min. da Educação)<sup>214</sup>.
- José de Miranda Salinet anunciou que vendia à vista, no varejo e atacado em sua Casa Horizonte – Estação Coxilha<sup>215</sup>.
- Morreu o inventor da champagne, frade Dom Perignon<sup>216</sup>.
- Borges de Medeiros e Euclides Figueiredo (pai do ex-presidente Figueiredo) foram presos<sup>217</sup> e o jornal *O Nacional* esteve sob censura de 25 de setembro a 13 de outubro de 1932<sup>218</sup>.

- Em novembro, as forças passo-fundenses e do Sul, começam a regressar, as primeiras a retornarem foram os Esquadrões Provisórios cel. Chicuta e Quim César, depois o 8º RI e por último o 3º RCBM e o 26º Corpo Auxiliar da BM, do qual diz *O Nacional*: “Procedente do Rio de Janeiro, deverá chegar hoje nesta cidade o sr. cel. Lacerda Almeida Junior, comandante do 26º CA da BM”<sup>219</sup>.

A presente informação confirma-se na página 1.028 do Livro Índice da Brigada Militar, 1932, que diz:

Embarcaram ontem para o Passo Fundo, recolhido ao Corpo, o ten.cel. do 26º CA Lacerda Almeida Junior, Confere, os mesmos, em 7 de dezembro de 1932. Aldo Ribeiro Madeira, major e João de Deus Canabarro Cunha, coronel.

Sobre o Esquadrão Quim César, diz o Livro Índice, à p. 504, 2º Semestre de 1932:

Exoneração de oficiais em comissão: A Secretaria dos Negócios Interiores, conforme ofícios 6758, 6765 e 6787 de 10 de setembro de 1932, foram exonerados, a pedido, dos postos oficiais do 24º Corpo Provisório do Passo Fundo, os seguintes cidadãos: tenente-cel. Com. Antônio Quim César, cap. ajudante Ocário Borges, 1º ten. Dico Ramos e Mario B. Thevenet, 2ºs ttes. Nelson Thevenet, Doralino Albuquerque Costa e Alfeu Silva.

Infelizmente, até a presente data (5/3/2002), devido, em parte, à censura da época e aos poucos meios de pesquisa em Passo Fundo, não saberia dizer porque o cel. Lacerda veio do Rio de Janeiro, se lá estava aquartelado e, ainda, se ele tomou parte nas batalhas que envolveram o 3º RCBM. Aguardo resposta de ofício do diretor do Museu da Brigada Militar em Porto Alegre, datada de 12/02/2002.

Outras notícias dão conta que:

- Borges de Medeiros quedou-se ao lado dos paulistas e contra Getúlio Vargas<sup>220</sup>.
- A ditadura efetuou a compra de aviões e do Encouraçado Minas Gerais<sup>221</sup>.
- No Caçador, em Coxilha, incêndio no engenho de Inocêncio Schleder<sup>222</sup>.
- Glória Hotel de propriedade de José Knoll<sup>223</sup>.
- Rio Passo Fundo ou Uruguay Mirim, nasceu no Bosque do Jachuy, conforme Domingos de Araújo e Silva (1865)<sup>224</sup>.
- Queijo Flor as Serra e manteiga Glória, à venda no Armazém Rigon (Nenê)<sup>225</sup>.
- Nova constituição: relação dos integrantes nomeados para sua confecção<sup>226</sup>.
- O estado e a cidade de São Paulo durante a revolução<sup>227</sup>.
- A vida do cel. Pedro Lopes de Oliveira; aniversariou em 29/10/32<sup>228</sup>.
- Prefeito nomeado de Passo Fundo, dr. Armando Araújo Annes<sup>229</sup>.
- Relação de deportados pós revolução<sup>230</sup>.
- É eleito nos EUA o democrata Franklin Delano Roosevelt<sup>231</sup>.
- Fundada em Coxilha a Cooperativa dos Madeireiros e o Representante do Cristal Árabe para cavalos é o sr. Mario Goelzer<sup>232</sup>.
- Água mineral e santa várias curas, Vila dos Campos, informações na Cel. Chicuta, n<sup>o</sup> 574, com Francisco P. Deiro<sup>233</sup>.
- Fundação do Sindicato dos Contabilistas de Passo Fundo em 05/12/1932, sendo um dos fundadores Honório Pinto Pôrto (pai do meu padrinho de crisma, dr. José Lamaison Pôrto), vereador, deputado estadual e secretário de Estado do Rio Grande do Sul, pai do Holdy, Odilon, Horaido, Leda, Eloi e Guaracy e avô do Hieudi Pôrto<sup>234</sup>.

Parece que houve um racha nas forças políticas passo-fundenses, advindo da fundação em Porto Alegre, do Partido Liberal Republicano, do gen. Flores da Cunha, braço direito de Vargas no estado gaúcho e, sem o qual, com certeza, não teria governado, em oposição à Frente Única, dirigida por Borges de Medeiros e Raul Pilla, o que originou dos borgistas locais, Antônio Bittencourt Azambuja e Nicolau Araújo Vergueiro, uma advertência política aos republicanos e libertadores<sup>235</sup>. Entretanto, em sessão solene no Cine Coliseu, foi instalado o Partido Republicano Liberal sob a presidência do prefeito Armando Araújo Annes e do novo adepto, dr. Ney de Lima Costa, que discursou na ocasião. Na oportunidade, foram formados postos de qualificação do PRL, a saber: dr. Ney de Lima Costa (rua Gen. Osório, 934); Inocêncio Schleder (av. Brasil, nº 1.434); Bonaparte Lima Costa (rua Cel. Chicuta, nº 604); Higino Garcez (ao lado do IE); Leão Nunes de Castro (Moron, nº 1.009) e Quim César (av. Brasil, nº 458)<sup>236</sup>.

Enquanto no Rio de Janeiro era fundado o Partido Socialista Brasileiro (PSB)<sup>237</sup> (do nosso atual deputado federal e ex-secretário de Estado, dr. Beto Albuquerque) e lançado seu programa, também era decretada a cassação de direitos políticos por três anos das autoridades políticas, militares e jornalistas, depostos em 1930 e dos republicanos e Frente Única de São Paulo.

No lado militar, atendendo os apelos já feitos pelos ministros Osvaldo Aranha e gen. Góis Monteiro, ainda em 30, para que procedesse o alistamento de todos os legionários vencedores, reuniram-se os ex-combatentes de 1930 e 32 na Sociedade Operária e criaram a Legião dos Ex-Combatentes, sob a presidência do cel. Antônio Quim César, oportunidade em que leu o programa e discursou o dr. Lacerda Almeida Junior na presença do prefeito Armando Araújo Annes<sup>238</sup>.

Antes de findar 1932, podemos destacar ainda algumas notícias daquele ano:

- A Casa São Paulo, na praça Mal. Floriano, 1559, que pertenceu a Jaime Kwitko e Abraão Melnik, pertencera a Maurício Capelhuchnik<sup>239</sup>;
- Confraternização no 8º RI com o com o 3º RCBM e o 26º CABM<sup>240</sup>.
- Calçados eram vendidos na Bon Marché, praça Mal. Floriano, 1389 e meias, na Casa das Meias, av. Brasil, nº 169, de Estácio & Irmão<sup>241</sup>.
- Edital de citação – Coxilha – Lúcio Alves em lugar incerto, para 04/01/1933, pela morte de Henrique Gavião, filho de criação do meu bisavô materno, Cipriano Dias Garcez. Na mesma data, por lesões leves, foi citado Alcides Duarte Araújo<sup>242</sup>.
- Prisão Política – Túlio Fontoura do jornal *A Luta* e do dr. Victor Graeff<sup>243</sup>.
- Propaganda de diversos comerciantes na edição de dezembro de 1932<sup>244</sup>.
- Viajou para Porto Alegre o dr. Ney de Lima Costa<sup>245</sup>.
- Em Passo Fundo, Leonardo Macedônia, presidente da OAB-PA recebido pelo presidente Herculano Annes<sup>246</sup>.
- Carta ao diretor do jornal *O Libertador* do dr. <sup>a</sup> B. Azambuja<sup>247</sup>.
- Borges de Medeiros exilado na Ilha do Rijo, foi transferido para o Recife<sup>248</sup>.
- No Cine Coliseu, filme Céu na Terra, com Lewis Ayres e Annita Louise, galãs do cinema na época<sup>249</sup>.
- Jaime Laus, parente do Alceu Laus da Casa Rádio, vende rádios Cruzeiro K-55 a 1:450\$000, financiado, instalado, procurá-lo no Hotel Avenida<sup>250</sup>.

1933

### Banquete

Quinta feira ultima, foi oferecido, no Hotel Avenida, pelo dr. Lacerda de Almeida Jor., um banquete de despedida ao srs. Cel. Vazulmiro Dutra, sub-chefe de policia, ao major commandante do 3.º R. C. B. M. e a officialidade do 26º C. A. B. M.

Neste banquete fallaram os srs. dr. Lacerda de Almeida Jor., despedindo-se de seus

amigos, Cap. Pedro Vargas, oferecendo-lhe um fino mimo em nome da officialidade do 26º C. A. e o dr. Arthur Ferreira, em nome do Cel. Vazulmiro Dutra.

Após o piquenique oferecido pelo 8ºRI ao 3ºRCBM e ao 26º CABM (os vitoriosos de 1930 e 32), oportunidade em que discursou o sub-comandante do Oitavo, tenente Rômulo Teixeira, na presença da officialidade das três unidades e dos chefes dos Corpos Provisórios, o cel. Antônio Quim César regressou para o município de Taquary, como sub-chefe de Polícia daquela região<sup>251</sup>.

*O Nacional* publicou em duas notas<sup>252</sup>:

O 26º CABM em dissolução, convida os credores a comparecerem das 9 às 11 horas na av. Brasil, nº 165, para serem pagos.

Convite aos oficiais, subalternos e praças para dia 21 receberem o soldo de 14 dias. Assinado: dr. Lacerda Almeida Junior, cel. com (20/02/33).

E alguns dias mais tarde, registrou-se o agradecimento de Mario Ferrari, fornecedor do 26º CABM ao cel. Lacerda e ao major-fiscal Pedro Estácio e outros, cujo pagamento foi de 67:513\$000 (sessenta e sete contos e quinhentos e treze mil réis).

Dia 23 de fevereiro, quinta feira, realizou-se um banquete no Hotel Avenida, oferecido pelo cel. dr. Lacerda Almeida Junior ao cel. Vazulmiro Dutra e Oficiais do 26º CABM. O dr. Lacerda despediu-se de seus amigos e recebeu fino mimo do oficial cap. Pedro Vargas e do dr. Arthur Ferreira Filho em nome do cel. Vazulmiro Dutra<sup>253</sup>.

No Livro Índice, de 1933, da Brigada Militar, à página 709, diz:

A Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, pelo ofício de 21 de setembro, comunica a exoneração, a contar de 31 de maio de 1933, do posto que ocupava no 18º [Leia-se 26º] Corpo Auxiliar da BM, em virtude de sua dissolução, os oficiais em comissão: dr. Lacerda Almeida Junior.

Ainda sobre o assunto, vamos encontrar o edital:

26º CABM, oficiais e praças receberem 8 dias de agosto de 1932 – Quartel do 3º RPF – 12. out. 33 – Adonis Ventura Homen – capitão.

Segundo o que foi exposto, o 26º CABM fora criado a partir de 01/08/1932 e extinto em 31/05/1933, mas a verdade é que, desde a realização do banquete de despedida, não encontrei nenhuma notícia que pudesse determinar o futuro paradeiro do dr. Lacerda Almeida Junior. Assim como talvez aqui tivesse aportado em 1923, da mesma maneira que chegou foi embora. Deduzo que após ter recebido seu soldo de Oficial em Porto Alegre, que era de 800\$000 mensais, e diária de 20\$000, tenha ido residir no Rio de Janeiro, pois me parece que lá residiam seus pais (rua Coração de Maria, nº 84, bairro Engenho Novo) e era lá que estava o poder,

o dinheiro, as oportunidades e as decisões políticas do país. Em duas ocasiões, em 1930 e 32 e talvez também em 1923, mostrara sua determinação e seu valor como soldado, talvez fosse a hora de ir à fonte beber dos louros da vitória.

O dr. Lacerda saiu da arena da vida em Passo Fundo, mas eu ainda tenho que continuar com minha arenga para poder concluir, pelo menos para mim, de modo satisfatório, essa história do *Cacimbinha*.

Enquanto isso, na Coxilha, alguns fatos se correlacionam com minha história, outros nem tanto, mas fazem parte da minha vida e mais tarde servirão para outros causos mais.

O lar benquisto e acolhedor de Mario e Othilia Goelzer, que já recebera a sobrinha Eloísa em 17/03/1933, recebeu em 26/02/1933 a filha Lydia<sup>254</sup>.

O José Noal fazia Bailes em sua casa e o 1.441 – Julio Fisch, Comissário de Polícia, não deixava por menos, fazia também, amparado na lei<sup>255</sup>;

A qualificação eleitoral é para todos e nos jornais de números 1.454, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 64 e 1.468<sup>256</sup> vamos encontrar a nomenclatura dos eleitores qualificados na grande Passo Fundo para as eleições de 3 de maio de 1934.

A votação aconteceu no Colégio São José (atual Visconde de Araguaia, onde fiz até o 4º ano primário, sendo minha primeira professora a sra. Geni Bertoldo e particular a srta. Altiva de Souza), 7ª Seção Eleitoral, tendo como presidente Achilles Félix de Mello, 1º suplente, Alfredo Albrecht e 2º suplente, Francisco de César<sup>257</sup>. O presidente Eleitoral também era o agente dos Correios (em 1953, era Bráulio de Senna), e por causa de política, meses antes fora obrigado a realizar uma declaração pública para defender-se, assinando-a os principais moradores, cuja nomenclatura transcrevemos<sup>258</sup>.

## Declaração

A quem interessar possa, que, nós, abaixo assinados, declaramo-nos satisfeítíssimos com o serviço do sr. Aquiles Félix de Mello que tão desinteressadamente vem prestando como agente do Correio na Estação de Coxilha.

Declaramos, também, estar o mesmo senhor autorizado por nós para receber nossas correspondências.

Coxilha, 1º de fevereiro de 1933.

João Pereira Bastos, escrivão distrital; Mário Goelzer, Amadeu Goelzer, Santo Meneghetti, J. Meneghetti, Iracema Meneghetti, Gomercindo Meneghetti, Antônio Zimmermann, Francisco Cauduro, Corita Cauduro, José de Miranda Salinet, Alvicio Closs, D. Rocha, Antônio Dias Menezes, Jacob Kurtz Junior, João da Rocha Kurtz, Francisco Corrêa de Arruda, Bráulio Alves Veiga, José Alves da Veiga, Espilcan Pereira dos Santos, Ernestino Pedro Donida, João Celso de Oliveira, Juvenal Nunes Vieira, Franquino Silocch, Antônio de Mello Filho, Appolinário Luiz de Almeida, João Silveira Garcez, Raul E. Costa, Jayme Lopes de Oliveira, João Rodrigues Machado, Mathias Willibaldo Schmitz, Ozimo Silveira a rogo de Alfredo Gonçalves Ferreira, Julião Luiz de Almeida, Octaviano de Brito a rogo de Fideles Soares do Amaral, Dorvalino Dias Muniz, Cypriano Leal Severo, Olmiro Leal Severo, Álvaro T. Vieira, Aristóteles Lima, Nelly Araújo Garcez, Boaventura Dias Garcez, Jandira Prates, J. B. Miranda, Victorio Tramontini, Osório Ferreira Terra, Mendes Tellis, Brasiliano de Araújo Vargas, Graciliano Araújo e Silva, João B. Cavalheiro, Alfredo Santos de Oliveira, Pacífico Dias Garcez, João Edy Krautz, Maurílio Luiz de Almeida e Terêncio Nunes Vieira.

O escrivão de Coxilha era João Pereira Bastos, que tomou conhecimento do edital que dizia:

Alfredo Silva Machado x Pacífico Dias Garcez – 165 hectares de terras: 13:200\$000 (treze contos e duzentos mil réis), casa de



Rincão das Quinas. Caxilha, RS. Da esquerda para a direita: nas janelas: Benevuta (Lerena), Florianilla e Leontina; a cavalo: Pacífico - Perseval Garcez.

7 x 10 de pinho, frente para o Poente 1:800\$000, mais um chalé distante mais ou menos 100 metros 800\$000, mais galpões e benfeitorias e mais um cavalo baio, um zaino bico branco, um rosilho, um mouro e um lubuno 400\$000 e uma égua zaina estrela 40\$000. Total, 16:940\$000. Divisas: norte, com terras de Inocência Schleder; sul: com Lúcio Rodrigues; leste: com Balduino Fauth e a oeste, com a estrada geral Caxilha-Passo Fundo, local denominado “Campos de Fora”, Rincão dos Teixeira, excluindo-se 50 hectares, penhorados ao dr. Ney de Lima Costa. 1<sup>a</sup>. Praça em 02/05/33 e 2<sup>a</sup>. e 3<sup>a</sup>. Praça com 15% em 30/05/33<sup>259</sup>.

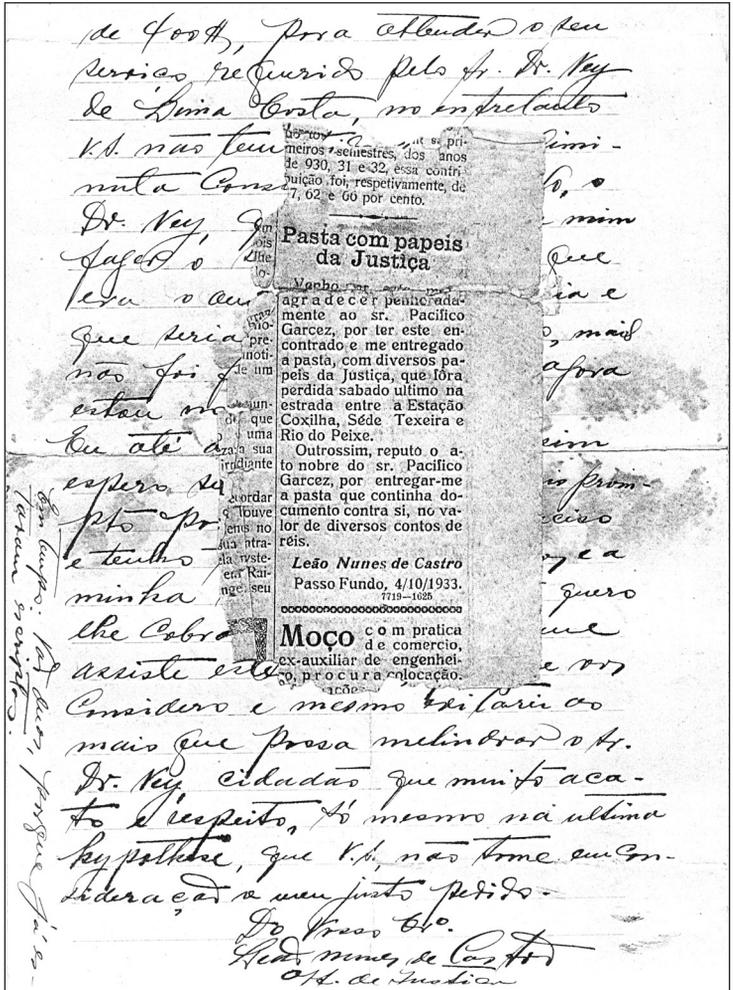
Na primeira oportunidade, puxei pela memória do Tio Dorival (nascido em 16/01/1915), o qual me contou que essa penhora originou-se da compra de duzentos e tantos animais cavalares do Santiaguense, que embora tivesse recebido sete contos de réis à vista e dado dois anos de prazo para pagamento do restante em

Paseo Fundo, 24, de Maio de 1933.

Seño Sr. Pacifico Dias Garcer.

Um esta por objetivo o seguinte: Saber de V. S. está ou não de acordo de pagar-me as minhas contas de Official de Justicia, no valor de 157.000, que ha mais de dois meses, isto é, ha tres meses, estão esperando, pois deseñá V. S. Haber, como buscarei no futuro que é que as contas de un Official de Justicia são pagas no acto de ultimar a diligencia, quando o anc. aqui esteve e que neste assumpto Gallaur, me prometteram providencia ao mais prompto possível mediante uma differença, que espontaneamente me prometteram fazer de 57.000, no entretanto até hoje V. S. não me o deu mais nenhuma Atuação. Motivo pelo qual, me dirijo por intermedio desta, para seu Governo, para saber o que devo fazer, deixei de ganhar mais fire

promissórias assinadas, arrendera-se e executara a dívida. O dr. Ney de Lima Costa era o advogado de defesa, conforme eu ouvira meu avô falar, ganhou a questão e recebeu em dinheiro e não em campos os seus honorários. O oficial de Justiça era Leão Nunes de Castro, conforme se desprende desta carta de seu próprio punho.



Carta do oficial de Justiça Leão Nunes de Castro a Pacifico Dias Garcez.



Casa de dona Ana Teodora de Oliveira Rocha, vizinha do dr. Lacerda Almeida Junior.

De Coxilha, hospedaram-se no Hotel Serrano, Nereu Garcez, Aristides Araújo e Octaviano Goelzer, enquanto que em Sertão<sup>260</sup> foi instalado o 11º Distrito, com a presença do intendente e coxilhenses, como Cícero Cardoso e Branco Kern<sup>261</sup>. No tempo em que os terrenos de 10x50 metros de propriedade de José de Miranda Salinet eram vendidos a 1\$000 (hum mil réis) o metro quadrado<sup>262</sup>, o Distrito de Coxilha tinha 580 casas com 3.060 habitantes e Passo Fundo, pelo censo de 1932, tinha 2.800 casas com 12.219 habitantes. O total dos dez distritos perfazia o número de 8.747 casas com 63.060 habitantes. A grande Passo Fundo, que em 1923 chegara a ter mais de 100 mil habitantes, a terceira no estado em população e a segunda em extensão territorial, decrescera com a emancipação de Carazinho e anexação de alguns distritos, a exemplo de Coxilha, que mal comparando, chegou a ter quase

5 mil habitantes em 1950<sup>263</sup>. Pela crise da madeira, decresceu e, em 1954, assim foi descrita num cartão postal de São Paulo pelo meu avô:

Da estrada de ferro para baixo (estação) tem 10 casas. Da entrada que vai para o cemitério são 27 casas. Da oficina de Teodoro Tremmer (ou Brenner) até a encruzilhada do sr. Napoleão Ferreira de Oliveira, tem 60 (sessenta), isto é, pelos dois lados da rua lateral e da oficina dos trens (Madeira Trein) até a encruzilhada do Napoleão, confirmo 60 casas, e da olaria do compadre João Garcez pela direita e pela esquerda até a oficina do finado Jovino Lara 14 casas. E seguindo pela faixa que vai a Passo Fundo até o sr. Santo Trindade tem 30 (trinta) casas, num total de 141 casas.

A divisão administrativa de Passo Fundo, estava assim constituída: 1º cidade; 2º Campo do Meio; 3º Coxilha; 4º Nonoai; 5º Marau; 6º Sede Sarandí; 7º Sede Teixeira; 8º Colônia Ernestina; 9º Constantina, (ex-João Pessoa); 10º Sete de Setembro e 11º Sertão.

A Livraria Nacional anunciava os livros sobre a Revolução de 1932: “De Samuel Bacarat, *Capacete de aço*; de Orígenes Lessa, *Não há de ser nada* e de Menotti Del Picchia, *Revolução paulista*.”

Dona Magdalena Mendes de Castro, esposa de Leão Nunes de Castro, aniversariava em 3 de janeiro<sup>264</sup>.

Em 4 de janeiro foi realizada a primeira extração da loteria federal<sup>265</sup>.

Descobriram que Borges de Medeiros, o irmão Augusto não era gaúcho, mas pernambucano<sup>266</sup>.

Foi suspensa a censura postal<sup>267</sup>.

Otto Bade foi o presidente e Otacílio Ribas o secretário da Comissão Pró-Construção da Catedral<sup>268</sup>.

Casa Americana, antiga Blandino Kurtz; Confeitaria Colombo de Edmundo Holavinck e Farmácia Serrana de Ivo Ferreira

continuam os negócios<sup>269</sup>. Artigo de Nilton Costa, filho do dr. Ney, intitulado, convite contra a guerra que se prenunciava na Europa<sup>270</sup>.

Solenidade de juramento à bandeira e editais de qualificação de reservistas de 1ª Categoria do 8º RI<sup>271</sup>.

500:000\$000 (quinhentos contos de réis) para os flagelados do Nordeste<sup>272</sup>.

Comunicado do vendedor de *água* do chafariz e Pinheirinho: esta última estava melhor!<sup>273</sup>.

Teatro Genealógico que escapou da Inquisição, encontrado no *Diário de Açores* por Lobo Ávila, confirma que Cristóvão Colombo era português e chamar-se Salvador Gonçalves Zarco<sup>274</sup>.

Fábrica de Massas São João de Mário Ferrari, av. Brasil, nº 55<sup>275</sup>.

Carta da roça<sup>276</sup>.

Sindicato Empregados no Comércio – criação de Comissão provisória para sua fundação<sup>277</sup>.

Comecei a notar que dois fatos poderiam levar a minha pesquisa adiante: o primeiro foi o anúncio do aniversário de Lires, em 25 de março<sup>278</sup>, filha do sr. Legende Chagas Pereira, o mesmo nome em que o deputado Moreira cita no artigo *Ducha pra um*, como general revolucionário de 1923 e companheiro do dr. Lacerda.

Como vimos, há meses o dr. Lacerda tinha saído de cena e eis que, a viúva. Orocil de Medeiros comunicou o noivado de sua filha *Dinah* com o sr. José Carlos Lacerda Almeida (filho ou irmão do dr. Lacerda). Dinah Orocil de Medeiros formara-se em 1933 na Escola Complementar (hoje Protásio Alves) e foi diretora do Colégio Estadual da Vila Vera Cruz<sup>279</sup>. Pensei que dessa união conseguiria saber mais sobre o dr. Lacerda, mas conforme soube, Dinah desfez o noivado e casou-se com o então cabo e depois major Nei Franco, do 3º RCBM.

Pela política, as notícias fervilhavam, os candidatos da Frente Única do dr. Borges faziam acirrada propaganda<sup>280</sup>. Descontente, o sr. Armando Araujo Annes demitiu-se do Partido Republicano Liberal e do cargo de prefeito de Passo Fundo (quem sabe pelo dedo de Antonino X. Oliveira). O líder dr. A. B. Azambuja estava desinteressado e João Fagundes de Souza e Nicolau A. Vergueiro, que foram presos novamente e soltos, vindo este a integrar a chapa do Partido Republicano Rio-Grandense à Constituinte, juntamente com o dr. Maurício Cardoso e outro. Em contra-partida, o Grêmio Nacionalista Flores da Cunha do Partido Liberal lançou manifesto assinado por Vazulmiro Dutra e Armando Araújo Annes. Nessa barafunda, o Partido Libertador no Congresso de Rivera indicou seus candidatos: Assis Brasil, Alberto Pasqualini e outros e o dr. A. B. Azambuja para suplente e aprovou uma emenda, vedando a participação de militares à deputação na Constituinte Federal. Sabe-se que o Partido Republicano Liberal obteve marcante vitória.

Talvez compensando a todos os liberais, o gen. Flores da Cunha fez readmitir na BM oficiais afastados pela reforma por ocasião da Revolução Paulista<sup>281</sup>.

Ainda em 1933, estava registrado:

- Gaúcha: Chimarrita de Dario Ribeiro Filho<sup>282</sup>.
- Fatos sobre Canudos e Antônio Conselheiro<sup>283</sup>.
- Tumulo de Eva é reverenciado em Djedah-Méca. Dizem que fica a uma regular distancia do de Adão, porque no fim da vida se separaram<sup>284</sup>.
- Poço semi-artesiano com 87 metros e vazão de 10 mil litros horas do Hotel Avenida, custou 8:000\$000 a Pedro Barreiro<sup>285</sup>.
- Edição Especial do 9º aniversário do jornal *O Nacional* em 19/06/1933<sup>286</sup>.

- Artigo do dr. Tenack de Souza, alertando sobre a doença do Tifo<sup>287</sup>.
- Lampião, apoiado por autoridades nordestinas, tornava-se um ditador nos sertões da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Ceará<sup>288</sup>.
- Getúlio Vargas visitou o Nordeste, acompanhado de Garcez Nascimento e outros<sup>289</sup>.
- Restaurante Bela Nápoli era na Moron, nº 1723, e o Restaurante e Café Elite (antigo Serrano), foi inaugurado em 4/9/33<sup>290</sup>.
- Churrasco na empresa, Sirotski & Birmann<sup>291</sup>.
- Andejo, o dr. José Apolito não está mais em Marau, está sendo homenageado pelo cap. Laureano de Moraes Branco, coletor federal, pelo seu aniversário, em Nonoi<sup>292</sup>.
- Em Marau, o S. C. Liberdade inaugurou a cancha coberta, com a participação de três times de bochófilos (30/3/33)<sup>293</sup>.

## Marau

Marau, 27 (Via Postal) – A sociedade desportiva local acaba de construir a cobertura de suas canchas de bochas junto a sua sede social. A mesma designou o dia 30 de abril para sua inauguração festiva. No ato inaugural, serão padrinhos das canchas os senhores Julio Borela, José Primo Bernardi, Luiz Oltramari, Jacob Tõnial, Carlos Piculi, Fiorelo Coldebela, Ângelo Mistura, Ângelo Retove (Detone?), Arcângelo Santin, Silvio Confortin, Ângelo Francescheto e João B. Zancanaro.

Os padrinhos irão disputar em duas partidas de bochas, “dois quintos de vinhos” que servirão para regar um suculento churrasco, que será disputado em um jogo de futebol entre os casados que formaram dois quadros, compostos dos seguintes senhores:

Vai como pode

Capitão: Honório Borges, Virgínio Marosin, Fioravante Piva, Marcelino Prestes, Aucerino Guios (Ghion?), Ângelo Borela, Francisco Suchim, Luiz Batistela, Clemente Gaspudini, Zeferino Felipi, João Ferlin, Jorge Rigo, Antonio de Assandi, Pedro Mistura, Nicandro Oltramari, Estefano Fontanela e João Bortolini.

Arranca toco

Capitão: João de Conto, Francisco Foresti, Luiz Foresti, Antonio Barros Bica, Henrique Contorno (Conterno?), Luiz Bassi, Antônio Fachim, Anariano Oltramari, Pedro Machado, Pedro Marini, José de Bortoli, João Zancanaro, Antonio Brancher, Luiz Marosin, Francisco Balardin, João Sartori e Pedro Berebio (Bilibio?).

À noite haverá um grande baile na Sociedade S. Liberdade.

O inverno de 1933 se mostrava fatídico. Salustiano de Pádua, herói da Revolução de 1893, cuja foto e currículo constam de *O Nacional*, faleceu em Carazinho<sup>294</sup>.

O dr. Ney de Lima Costa, que em 1932 se recuperara rapidamente de uma breve enfermidade, comemorou com seus familiares o seu aniversário em 12 de julho de 1933, mas logo em seguida ficou gravemente enfermo e no dia 22 *O Nacional* anunciava assim sua necrologia: “Dr. Ney de Lima Costa, advogado, comerciante e jornalista, proprietário do jornal *Vanguarda* morreu às 20:30 horas do dia 21/07/1933”<sup>295</sup>.

As escassas notícias subseqüentes dão a entender que as exéquias foram simples, tanto de parte da Intendência, quanto de parte dos correligionários e políticos. Somente uma homenagem do aluno iense Walter Borges constou nas despedidas, àquele taquariense que se enraizara e criara seus filhos em Passo Fundo.

O agradecimento à comunidade, em nome da família, foi efetuado por José e Modesta Vanzo, através de *O Nacional*<sup>296</sup>. Quem sabe, no jornal *Vanguarda* ou através de sua família eu

ainda descubra quais foram as homenagens da comunidade que originaram o agradecimento, pois era comum, na época, nominar na imprensa quem compareceu, quem mandou flores e coroas e até os discursos proferidos. Porém, nada disso consta.

Deixara a vida um ilustre homem público de Passo Fundo, de inumeráveis qualidades morais e cívicas; que fizera parte da história desta terra, num dos decênios mais críticos do estado e da nação brasileira; homem de formação acadêmica, brandira sua espada jornalística segundo suas convicções cívicas e morais; governista, aqui e lá, parece que perdera mais do que ganhara; errara uma vez, errara duas, mas não a terceira. O rol de seus feitos por onde passou e em especial no Passo Fundo da Serra, revelam apenas algumas estocadas de seus feitos.

Essa é uma história que está começando a ser resgatada. Passo Fundo muito lhe deve, é tempo ainda de pagar a seus filhos que foram olvidados pelo passar dos anos e pelo desconhecimento. Para que não se diga amanhã ou depois, vamos enumerá-los ao final (uma rajada de vento agita a folhagem esparramada da canjerana).

Sua pena e seus empreendimentos foram tantos quantos, ou até mais do que os de alguns companheiros da época, homenageados até triplamente nos dias de hoje. Para quem estava do outro lado do poder, nada. Nem o nome numa ruela, numa escola de bairro, num canteiro de avenida ou no tombamento de seu palacete, que ainda exterioriza o apogeu serrano nas revoluções.

Confesso que, desde o início das pesquisas, interiormente torcia para que o pesquisado, o autor, o criador do *O puchirão do Gé Picaço* fosse uma pessoa ilustre, um grande filho desta terra, um realizador. O dr. Lacerda Almeida Junior o fora, mas num outro sentido.

Ao longo da pesquisa, eu também soube admirar Ney de Lima Costa, o adversário, o político, o realizador, aquele que estava voltado para as realizações, para o dia-a-dia de Passo Fundo, a sua faina, o seu progresso, a sólida construção da futura capital do Planalto Médio gaúcho.

Quanto ao dr. Francisco de Paula Lacerda Almeida Junior, embora desafetos, também tenha participado, ombro a ombro da vida, talvez, na capital da República, ao saber da morte do dr. Ney de Lima Costa, tenha franzido o cenho, mordido os lábios e suspirado interiormente e lamentado a sua morte e até, talvez, tenha se perguntado se teria valido a pena ter escrito versos tão duros ao *Cacimbinha*.

### *Dr. Ney de Lima Costa*

Natural de Taquari (RS), nascido em 12 de julho, faleceu em Passo Fundo em 21/07/1933, residiu em Porto Alegre, Cacimbinhas (hoje, Pinheiro Machado), Jaguary e Bagé.

#### Minicurrículo:

- 1) Autor da lei que alterou o nome da cidade de Cacimbinhas para Pinheiro Machado (RS), sendo seu primeiro intendente em 1915;
- 2) Diretor do jornal *A Época*, de Passo Fundo, em 1921;<sup>287</sup>
- 3) Presidente do Conselho Escolar de Passo Fundo;
- 4) Orador oficial do S. C. 14 de Julho;
- 5) Presidente da Comissão Diretora dos Festejos do Centenário da Independência do Brasil;
- 6) Advogado, filiado na OAB, Sub-Seção de Passo Fundo, e na OAB-PA.;
- 7) Presidente da 2ª Seção Eleitoral Federal em Passo Fundo;
- 8) Vice-presidente do Conselho Municipal no Exercício do Juizado Distrital.



9) Proprietário do Cine Coliseu, do Cine Ideal e da Livraria Minerva;

10) Presidente da 1ª Exposição Feira de Passo Fundo, realizada em 1921.

11) Orador do Clube Pinheiro Machado.

12) Diretor e fundador dos jornais *A Gazeta* e *Vanguarda*.

13) Fundador e 1º presidente do Tênis Clube de Passo Fundo.

14) Idealizador e proprietário da Vila Carmen.

15) Presidente do Conselho Municipal, Legislatura, 1920-1924 e 1924-1928.

16) Candidato a deputado federal.

17) Inspetor federal do Ensino em Passo Fundo.

18) Amigo de Pinheiro Machado, Nicolau de Araújo Vergueiro, Borges de Medeiros e Júlio Prestes.

19) Sócio-fundador do Partido Republicano Liberal.

20) Primeiro vice-presidente da Sub-Seção da OAB de Passo Fundo<sup>298</sup>.

21) Fundador e professor do Instituto Ginásial, hoje IE;

22) Anfitrião do ministro da Guerra, dr. J. Pandiá Calógeras ensejando a construção do Quartel do Exército em Passo Fundo (1922).

23) Promotor público de Passo Fundo em 1918.

### *Dr. Francisco de Paula Lacerda Almeida Junior*

Nasceu em 5 de março, filho do jurista brasileiro Francisco de Paula Lacerda Almeida e de Amelina Velho Lacerda de Almeida, casou-se com Julieta Velho Lacerda de Almeida, sendo seus filhos José Carlos Lacerda de Almeida e Francisco de Paula Almeida. Residiu em Rio de Janeiro, Porto Alegre, Carazinho e Encruzilhada do Sul. Veio para Passo Fundo com a Revolução de 1923.

Minicurrículo:

- 1) Advogado.
- 2) Autor do poemeto serrano *O puchirão do Gé Picaço*, em 1925.
- 3) Regionalista, poeta e escritor,
- 4) Fundador e professor da 1ª. Academia de Comércio de Passo Fundo.
- 5) Professor do Instituto Ginásial.
- 6) Amigo de Assis Brasil, Nicolau de Araújo Vergueiro, Armando Araújo Annes, Batista Luzardo e Getúlio Vargas.
- 7) Integrante do Grêmio “A Mocidade Libertadora” gen. Prestes Guimarães.
- 8) 2º Secretário da Aliança Liberal pró-Getúlio Vargas em Passo Fundo.
- 9) Paladino e arauto da Aliança Liberal em Santa Catarina e Paraná.
- 10) Jornalista, colaborador e correspondente de guerra do jornal *O Nacional*.
- 11) Secretário geral da Primeira Comissão Central Pró-Construção do Palácio Episcopal e da Catedral de Passo Fundo.
- 12) Tenente-coronel, comandante do Batalhão João Pessoa, adido ao 8º Regimento de Infantaria do Exército na Revolução de 1930.
- 13) Colaborador da Revista do Globo de Porto Alegre.
- 14) Fundador da Legião de Ex-Combatentes de 1930 e 1932.-
- 15) Tenente-cel. comandante do 26º Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul na Revolução de 1932.
- 16) Promotor público de Encruzilhada do Sul.



## *Algumas considerações finais*

Movido pela curiosidade de saber se a história do *Cacimbinha* tinha se passado na Intendência de Passo Fundo é que saiu essa pesquisa, que revelou dois ilustres esquecidos da nossa terra.

Pelo caminho, muitos fatos interessantes surgiram e que para alguma coisa não de servir.

A inserção da resumida biografia do caboclo Camacho, nada mais é do que uma justa homenagem aos caboclos da Serra e pelo seu *revelador* trabalho realizado no longínquo ano de 1927, legítimo precursor dos nossos atuais grupos de danças gauchescas. Em noventa e tantos anos tem mil histórias para contar sobre sua vida em Passo Fundo e Carazinho, como se pode ver do *resumo* que preparou para contar-me e não me foi possível resgatá-los.

As suas históricas, fotos e as esporas que riscaram os salões do Clube Comercial, a seu pedido, serão doadas a quem hoje reverencia, o Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda.

Os causos de barbearia são daquela época, recolhidos de um depositário dos causos e anedotários da vida passo-fundense na pessoa do Luis, de alcunha “Cachaça”, hoje exemplo regenerado do tabagismo e dos vapores etílicos.

Infelizmente, não consegui descobrir, até hoje (28/04/2005), o lugar de nascimento e óbito do dr. Lacerda Almeida Jr., mas com certeza, era sul-rio-grandense, amava a gente e as tradições do Rio Grande, chegando ao ponto de querer dar sua vida em três revoluções, que abraçara de corpo e alma, e ainda lhe sobrara tempo para gritar ao mundo sobre as belezas *sui generis* que encontrara na região serrana de Passo Fundo, enaltecendo sempre o nosso caboclo e a gauchada entreverada nas palavras e na espada.

Resta dizer ainda que o mesmo é autor de mais um livro intitulado modestamente de *1% (Um por cento)*, Tipografia Leuzinger (RJ). Classificação 332-32 – Setor Diversos Obras Gerais



Foto: Deoclides Czamanski.

1) João Langaro, 2) Renato Sá Brito, jornalista do *Vanguarda*, 3) Dr. Ivo Barbedo, 4) Dr. Ney de Lima Costa, 5) Dr. Mario Braga, 6) Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, 9) Dr. Lacerda Almeida Junior (?), 15) dr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira, 16) Dr. Odilon Berendt Oliveira, 17) (?) 21) Bruno Barbinoc 23) Dr. Arthur Langaro.

Localização II-37257, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

E, finalmente, de que ele é filho do dr. Francisco de Paula Lacerda de Almeida, jurista brasileiro, nascido no Recife em 1850 e falecido no Rio de Janeiro em 1943. Especialista em Direito Civil, disciplina que lecionou na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, a partir de 1898, sendo hoje nome de prêmio da Faculdade de Direito da PUC do Rio de Janeiro. Formado pela Faculdade do Recife, exercera anteriormente vários cargos públicos, inclusive de juiz municipal no Espírito Santo, Sergipe e Rio Grande do Sul, membro do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) em 1891. Integrou a Comissão revisora do Projeto do Código Civil elaborado por Clóvis Beviláqua. Publicou *Obrigações* (1897), *Das*

peças jurídicas (1905), *Direito das coisas* (1908-1910), *Direito das sucessões* (1915), *A Igreja e o Estado* (1924) e *Dos efeitos das obrigações* (1934). Traduziu várias obras da literatura clássica, inclusive a *Divina comédia*, do F.D.P.I. Dante.

Dr. Lacerda Almeida Júnior: Filho de tigre saiu pintado, era um furor, advogado, belicoso, nas letras desbragado, gaúcho, caboclo debochado, revolucionário, em Passo Fundo fez mestrado.

12/374  
4.335  
7/66  
Pag. 19

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO CIVIL  
DECIMA CIRCUNSCRIÇÃO SEGUNDA ZONA  
Freguesia do Engenho Novo  
OBITO N. 1000

FA

Evandro de Araújo Gomes, Oficial Interino do Registro Civil das Pessoas Naturais da Decima Circunscricao, Freguesia do Engenho Novo do Distrito Federal

Quilongo que a No. do livro n. do registro de obitos, foi lavrado hoje a saber:

filamento de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque

falescido aos 23 dias do mes de Junho de 1943 da 10 horas e — minutos, na casa n. 84 da rua Francisco de Medeiros de cor branca do sexo masculino profissao advogado natural de Pernambuco e residente permanente em Perambuco com 23 annos 1 mes e 16 dias annos de idade, estado civil casado com Antonia de Paula Cavalcanti de Albuquerque filha de Francisco de Paula Rodrigues de Albuquerque profissao natural de Pernambuco e residente permanente em Perambuco e de Francisca de Paula Leal Cavalcanti de Albuquerque filha de Francisco de Paula Leal Cavalcanti de Albuquerque profissao natural de Pernambuco e residente permanente em Perambuco

Foi declarado: Barão Adalberto Cavalcanti de Albuquerque sendo o atestado de obito firmado pelo Dr. Antônio Carlos da Silva o qual deu como causa da morte hemorragia cerebral de natureza arterioesclerotica

O sepultamento foi feito no cemiterio de São Francisco S.C. Obiservações: O sepultamento foi feito sem velas, das 24 horas seguit. Anteriormente em obitos.

3  
Rio de Janeiro, 8 de Agosto de 1943

Pe. O OFFICIAL  
Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque

17

FIRMA NO TABELIAO GUARANA REGISTRO, 100 - 810 ARQUIVO DE FIRMAS DO TABELIAO RACHA

Certidão de óbito do pai de Lacerda Almeida Júnior, o que comprova o parentesco deste com João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, ex-candidato à vice-presidência da República, pela Aliança Liberal, do ex-presidente Getúlio Vargas.

# *Enfim, o livro “O puchirão”...*

Antes de mostrar o livro, apresento uma sinopse do mesmo elaborada por mim, para ajudar a interpretar os personagens do poemeto:

## *Sinopse (por Odilon Garcez Ayres)*

*Título:* *O puchirão do Gé Picaço* (poemeto serrano)

*Autor:* Dr. Lacerda Almeida Júnior.

*Pseudônimo do autor:* Julio Simão, o qual denomino *primeiro trovador*, descreve as belezas da região serrana e também o que é um puchirão.

*Pesquisador:* Odilon Garcez Ayres.

*Os pesquisados:* dr. Francisco de Paula Lacerda Almeida Junior e dr. Ney de Lima Costa.

*Chico Faria:* mulato, violeiro, cantador é o *segundo trovador*, que descreve o puchirão e conta a história do Cacimbinha.

*Tico Maiado:* um dos trabalhadores da roça, é o *terceiro*.

- Cacimbinhas:* Para a caboclada, o Cacimbinha (como foi apelidado o dr. Ney de Lima Costa), é o quarto a versejar.
- Gaudenço Tiririca:* o quinto trovador, o qual espelha bem o trovador gaúcho.
- Pepe Marula:* italiano, que poderia chamar-se Pepe Dall'Igna é o sexto trovador e com certeza um marauense.
- Fritis Ramembrais:* alemão de Goxinha. (Coxinho, ficava no 8º Distrito, atual Tapera, ex-núcleo cel. Gervásio Lucas Annes. O chefe político local era Antônio Augusto Graeff, eleito no período 1924-28. Fritis é o sétimo trovador.
- Véio Gé Picaço:* velho Zé Picaço, o dono da roça que convidou os vizinhos para o mutirão. O caboclo, pela falta de dentes, não consegue dizer “Zé” e diz “Gé”.
- Local do puchirão:* bandas de Marau, (*Maráo* - grafia de 1920), então distrito de Passo Fundo, com participação de pessoas de Passo Fundo, Marau, Passo do Chinelo, Três Passos e Taquary (atual distrito de Sede Independência), pois o comissário Derfino, chamava-se Delfino Pereira dos Santos e era sub-intendente em Marau
- Polito:* apelido do dr. José Apolito, médico e chefe político em Pinheiro Machado em 1915, depois, médico em Marau e Nonoai.
- Inocenço Thadeu:* um dos participantes do mutirão. Como o Chico Faria perdeu a empreitada, cobrou-lhe que contasse a história verídica do “coroné Cacimbinha”, o “promotô Guaiquinha”. Em alemão “Gacinpinha” e em

italiano “Cacimbina”, ou “Cacimbinhas” para a caboclada como foi apelidado o dr. Ney de Lima Costa, primeiro intendente provisório de Pinheiro Machado.

*Frau Ramembrais*: mãe do trovador alemão.

*Coronel Praxéde*: pai dos carreiristas.

*Quininha e Gertrude*: a mulher ou irmãs de Julio Simão.

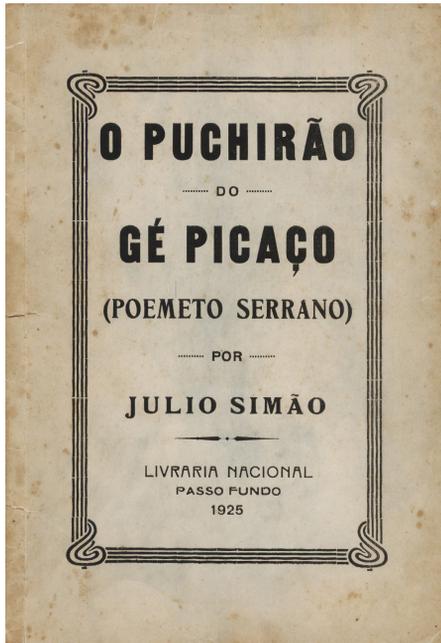
*Satyria*: comadre de Julio Simão.

*Quinca Bastião*: tio de Julio Simão, Chico Faria e/ou dr. Lacerda.

*Ferguêra*: dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, ex-intendente de Passo Fundo e chefe político regional.

Agora apresentarei a reprodução fiel do livro *O puchirão do Gé Picaço – poemeto serrano* (em sua versão original, sem cortes nem correções gramaticais), o qual guardei por tantos anos no coração e na memória, mas que neste momento compartilharei com vocês leitores:

*Capa original*



Capa original do livro, de 1925.

*Com licença de vancêis...*

Tuda a vida ovi dizê que muié que já foi e cavallo que há se sê não presta!

A comade Satyria está nos causo. Do que vale a coitada tê sido a muié mais docêra do Passo do Chinello, se a miserave, hoje, não póde mais fazê nem rapadura de cidra, a móde do Geronço, que lê estraviô tudo os capitá?

Ansim é o cavalo dos fio do Coroné Praxéde! Pilungo é o qu'elle é! Quando ata uma carrêra, é aquelle tedéo! Porque disque não bota 15 em duas quadra, porque disque sta qu'é uma navaia... Mas porém sempre tem um desconto e um inrôsko, quando vai pros trio: as veis é porque sahiu mal, outras é um desconto quarqué na raia, que foi de lançante ô de repêcho... Quá! Bastantes razão tem os mandí: muié que já foi e cavallo que há de sê, não presta... E não presta mesmo!

Ansim é assunto de tróva. Trovadô de conta, pra mim, só no papé. Posso dizê, graças a Deus, que não hai sumana qu'eu não veja trová. É nos puchirão, é nas carrêra, finalmentes, onde eu sei que hai um trovadô dos de fama, póde se dize que o Julio Simão está escuitando.

Eu nasci ansim: o que é que vô fazê?

Mas também se as tróva não são no geito, ô se os trovadô combina fuêro com cambão, póde se fica certo que o Julio Simão já steve, não stá mais.

E isso de tovadô anda tão cainho, que eu resolvi quando ovisse umas tróva, que não fosse rastôio, eu havéra de fazê publicá nem que fosse em papé de bolicho, porque dizque os ôtro de escrevê, está mêmo caro qu'inté é um destrago.

Pois a publicação destas tróva, é, ansin, uma premissa. Eu não queria morrê (que Deus me livre e guarde por tão cedo!) sem do Chico Faria,

Deixá suas tróva escripta,

Pois coisa, ansim, tão bonita,

Eu nunca, na minha vida, ovi dum peito cabôco!

Mas porém diz que esta publicação vae dá inrôsko... Inrôsko? Ora! Ora, não hão de vê o tatu praquê cavóca?! Não póde dá inrôsko! Escuitem vancêis: o Chico Faria me franqueô a licença, o allemão que vae trabaiaá, nós já se acertemos, já entreguei um pedaço de quantia, por sinal que tive que vende uma petiça da Quininha e a mula da Gertrude, p'ra inteirá a metade dos gasto.

Inrôsko porque?

Quá! Só dizendo agora como aquelle intaliano fazedô de salame: “Quejo em estragêro é formage, desgraça pôca é bobage...”

Com inrôsko ô sem inrôsko, tenho de pubricá estas tróva. Em assunto de preméssa eu sô ansim, tenho muito medo de ficá carcundo...

No mais, me despeço de vancêis tudo, como o tio Quinca Bastião: “Passem bem, si tiverem com que”.

Julio Simão.

### *Duas palavras*

A minha feição literária é bem uma faceta do meu sentimento e dos meus pendores nativistas.

Tendo um profundo orgulho de ser brasileiro, porque aquilo que conheço do mundo, e não é tão pouco, levou-me à conclusão de que nada há de comparável ao meu país, era bem de ver que, como corolário desse entusiasmo pela terra, andasse parelha a estima que voto ao homem, ao produto, para uns, fictício, para outros, como eu, já definitivo, do caldeamento das raças que entraram na formação do nosso tipo etnológico.

O meu orgulho pela terra levou-me insensivelmente, a essa preocupação constante de exaltar o homem brasileiro. E o fato mais característico, está no modo como, sem procurar inspirações fóra de mim, dei-me desde muitos anos, ao regionalismo. Mal pude, na escola ainda, concatenar idéias, as minhas composições ou redações, tinham preferentemente, por tema, episódios ou cenas da vida gaúcha.

Fiz-me regionalista sem me aperceber disso.

As mais importantes revistas e magazines do país guardam, em suas páginas, contos e novelas de minha autoria, produções essas de profundo cunho regionalista.

Este gênero literário começa de seduzir os moços.

Não sendo muito velho, ainda sou do tempo em que os regionalistas se contavam pelos os dedos...

Tínhamos, no Norte, o estupendo Affonso Arinos e o apaixonado por cousas e tradições brasileiras, Mello Moraes Filho.

No Sul tínhamos Simões Lopes, Alcides Maya, Barbosa Netto e alguns mais, de menor relevo. (Hoje, 11 de março de 2002, ao realizar esta transcrição, surpreende-nos a morte em Camaquã, do grande regionalista, escritor e folclorista, Barbosa Lessa, dileto filho de Piratini).

Concomitantemente à campanha nacionalista, de há dez anos atrás, de que foi excelso chefe Olavo Bilac, os cultores da literatura regionalista apareceram aos pares, às dezenas, e hoje são inumeráveis: Monteiro Lobato, Menotti Del Pichia, Roque Callage e tantos mais, cujo valor se mede pela verdade com que apanham, em suas produções, flagrantes de nossa vida brasileira, de nossas tradições, de nossos usos, de nossos costumes, de tudo, enfim, que é absolutamente, fundamentalmente, brasileiromente nosso. Este país é tão estupendo e encerra tantas surpresas em seu seio portentoso, que me atrevo a afirmar que, nós brasileiros, ainda não conhecemos nem mesmo todo o nosso povo.

E não é dizer que me refira a regiões remotas, semi-civilizadas como os sertões do Amazonas e Mato Grosso.

O Brasileiro, mesmo literariamente, quase que desconhece a Região Serrana do Rio Grande do Sul, uma das unidades da Federação mais celebradas e estimadas no país que (permitam-me o bairrismo) tem um pronunciado orgulho pelos gaúchos, pelos guascas, como preferentemente, por aí além se diz dos rio-grandenses do Sul.

A campanha e a fronteira do nosso Estado têm sido vasculhadas, observadas, estudadas pelos nossos literatos, em seus usos, costumes e tradições.

Quanto à Serra, se não há descaso por ela, há uma absoluta ignorância da terra e do Homem.

Não explico o fenômeno, porque, francamente, a vida do “Cabôco” da serra é belíssima!

O ambiente em que ele labora e vive tem encantos como as estepes verdes do extremo sul do Rio Grande não sugerem.

As matas umbrosas e perfumadas que o machado progressista, mas iconoclasta, do colono vai talando aos poucos, têm outra beleza, sugerem outra inspiração que se não sofre com a visada desse mar gaio que é o pampa sulino.

O tipo autoctone, também, é outro, radicalmente diverso o serrano do fronteiroço.

“Ansim quis Nosso Senhô!

Lês metteu, dentro do côco,

Tudas bellesa da terra,

Tudo os perfume da serra,

Da lûa tuda a claresa,

E todo o brio do sol,

Tudas as cores do arrebol!

Deu lê tuda essas bellesa

Porque mêmo, no exteriô,

Feiz do cabôco um horrô!

Cabellos preto, espetado,

Que nem espinho de ouriço;

Mais arto do que petiço,

C’os óio negro e rasgado,

Num sembrante côr de cuia...

E com mais nós do qu'imbusia,  
No corpo meio curvado,  
C'as perna sempre cambóta,  
Qu'elle endereita c'as bóta...  
É feio e desengraçado,  
Mas pau torto é que dá mel!"

Pois foi a terra, o homem e a vida da região serrana que eu pretendi focar no Puchirão do Gé Picaço.

Presumo conhecer bem a vida do gaúcho fronteiriço. Creio, até ter dado bastas provas de meu acerto, com as produções literárias que já mereceram do insigne Alcides Maya as palavras mais elogiosas e animadoras.

Vivendo, agora, na Serra, impressionei-me com o desconhecimento que o resto do Rio Grande e do país têm dela.

Quem por aí além sabe o que seja um puchirão?

“Mas porém, lá no sertão,  
O costume é deferente:  
Pra trabaiá faz agente  
(E chamemos puchirão)  
Um convite entre os visinho,  
Que more longe ô pertinho...

No dia do puchirão,  
Chega tudo o vizindário;  
Ninguém não ganha salário,  
É uma ajuda de irmão...  
Sómentes o dono da roça  
Dá uma festa pra troça,

Quando acaba a prantação.”

Ninguém julgue entretanto, que eu penso ter perpetrado cometimento de grande valia, de notável valor literário ou etnológico. Nada disso.

Sou, de natural, modesto e avesso à notoriedade; não que os vapores do capitoso néctar da glória me não embriaguem... de longe, mas porque sou “cabôco” e, como tal, indolente até para acercar-me da taça transbordante que, perdoem-me a imodéstia, não demora muito distante do alcance de minhas mãos...

Procurei observar rigorosamente a prosódia do “cabôco da serra”, razão porque, muitas vezes, os heptassílabos parecerão quebrados... O leitor inteligente porém procurará a tonicidade das palavras e chegará a conclusão de que os versos não têm... pés quebrados.

Como a terminologia serrana é riquíssima e própria, tive idéia de juntar a este “poemeto”... Um vocabulário. Mas, pela razão da mesma indolência, já acima aludida, deixei de fazê-lo, remetendo o leitor às fontes donde me abeberei... Isto é o cabôco. Ele explicará que Cananéia é espada; chôto é facão; inrôco é precalço, dificuldade; imbuia é uma árvore em cujo tronco há uns caroços grandes, espécie de hérnia da própria madeira; folhêro é alegre e assim por diante.

Isto posto, entrego esta produção à crítica dos que, como eu, estimam “a nossa terra e a nossa gente”.

Passo Fundo, Outubro de 1925.

Lacerda Almeida Junior.

*O puchirão do Gé Picaço*  
(*Poemeto serrano*)

01

Lá p'ras banda do Marau,  
Nas terra do Passo Fundo,  
Nesse pedaço do mundo,  
A quem um espírito mau  
Botou esse nome atôa,  
Quando a terra é tão bôa...

02

No sertão daquellas terra,  
Onde em noites de luar,  
O tigre, a anta, o jaguar,  
No mais profundo da serra,  
Gemem, gritam, sem cessar,  
Nas ancias do seu amar...

03

Pois foi naquelle districto,  
Distante da povoação,  
Que, durante um puchirão,  
Cheia de pinga e de grito,  
(A pinga do dono da róça,  
Os grito da gente da tróça)

04

Se deu o causo que conto!  
Santos do céu, Santo Onofre!  
Que seje, que nem um cofre,  
Este meu miolo tonto...  
Alimpae minha memória,  
Pois quero contar a história,

05

Dessa função memorave,  
Que duro uns par de dia...  
Quero do Chico Faria,  
Cantadô, com'um alarve,  
Deixa suas tróva escripta,  
Pois coisa ansim, tão bonita,

06

Eu nunca, na minha vida,  
Ouvi dum peito cabôco!  
Vancêis verã, daqui há poço,  
Como a vióla sentida  
Chorava naquellas mão,  
Desde as prima, inté o bordão...

07

Porque aquelle instormento,  
Tocado pelo Faria,  
Tinh'ansim um'harmonia,  
Que era riso, ou sentimento;  
Que se ria, ou que chorava,  
Conforme o índio acarcava...

08

Eu tenho muita vióla,  
Muita guitarra dorida,  
E muita gaita extendida,  
Ouvido que nem pióla,  
Ou laço, ou maniadô,  
Em mão de bons tocadô!

09

Mas porém, como o Faria,  
(inté eu nem acredito!)  
P'ra mim o tal subredito  
Tem mandraco e bruxaria,  
Nos dedo, ou mêmo nas mão,  
Pois não tem expricação

10

O jeito do home tocá...  
Elle começa baixinho,  
Como pio de passarinho;  
Despois, alto e no alteá  
Éque elle bóta o tempêro  
Ou manso, ou com desespêro...

11

Principia retorcendo  
Do instormento, as cravêia,  
Como se fosse as orêia  
Dum animar, suspendendo  
O são das corda esticada...  
Despois puxa umas toada,

12

Da barriga da vióla...  
Despois pára e recomêça...  
E fica em meio da péça!..  
Então, a móde que engróla  
Uns piado de avestruz,  
Inté dizê "Ai Jesus"!

13

As corda! É como le digo;  
Escuitem o meu relato:  
O diabo daquelle mulato  
Tem um segredo consigo...  
Ou, então, o instormento  
Tem quarqué coisa, por dentro!

14

E a voz do trovadô?!  
Tem ansim umas tremura,  
Que provoca umas tontura,  
Que nem eu sô sabedô...  
A gente fica esfarfado  
Só de ouvi o damnado!

15

Urú piando no matto,  
Sabiá nas gamelêra,  
A patativa ligêra  
Não cantam como o mulato!  
Trovadô, como o biriba,  
É coisa muito por riba!

\*\*\*

16

Hai um costume, lá fóra,  
Lá onde véve o cabôco,  
Que vancêis há de acha loco;  
Mas porém, lês digo agóra,  
Que é tão véio como o mundo  
E, como elle, profundo.

17

Nasceu co'os home na terra,  
E foi Deus quem ensinou,  
Quando, no mundo, botou  
Os animal pelas serra  
E as estrella pelo céu  
E os home neste mundéu...

18

Uma estrella sósinha,  
Não podia inluminá,  
Nem o céu e nem o mar;  
Mas muita estrella juntinha  
Faz mais luz que vagalume,  
Embora seja aos cardume...

19

O tigre é bicho marvado;  
Anda sólito, no mais...  
E dos tatêto, anda atrais,  
Mas porém arrecuado...  
Só ataca o que sósinho,  
Deixe da vara o caminho.

20

Guará vermêio é matreiro,  
Finge de manso e coitado,  
Troteia oiando pr'os lado,  
A percura dum cordeiro,  
Que se aparte do rebanho,  
Pr'elle mettê o gadanho...

21

Um home só pôco vale,  
Por mais turuna que seja,  
E por mais que elle forceje,  
Inda mesmo que se rale,  
Não póde, só, se arrumá;  
Tem que os outro lê ajuda.

22

Ansim foi e há de ser,  
Nas orde da criação;  
Nasce a força da união;  
Ou bem há de perecer,  
Quem quizé contrariá,  
As coisa, ansim como está.

23

Mas porém, lá no sertão,  
O costume é deferente.  
P'ra trabalha faz a gente,  
(E chamemos puchirão)  
Um convite entre os vizinho,  
Que more longe ô pertinho...

24

No dia do puchirão,  
Chega todo o visindário,  
Ninguém não ganha salário,  
É uma ajuda de irmão...  
Sómentes o dono da roça  
Dá uma festa p'ra troça,

25

Quando acaba a prantação.  
Se come churrasco e farinha  
Corre a pinga e denoítinha  
Se dança e hai violão,  
E sempre hai desafio,  
Nem que chova e faça frio...

26

Porque onde hai dois cabôco,  
Hai sempre dois trovadô...  
Ansim quis Nosso Senhô,  
Lês meteu dento do côco,  
Tuda as beleza da terra  
Tudo os perfume da serra,

27

Da lua tuda a claresa,  
E tudo o brio do sol,  
Tuda as cores do arrebol;  
Deu-le tuda essas beleza,  
Porque memo no interiô,  
Fez do cabôco um horrô...

28

Cabellos preto, espetado,  
Que nem espinho de ouriço;  
Mais arto do que petiço,  
C'os óio negro e rasgado,  
Num sembrante côr de cuia...  
E com mais nós do qu'imbuia,

29

No corpo meio curvado...  
C'as perna sempre cambóta,  
Q'elle endereita cas bóta!  
É feio e desengraçado!  
Mas pau torto é que dá mel...  
Não percurem nos papel.

30

Confirmação do que digo...  
Nos livro só hai sentença,  
De quem têm muita sabença,  
De coisas que nem eu ligo,  
Nem podemos comprehendê...  
Mas quem quizé aprendê,

31

Também estudá na vida,  
Qu'ella é mesmo um livro aberto,  
Mas porém meio encoberto,  
Pr'os que não conhece a lida  
De lê as letra embrulhada,  
Que nelle estão alinhada...

32

Estou mesmo por dizer  
Que mais se aprende vivendo,  
Do que aos livros recorrendo!...  
Aqu'elle que mais vivê,  
Mais consegue experiência,  
Que é a mais arta sabença!

33

Feita esta relação,  
Vou cumprir o promettido.  
Vou botar muito sentido,  
Do causo, na descrição.  
Escuitem: Virge Maria!  
Como trovava o Faria:

1º dia:

34

Se trabalhô, todo o dia,  
Na roça do Gé Picaço!  
Veio gente dos Treis Passo,  
E de todo a cercania...  
E o mulherio solteiro  
É qu'estava mais folheiro...

35

A coivara foi roçada;  
Não ficou sarapiêra.  
Inté se jogo carrêra,  
Entre as turma organizada;  
P'ra vê das duas, qual dellas  
Ficava em entaladelas...

36

Porque se faz geralmentes,  
Nesses grande puchirão,  
Quando hai de gente um bandão,  
Uma aposta, que sómentes,  
Tem um ganho: é se brincá,  
E uma perda: é se dança.

37

Os dois grupo principia,  
Ao mesmo tempo, a roçá;  
E um dos dois deve cortá,  
Do outro, durante o dia,  
Do eito a frente marcada,  
De modo a fica cortada,

38

Ansim como envolvido  
Fica o tigre, na caçada,  
No meio da cachorrada...  
Quando um perde, é um alarido!  
Se troceia, e paga a dança  
O que perdeu, sem tardança.

39

Nesse dia o que perdeu,  
Foi o grupo do Faria,  
De modo qu'as Ave-Maria,  
O Innocenço Thadeu  
Declarou à sociedade,  
Qu'ia dá uma novidade,

40

Como paga da perdida  
Aposta, feita no eito;  
Que o Faria abria o peito,  
E ia contar a vida,  
Do “Coroné Cacimbinha”  
(O “Promotô Guaiquinha”).

41

Nisso o Faria pegou  
O instormento mavioso;  
Puxou um “frango” teimoso,  
Lá das profunda e escarrou...  
E foi trovando, no mais,  
Estas trovas colossaes:

42

“Para lês contar a história  
Deste herói nunca vencido,  
É preciso pôr sentido,  
E puxar pela memória!

43

A memória é com um livro,  
Que carece de cuidado;  
S’elle fica abandonado,  
Não demora com”um crivo.

44

Se tornar, porque as traça  
Pega á roer as leitura,  
Deixando quarqué criatura,  
Na mais horrive trapaça...

45

Porque os bicho, parece,  
Inté ter entendimento;  
Tiram do livro sustento,  
No ponto que mais merece!

46

Da memória, a nossa traça  
É, de certo, o abandono  
Em que deixa qualquer dono  
Do que sabe, a grande massa.

47

Pois do livro da memória  
Vou tirar este argumento,  
(Vanceis fique muito attêto,  
Ao fio da minha história)

48

Perciso as folha do livro,  
Uma a uma debulhá,  
A móde de interessá  
A sociedade em que privo,

49

A quem saúdo e premetto,  
Em treis dia, sem pará,  
A vida tuda contá,  
Em prosa, verso, ou soneto,

50

Do “Coroné Cacimbinha”,  
Desse alentado patife, gordo, gago e alarife,  
Com pança d’egoa madrinha:

51

Aos treis dias que nasceu,  
(Disse a parteira e não minto)  
Um camondongo faminto,  
O imbigio le roeu!

52

De certo a manha do bicho,  
(Muita gente me garante)  
Desd'esse tempo distante,  
Ficou, que nem carrapicho,

53

Pinchado no sobredito,  
Coroné adevogado,  
Escrevedô desbragado,  
Que se tem por erudito...

54

Conseiêro e, disque, chéfe,  
De muito gringo eleitô;  
Mas pra mim o tal “dotô”  
Não passa dum mequetrefé,

55

Dum embusteiro, dumguéla,  
Dum “dotô da mula russa”,  
Formado em faze dentuça...  
Dum dotô “saca muéla”

56

E foi crescendo o miúdo,  
Sempre gordo e espertinho,  
E, quando disse “P... adinho”  
Se notou que, tartamudo,

57

Nascera o gury... Maroto,  
Quanto mais elle crescia,  
Mais se notava e se via,  
Qu' estava alli o “Canhoto”,

53B

Em carne e osso a figura!  
Inté disque uma criada,  
Aquém fez uma bregeirada,  
De raiva, numa tremura,

54B

Disse, sahindo da casa:  
“Deixa'está, semvergonha,  
Cara de brôa, langonha,  
Pedra braba! Aos céus praza,

55B

Qu'eu m'engane, mas de certo,  
Enganada é que não stô...  
Deus que ansim te assignalô,  
E que te fez tão esperto,

56b

É que notou certamentes,  
O que és e o que serás!  
Pois disque é como Elle faz,  
Quando dá noz tir'os dentes...

57b

Ora, imaginem vancêis,  
Se o Coroné Cacimbinha  
Tivesse a língua sortinha...  
Inté falava... franceis!

58

A gagueira é uma serrilha,  
Que Deus bota, com vantage,  
Dos falado de bobage,  
Nos beijo. É uma presilha,

59

E uma cunha arrojada,  
Mettida nos tagarela,  
Nesses que batem traméla,  
E afinal não dizem nada...

60 \*\*\*\*\*

Finalmentes o gury  
Foi botado num'escola;  
C'a roupa numa sacóla,  
Lá se foi p'ra Taquary...

61

Aprende o "a b c"  
Inté mesmo a soletra;  
Mas porém er'um aza,  
Quando chegava nos "p".

62

Empacava, que nem burro,  
Em vêra de atoladô...  
Só gritando o professô...  
(Menino te dou um murro),

63

É que o Cacimba sahia,  
Da letra, com qu'impricava;  
A móde inté que lembrava,  
Que o professô lê mettia

64

Um móio grande de urtiga,  
Na cola, como se faz,  
C'as mula, quando, no mais,  
Se qué que ellas prosiga,

65

No caminho interrompido...  
O Cacimba era na escola,  
Conhecido por pachóla...  
E logo foi presentido,

66

Pelo mestre rigoroso,  
Um certo vício, que tinha ...  
Gostava de sê bainha...  
Dos companhêro vicioso...

67

Não houve bôlo, ou conseio,  
Que lê tirasse o costume,  
De sê candeia de lume,  
C'o pavio e azeite alheio...

68

Já lia regularmentes,  
Já somava e dividia.  
Inté discurso fazia,  
Nas festa do "Tiradentes".

69

E noutras festa... Porém,  
No meio da discursêra,  
Tropicava e, era asnêra,  
Nem por mal e nem pór bem,

70

Sahia da entalação!  
É que o coitado encontrava  
Argum "p" e s'inroscava,  
Na sua pronunciação.

71

No p... p... p... encaiado,  
Levava o pobre gury,  
Um tempão, qu'eu nunca vi,  
Como burro aporreado!

72

Inté sahi da escola,  
Gaguejava e inda gagueja!  
Não houve chá de carquêja,  
Cuié de pau, na cachóla,

73

Água bebida em gogó  
De bugio roncadô...  
Nem remédio dos dotô  
Deu vorta naquelle nó...

74

Já taludito e roliço,  
Lá se foi, p'ra capitá,  
E, na Escola Militá,  
Entrou. Foi um reboliço...

75

Cuê pucha, barbaridade!  
Os cadête veterano,  
Cada bichão aragano,  
Bisparam a novidade,

76

E o Cacimba arrodiam...  
Pareciam naquelle cêrco,  
A bizorrada no estêrco...  
E quase se peliaram,

77

Porque, cada qual queria,  
Que o gury sentasse praça,  
(E nisso é qu'estava a chalaça),  
Na sua própria "Compania"...

78

Havia, então, na Escola  
Militá, um veterano,  
Conhecido por magano,  
Um forrista mui gabóla.

79

Com'um dilúvio, trovava,  
Tinha um "Crub Caradura",  
Onde fazia figura,  
E onde se rebuscava,

80

A custa de sê marôto...  
Pois o Sá, o dito cujo,  
(Cruzes, diabo! Typo sujo!)  
Do Cacimba er'o pilôto...

81

Disque um dia o Commandante,  
Um coroné inzigente,  
No meio de tuda a gente  
Disse, no mais: Seu tratante,

82

Vancê'stá muito enganado;  
Com essas coisa, eu não brinco!...  
Vancê vai p'ro "Vinte e Cinco",  
Dest'Escola desligado!

83

Despois seja o que quizé,  
(Militá é que não póde...)  
Vá p'ra rua e... compre um bode  
E despois...stá qui o papé,

84

Da sua desligação!  
Mas como p... p... posso vivê  
(Disse enroscado nos p...  
Na maior suffocação...)

85

Com orde de desligado?  
Isso é que não; uma figa!  
Minha sorte stá na liga!  
Vô me liga c'um sordado...

86

E se foi p'ro Bataião,  
E foi "cabo de faxina" ...  
Cada qual com sua sina;  
Uns são dono, outros pião...

87 \*\*\*

Tirou o tempo o Cacimba,  
E começo a pensá:  
Eu p.. p... perciso trabaiá,  
Porque a vida de tarimba

88

Não serve; é muito apertada...  
Qual será a profissão?  
Padre, dotô, sachristão?  
Qual padre dotô, qual nada!

89

Intendente provisório  
É a coisa só, que me serve.  
Ninguém, comigo, se astréve,  
Pois sou patusco e finório...

90

Vô pr'um lugá increncado...  
Enredando meio mundo,  
Finjo um despreso profundo,  
Inté me fazê notado...

91

E quando cheira a peróba,  
Ou mesmo corre estanho,  
Tudo se atira no “estranho”,  
Como porco em guabiróba.

92

E o dotô Borges é o primeiro...  
Parece que já stô vendo,  
O bichão veio escrevendo:  
“Meu presado companheiro!

93

O Rio Grande percisa,  
Do seu concurso e o “partido”  
Sta indicando, commovido,  
O seu nome que harmonisa,

94

Os amigo divergente!  
Nesta data lê nomeio  
“Provisório” e ansim creio,  
Ter feito um bom intendente”.

95

Despois um mappa pegô,  
E foi lendo os município  
Tudo, de fim ao princípio  
E, afinal, elle exclamô:

96

“Mãe de Deus! Sarve Rainha”  
Não sei porque me parpita...  
Não hai terra mais bonita;  
Me vô já p’ra Cacimbinha”.

97

Amenhã eu lês garanto,  
O causo recomeçá.  
Vamos tudo descançá,  
Cada qual busque seu canto.

98

Façam como os passarinho,  
Que sem esmorecimento,  
Buscam, de dia, o sustento,  
Mas, de noite, vão p’ro ninho.

99

Minha doce companheira,  
Vióla, minha paixão,  
Extingue, doce, o teu são,  
Sej’esta a voz derradeira!”

100 \*\*\*\*\*

Dizendo, ansim o Faria  
Tirou um são tão mimoso,  
Do instormento mavioso,  
Qu'inté mesmo parecia,  
Que a vióla, lá por dentro,  
Dava o seu consentimento!

(2º dia)

101

Inda as estrella piscava,  
No manto denso do céo;  
A lûa, atirada ao léo,  
Como um phantasma brilhava,  
Branca, fria e meia torta,  
Fria e branca, como morta...

102

Inda os gallo no puleiro,  
Não tinham annuciado,  
A vinda do abençoado  
Benfeitô do mundo inteiro,  
Com seu canto de victória,  
Que é santo, segundo a história;

103

Inda o mundo sumergido,  
Num somno calmo e pesado,  
Descançava amortaiado,  
Num sudário intertecido  
Dos fios brancos e léves  
Do luar em suas neves;

104

E já, na vêra do fôgo,  
Tuda a gente conversava,  
Enquanto chimarreava!  
Nem houve pedido ou rôgo,  
Que fizesse o trovadô  
A história do “dotô”,

105

Tão gavada, continuá.  
Aos pedido do mocêdo,  
Firme, com’um rochedo,  
E forte qual pichuá,  
Alegava o seu Faria,  
Que não tardava, era dia...

106

E que quem se astrevesse,  
A quarqué tróva fazê,  
(Quando estava p’ra nasce  
O sol), embora escondesse,  
Tudo haverá d’enxergá  
Um rabo, a s’espanejá

107

Nascido nos trovadô  
Que teimasse e não cumprisse  
Os conseio da velhice,  
Que, disque, e sou sabedô:  
“Quem cont’um causo, de dia,  
Cria rabo de cotia”...

108

As barra do dia vinha,  
Tingindo de muitas cores,  
A terra cheia de flores  
Deixando se vê a linha,  
Que separa o céu da terra,  
Nos dente negro da serra;

109

Lusque-fusque inda fazia,  
Quando o veio Gé Picaço  
Serviu café com melão,  
P'ro povo da companhia,  
E como o veio é cutúba,  
Quem cubiçava jacúba,

110

Lógo amostrava a farinha.  
E mandava se servi.  
(Que véio, ansin nunca vi!)  
É coisa qu'elle não tinha  
Mofinice e, ao contrário,  
É mesmo, inté, perdulário...

111

Passô-se o dia na róça.  
Prantô-se milho e feijão,  
(P'ra colhê cinco mil mão,  
Hai gente que a tanto órça  
O resultado e o producto,  
Se não dé milho faiúto...

112

Estô mesmo por dizê,  
Que, se o tempo corre bem,  
E a geáda, que ás veis vem,  
Quando começa a cresce  
As pranta, vae dá para riba  
A prantação do biriba).

113

Se terminô o trabaio,  
Estav'o sol se sumindo...  
Meu Deus que dia tão lindo!  
E a tarde? Só mesmo em maio,  
Hai côres ansim briante,  
No céo profundo e distante!

114

Lá onde o sol se afunda,  
Pr'outros mundo iluminá,  
Era mesmo um carnavá  
De côres, em tal barafunda,  
Qu'eu não sei nem expricá  
Quem poderia pintá

115

Tantas côres defferente,  
Tantas bellesa sem par,  
Tantas figura no ar,  
Tantos desenho! Sómentes,  
Deus, que é todo poderoso,  
Pinta quadro tão fermoso...

116

Quando os parceiro amoitado,  
Rodeavam o fogaréu,  
Do meio do povaréu,  
S'ergueu o Tico Maiado,  
E ao Chico Faria disse:  
"Amigo! É grande tolice,

117

Stá vancê redemunhando...  
Cumpr'a promessa e a violá  
Saque, no mais, da sacóla!  
Que o povo já'stá esperando  
O causo do "Cacimbinha"  
Honte parado, à noitinha!

118

"Patrícios meus e parceiros,  
(Hão de me dá a licença)  
Esta noite sem detença,  
Meus presados companheiros,

119 \*\*\*

Vou o causo extraordinário  
Dos caburé lês contá;  
P'ra que possam maginá  
Como , na vida, é contrário

120

O que se vê do que é!...  
Côr de teia, pequenino,  
Mas porém o mais ladino  
Com certesa é o caburé,

121

Dos gavião conhecido.  
Aquelles óio amarello,  
Grandes, naquelle farello  
De passarinho sumido,

122

Paréce que tem feitiço...  
São briantes como conta  
Macios como de lontra  
O pello. Póde ser isso,

123

E há de sê, com certesa,  
O que arma o caburé,  
Da força que tem e é  
A perdição de suas presa...

124

Quando tem fome o bichinho,  
Se pranta numa ramada,  
Dum'arve grande e copada,  
Oiando tudo os caminho.

125

Óia p'ro chão os urú,  
Os macuco, os perdigão  
Esperando; ou então,  
Nas grimpa, espia o jacú...

126

E se vê que dá no jeito,  
Se atira, que nem maluco,  
Nos jacú ou nos macuco,  
Cravando as unha nos peito,

127

Em quanto o bico afiado,  
Começa, embaixo da asa,  
A lês mettê, que nem brasa...  
E vae roendo, esfomeado,

128

Primêro alli na costella,  
Despois percura os purmão,  
E ao chega ao coração,  
O infeliz bóta a guéla

129

No mundo; e solta um grito,  
Tão dolorido e sentido,  
Que a gente vê, no gemido,  
Um último adeos, constricto

130

A este mundo enganoso,  
Cheio de feias traição!  
Pois como este gavião,  
Hai muito cuéra baldoso!

131

Fingem de amigos da gente,  
Se mettem no coração,  
Conseguem a protecção,  
E quando, no mais, s'está crente,

132

Que se tem um dedicado,  
Amigo reconhecido,  
O miserave fingido  
Já traz amanonseado,

133

O golpe da tahição!  
Que dóe mais que úa faca,  
Do que cornada de vaca,  
Do que mordida de cão...

134

Porque é que nem veneno  
Da mais pior cascavé,  
Que quando morde num pé  
Faz secá que nem ao feno.

135

A geadá, quando não mata  
O christão que foi mordido!  
Vancêis ponham bem sentido,  
Na relação da ingrata

136

Inzistença do cacimba,  
Quando foi feito intendente:  
Pois o gago mardizente,  
Productó ruim da tarimba,

137

Desde que foi “provisório”  
Pretendeu cuspí na mão  
Do que o erguera do chão!  
Começô c’um falatório,

138

C’um disque-disque novento,  
Contra o home, que era tudo  
Daquelles pagos! Graúdo,  
O seu maior valimento,

139

No povo estava, pois era  
Respeitado e mui querido.  
Sendo chefe do partido,  
Não deixava de ser cuéra,

140

Como hóme, o seu Polito  
Quanto de bom elle tinha,  
Aceitava quarqué rinha,  
E pelejava solito,

141

D'estribo flôxo e se rindo...  
O índio sêcco no ferro,  
Peleia sem dá um berro,  
Se chacualha, quieto e lindo,

142

Como se fosse às pitanga,...  
Quando se sobe dereito,  
Do fêrvo, arrumado a jeito,  
Pelo “dotô” brusundanga,

143

Que fazia da Intendência,  
Uma inliada medonha,  
E a tóca dos semvergonha,  
Amigos da desavença,

144

Que o “Cacimba” caborteiro,  
(Pro “seu” Polito trahi)  
Tramava na surda... Chil  
Amigos, foi um berreiro.

145

Foi um tedéo nunca visto!  
Reunidos num”assembléia,  
Um dos tantos, pela idéa,  
Puxô e disse: - “Nem Crhistro”,

146

Quanto mais o “Cacimbinha”,  
Arruma capão pra pôso!  
Devemos lê faze o tôso;  
Com nós não tira farinha...

147

Pois então, isso é direito?  
Vem do inferno um mastruco,  
E qué, com nós, joga “truco”  
Nós christiando? Sujeito

148

Ansim, de tropa, é refugo!  
Nunca pôde dá em bóla...  
Amarremos le na cóla,  
Uma lata, e sabugo

149

Bem cheia e, pelas estrada,  
Montado num burro branco,  
Que vá a tranco e barranco,  
Que nem um’alma penada,

150

A la cria! É o que acho.  
Que volte pra donde veio,  
Pra não faze mais inleio!  
Será que se arruma um macho,

151

Pipeiro, macêta e branco?  
Na relancina, um piásóte  
Chego c'um burro, no tróte,  
Basteriado e lunanco.

152

Foi uma farra; cuê pucha!  
A murtidão meia lôca,  
Alguns c'os dedo na bôca,  
Outros puxando as garrucha

153

E dando tiros pro ar,  
Chegaram na Intendência.  
Lógo inzigindo a presença  
Do causante de estar

154

Na mais grave reveria,  
Tudo o povo do lugar.  
Tremendo e quase a chorar,  
O “Cacimba” mal podia

155

Co'o peso da pança d' égoa...  
Ansim mesmo elle fâlô,  
A la fresca, num fedô,  
Que tresandava a uma légua...

156

Espero do presidente,  
Só a resposta pedida,  
Pois isto aqui não é vida,  
Lê disse e, outro intendente,

157

Pedi que mande ligêro,  
Do contrário largo mão...  
Pois não estô só pro sabão  
Ganhá... Esperem primêro

158

O governo arresolvê...”  
Um índio, ventafurada,  
Não compreendendo a embruiada,  
E pensando, já se vê,

159

Que fosse só cistiada  
As fala do “Cacimbinha”  
Pellô o ferro da bainha,  
E disse pra gauchada:

160

“Elle o que qué é tersiá,  
Nós levando no embrulho  
Esperem, no mais, no pandulho,  
Vô lê’ ste ferro... guardá,

161

Ou então que vá s’imbora,  
Sem buchinchá, ligêrito,  
E que passe d’espacito  
Sem mesmo levá espóra,

162

No burro, pro povo vê  
A cara do mequetréfe,  
Que quis sê o nosso chéfe...”  
E acabando de dizê,

163

Rompeu pela murtidão.  
E se chego, muito ancho,  
E disse: - Cara de chancho,  
A nossa resolução

164

Stá tomada, é uma só:  
Ou tu vaes naquelle macho,  
Ou então te parto e te racho,  
E te atóro os mocotó...

165

Não queremos t'enxergá,  
Nem a sombra das oreia...  
Pisa no rasto, troteia,  
Te some que nem virá..."

166

Em vista da intimação,  
Feita co'o ferro pellado,  
Montô o "Cacimba", calado,  
No pipeiro. E num trotão,

167

Se mandô para Bagé,  
No meio dum tal mosquêdo,  
(De certo a móde do mêdo)  
Que ao chegá, tudo deu fé...

168

E o factô foi comentado  
Muito tempo. E mesmo agora,  
Hai gente que ainda chóra  
De tanto ri do... engraçado.

169 \*\*\*\*\*

Ansim foi o triste fim  
Do “Cacimba” provisório,  
Que quiz sê muito finório  
Mas porém, furô um mirim...

170

Quis se metê de carancho  
Nas terra do “seu” Polito,  
Mas, a la fresca, num grito,  
Teve de mudá de rancho...

171\*\*\*

Vô, neste causo, por ponto.  
Vamos tudo descança;  
Não carece continuá,  
Num causo que já está pronto...

172

Conforme a minha preméssa,  
A vida tuda contei,  
E se a fama arrui... nei  
Desse patife, que é péça

173

Das mais pior e temive,  
Não me queira mal por isso.  
Sô índio, que m’infetiço,  
Plos que tem a vida horrive,

174

E se fingem de santinho...  
Eu sô o Chico Faria,  
Gosto muito de arrelia  
E vivo no meu cantinho,

175

A's orde dos mata-môro...  
Sei trová e sô ginête,  
Também sei joga muquête  
E quebra aspa de tôro!...

176 \*\*\*\*\*

Quando o Faria acabô  
De trová o que aqui fica;  
O Gaudenço Tiririca,  
Que, também, é trovadô,  
Intimando a sociedade,  
Disse, com certa maldade:

177

“Pois eu não sto sastifeito,  
C'a história do “Cacimbinha”!  
Eu quero que a ladainha  
Vá mais longe e aporveito,  
-Já que estemos farreando,  
E o mocêdo ‘stá gostando-

178

O momento é desafio,  
Sem reserva, um trovadô,  
Que queria, desse “dotô”  
Sem muita volta e fastio,  
Da vida, nestas parage,  
Lê descascá as passage...”

179

E, como disse o cuerúdo  
Essas fala, já se ergueu.  
Por tudo os óio correu,

Do mais grande, ao mais miúdo...

Tudo era gente cainha;

Ninguém accitava a rinha...

180

E o Gaudenço, mui ancho,

A móde qu'ia sentá,

Por não podê encontrá

Quem lê fizesse farrancho,

Quando um gringo intremetido

Lê largô, bem no ovido:

181 \*\*\*\*\*

“Io no sono trovatore,

Per contigo mi batero...

Má, óstia! vô a dizêre,

Qui próprio, hai gente d'onore!

182

Nunca ví ganso cuspi,

Nem formiga com catharro,

Botija só hai de barro,

Trovadô só ai mandi...

183

Poi tu 'stá molto inganato,

Si tu penza qui é cosilì

Canta i gringhi c'ol mandi

Canta il bianco c'ol mulato...

184

Amigo, ansim eu t'estranho,

Não começa a buchinchá...

Se lembre, ao quere trová,

Que mulato é côr d'estanho...

185

Tu penza, má veramente,  
Io credo i no m'inganho,  
Questa colore d'istanho  
Non fá paúra a niente...

186

Amigo Pépe Marula,  
Vamo, no mais, ao careio;  
Não é medo ou arreceio,  
Pois tigre não teme mula...

187

Ni tuto tigri é valente  
Io ti posso garantire,  
I senza própria mentire  
Hai tigri qui no ten dente...

188

Não tenho dente, bem sei,  
Mas as unha não me falta  
Se tu qué vê, vamo, salta...  
Pois na peleia sô rei!

189

Si tu vole peliare,  
Minghiai con mé non sará...  
Siamo qui per si juocá,  
Non si bisonha inticare...

190

Pois sô cabôco conforme,  
Quarqué pesar me diverte...  
Sô o quéro-quéro solerte  
Que até drumindo não dorme...

191

Entô tu é parecido  
Co Cacimba deligente,  
Qu'enganha tuta la gente,  
Quando próprio 'sta dormido...

192

Me chama de labisome,  
De catinga de gambá,  
De cara de tamanduá,  
Mas não me compara c'os home...

193

No fú la mia intenzione,  
Com le mólie comparare,  
L'amico qu'io só presare,  
Per questa própria ragione!

194

Pois então, 'Pépe Marula  
Me diga, se faz favô,  
Quem é que finge dotô,  
Sendo a topêra mais nulla?

195

La mente mia indovina;  
Questo sogéto tratante  
Non é Galileu, ni Dante,  
Sino um tale de "Cacimbina"...

196

Vancê é seco na tróva,  
Inté parece cabôco!  
Vá pensando e dê o trôco:  
Barriga grande é corcóva?

197

La riposta no combina,  
Co la prigunta qui é fata,  
Pertanto, boca serrata!  
Qui risponda il “Cacimbina”....

198

Pois amigo eu lê respondo  
A prigunta por mim feita:  
Corcóva nunca se ageita,  
É como quadrado redondo...

199

Tu Gaudenzo Tiririca,  
Qui é molto bô trovatore,  
Mi risponde per favore,  
Cacimbina dove fica?

200

Que é lá pra Santa Maria,  
É o que posso lê dize;  
Mas porém, se qué aprendê,  
Vá estudá jometria.

201

Nella geometria s’istuda  
Tute lê belle figure:  
Réte, curve i próprio pure  
Delle linha dolce e ruda.

202

Tu é muito é calavêra!  
‘Stô vendo a tua intenção...  
Dall Igna foi no arrastão,  
Só não se sabe a manêra...

203

Non parlo di quel Dall Igna,  
Qui del auto fu cristiato...  
Non sono di lu incaricato  
Di cobrarlo al “Cacimbinha”...

204

Se na lingua intaliana  
Se diz “da linha” pra tudo,  
Vô me calá, fica mudo,  
Isto, da linha, é macana...

205

É melio noi si calare,  
Per non sortir della linha...  
Al contrário il “Cacimbinha”  
Vam’ ancoré esculhambare...

206

Cá pra mim é indiferente;  
Pra trová eu sô um bicho!  
Pra mim é mesmo capricho,  
Vê rinchá qualqué vivente!

207\*\*\*\*\*

Nem bem o Pépe, calando,  
Tinha dêxado o parcêro  
Dono de todo o terrêro,  
E com’um cochincho saltando,  
Do tambor, temendo as púa,  
Do puro sangue “Charrúa”...

208

Já stava o índio foliêro,  
Mui cheio de si, pisando  
Na ponta do casco, escarceando,  
Com'um bagual altanêro,  
Quand'um allamão se tramô,  
Na frente do trovadô;

209\*\*\*\*\*

Esberra, Gaudenz, um bôco,  
Endong eu fae gomeçarr;  
Dampeing eu bóde trofarr,  
Eu starr, acorra, capôco...

210

Santo Deus! Virge Maria!  
Valei-me Nossa Senhora!  
Quando mais, senão agora!  
Os allamão me cristia...

211

Eu nong querr de gristiarr;  
Minha desseja starr ôtra...  
Eu só querr gontarr a bôtra  
Ta "Cacimpa" atfogarr...

212

Então Fritis Rammenbrais,  
Tu também conhece o cuiéra  
Vô te botá na cuiéra,  
Co Marula e arguem mais...

213

Eu nong serr uma gachôro,  
Bra tu botá num guiérra;  
Eu starr gabôco guerra  
Mais falende gome as dôro!

214

Não faço fé, no que allégas;  
Tú mais parece um leitão.  
Deixa de fita allamão;  
Tú és só bom nas bodégas...

215

Nos potêga eu dampeing acha:  
Tuda munda me conéce;  
Eu pêpa, gui nem barréce,  
Um pariga ti cajaça...

216

Eu sto vendo que a canninha  
Está trovando por tí...  
Botemos os pontos nos i,  
Tratemus do “Cacimbinha”...

217

Eu guerria tí gontá  
Um hisdôria têsse home,  
Du mi tisse muida nome...  
Acorra, enmdong, non tá.

218

Amigo Fritis, le digo,  
Eu não quiz le offendê!  
Vá trovando, pra nós vê,  
Não fique brabo comigo.

219

Nogstarr praba com focê,  
Eu só starr tisconfiada,  
Bra isso eu fica calada,  
Eu fica só bra drocê...

220

Vancê diz que “stá cabôco”,  
E já qué embrabecê?  
Cabôco nunca se vê  
Embrabecê por tão pôco...

221

Bra tuda nog tiz”mesguinha”  
Ta Fritz; endong eu fae,  
O gue agontece bra bae  
Telle, lá na Goxinha,  
Gontar. Têxa eu falar,  
Nong brecise gundestarr...

222

Póde contá su’história,  
Eu não vô l’interrompê;  
Não vá, de nada, esquecê,  
Puxe bem pela memória.

223

Bois minha bae, numa kerpes,  
Pricô gum ôdra badricie,  
Endong checo o bolicie,  
Tirrande tudes a réfes,  
Ta salong, gui stav’escure!  
Elle cridô: “Nong empure”!

224

Nong sexe mal etucade!  
Agui dem muites familie,  
Och, bolicie tiscraçade!  
Quando fez luz um féis,  
Tudes marchô bra xadreis...

225

Endong a minha babae,  
Brague chamô “tiscraçade”  
Bra tudes, foi brocessade!  
Endong a frau Rammembrai  
Gondradei a “Gacimpinha”  
Braque stava na Goxinha.

226

Elle guerria ganhei  
Um porçong ti “birriguita”,  
Endong elle faz um fita:  
“Nong dem nada gue chorrei!  
Tudes brecise gontrate,  
Endong sae muinde barrate...”

227

A brocesse? Um borguerrie!  
A nossa querrida jéfe  
(Zinhór Andoninha Gréff)  
E a Ferguêrra nong guerrie  
Brocesse e tiz; “Nong brecise  
Casta tinhêrr! Chuize!  
E nong, na kerps, pricarr;  
Nois fae acaparr gum isse,

A brocesse serr tolice!...

Tudes brecise fotarr,

228

Bra “Bartide” “no eleiçong”!

A “Gacimpinha” fique prabe;

Nois chame tudes, safade,

E chaistreck as allemong!

Bra isse nong dem falie,

La no nosse kolonie,

229 \*\*\*\*\*

Seguia a festa animada,

Na mais mió harmonia,

Ripinicando o Faria

As mais bonita toáda,

Só a indiada, bebida,

Eu bem vi qu’estav’erguida...

230

Me cheguei pro Gé Pícaço

E lê disse: Seu compáde,

Praque que vancê não há de

Acaba c’a festa? Eu acho

Que daqui a poco arrebenta,

Na sua casa, a trumenta!...

231

Miό vancê expriçá

Que já desceu o”Cruzêro”

E que os porco no xiquêro,

Já tudo começa a ronçá...

Compáde, essa coisa, ansim,

Vae acabá num chinfrim!”.

232\*\*\*\*\*

“Vancê, compáde Simão,  
- Me arrespondeu o coitado –  
- É que, como convidado,  
- Podia, com pricaução,  
- Ageitá, sem offendê,  
- O povo, a se recoiê...”

233

Considerarei no pedido,  
E nas suas consequença.  
E fui, c’a minha prezença,  
Oíá o povo intertido.  
Mas porém, não tinha jeito,  
O fervo já stava feito!...

234

O Fritis stava embriuíado,  
No meio da murtidão...  
E com o chôto na mão,  
O Gaudenço embriagado,  
Estralava, como tatêto,  
Ô como assado no espêto...

235

Eu não ví como o buchicho  
Começô. Quando eu cheguei,  
Sómentes esbiotei  
Estas fala: “S’eu me pincho,  
Em riba deste allamão,  
Lê arranco os figo, c’a mão! “

236

E o pobre Fritis dizia:  
“Mais nong breçise pochinche,  
Eu ser a calla gochinche,  
Gui focê, endong, guerria...”  
E o Gaudenço corcoveava...  
Era vê um magangava,

237

C’aquelle chôto na mão!  
Queria, vejam que asnêra,  
Faze uma grande porquêra,  
Acaba c’a reunião!  
Já pro fim intimava  
Quarquê que alli s’encontrava.

238

Mas porém, quem não encontra,  
Despois de muito campia?  
Ele achô, pra se coçá,  
Sarna da braba... E a afronta,  
Qu’elle fez à sociedade,  
Pagô e caro, é verdade!

239

Maginem vancêis; o Faria  
Sem qu’elle désse por isso,  
Se tramô no reboliço  
E disse: “Vancê desafia  
Quarquê qu’estesteje presente?  
Pois, se é commigo, assustente.

240

Os gôrpe do chananéco!  
Arreceba este primêro,  
Que é pramóde anda ligêro  
E pula com'um bonéco...  
E se trançaro no ferro!  
Eu garanto que não éro:

241

Se o chananéco era bôa,  
O chôto não piorava!  
De módos que s'escuitava  
Os tim-tim dos gôrpe atôa,  
Marcados, dento da lei,  
Dos que, no ferro, são rei...

242

Chegava a sahí faísca,  
Da ferramenta trançada!  
E, naquella trovoada,  
Nem um, nem ôtro truvisca  
O corpo, bem defendido,  
Do peliadô atrevido.

243

Quando a peleia estralô,  
(Nunca vi tanto estravio!)  
Não foi só o mulhero,  
Que correu, ô que avuô,  
Muito barbado, ligêro,  
Dexô, correndo, o terrêro...

244

Santo nome de Jesus!  
Parecia uma tocada,  
Duma grande cachorrada,  
Em ninhada de avestruz....  
Uns corria, outros gritava,  
Emquanto as véia resava.

245

O Pépe ergueu os Pépinho,  
E se metheu no paiór;  
Pois alli'stava milhór,  
Sem perigo pros filhinho,  
Recommendando a muié,  
Mais branco do que papé:

246\*\*\*

“Fitcha la porta ca a dranca,  
Latchia a djinella ingustata,  
Per noi pulá, per l'estrata,  
Si seuretzta qui manca....”  
Foi um tedéo memorave,  
Nunca vi coisa mais grave!

247\*\*\*

O Gé Píçaço excramava...  
O Fritis se suverteu....  
O Pépe, na tóca....O Thadeu,  
A famia não achava...  
E os índio, barbaridade!  
Divertindo uma sôdade...

248

Finalmentes o Derfino,  
(Comissário do lugá),  
Que tinham ido chamá,  
Chegô e, com muito tino,  
Foi se chegando e dizendo:  
“Em nome da lei, eu prendo

249

Tudo os dois contraventô!  
S’intreguem pr’otoridade!  
Não levo ninguém de compade!  
É preciso te rigô!  
Vamo pra subintendência,  
Lá se verá a sentença.

250

Despois do “corpo denlito”...  
Se fazê nos peliadô!  
Nem percisa de dotô,  
Pra se presta de perito...  
Os índio, inté, s’intregaro,  
Sem recramá e marcharo...

251

E logo eu fui convidado,  
Pra servi de avaliadô  
Dos taio dos peliadô.  
Inzaminei, com cuidado,  
Si argum destrago se via,  
No Gaudenço ô no Faria...

252

Seu comissário Derfino,  
Pois eu chego a concurção,  
Que nós não temus razão  
De sê, ansim, tão mofino,  
Que vá liga muita monta  
A taios sem sê de conta!...

253

Inzaminei os paciente,  
Mas porém com pricaução;  
Um tem um taio na mão  
E tem os largato drumente.  
O otrô, o Chico Faria,  
Só s'está dentro a avaria..."

254

Então o Derfino, cuê pucha!  
Isto sim, é otoridade!  
Disse, com simpricidade:  
Este causo não m'imbucha,  
Ninguém não róba sabugo...  
Eu considero refugio

255

Taio menor do que um palmo!  
Vancêis estão dispensado,  
Vão pra casa socegado,  
Agora tudo sta calmo!  
Nisso um gallo deu signá,  
Pros ôtro tudo acordá...

256

O “Cruzêro” mal se via,  
Lá onde se deita o sol...  
Começava o arrebol  
A tingi a serrania.  
As fôia verde pingava,  
E as flôre desabrochava.

257

Nos campo verde e nas matta,  
Desprendendo o seu perfume,  
Se misturando c’o estrume  
Do gado, qu’erguendo as pata,  
Já começava a s’erguê,  
Pra pastá e pra bebê.

258

Eu me fui, escotêro,  
Caminho da minha casa,  
Da madrugada, na asa,  
No meio daquelle chêro,  
Que m’entrava nos purmão,  
Ficando no coração...

259

Eu ia maginando,  
Sosinho, no puchirão,  
Que prispíara tão bão,  
Em buchicho terminando...  
Percurava me alembrá,  
Proque haverá de peliá

260

Aquelles dois turunguenga...  
Seria amóde das tróva,  
Ô duma cabôca nóva?  
Nem tróva, cabeça perrenga,  
Nem memo foi a canninha:  
Foi o azá do “Cacimbinha”!..

\*\*\*\*\* Fim \*\*\*\*\*

*Vocabulário caboclo serrano*  
(por Odilon Garcez Ayres)

- Amoitado*: sentado, quieto, estirado, escondido.  
*Aragano*: viajado, independente, conhecedor, valente.  
*Biriba*: S. M. e F. Matuto, caipira, égua pequena, cacete e porrete.  
*Buchinchá*: Encrencar, discutir, brigar.  
*Caboclo*: (ô) S. M. (Bras.) Indígena, mestiço de branco com índio, mulato de cor acobreada e cabelos corridos, como os brasis; o sertanejo, tapuia, caipira; o trabalhador do sertão ou da roça; queimado do sol (fig), sujeito desconfiado, traiçoeiro; (adj.) acobreado, cor de caboclo.  
*Caburé*: S. M. Br. Mestiço de negro com índio, moreno acaboclado, caipira, sertanejo,

taquariano; vaso de feitiço, homem gordo e baixo, sujeito que sai de noite; indivíduo feio e de ar triste; ave noturna espécie de mocho.

*Cainho*: sovina, econômico, que não gosta de dar, de repartir.

*Cambão*: peça de pau do cabeçalho da carreta.

*Caradura*: pessoa cínica, sem vergonha.

*Carancho*: S. M. Br. Nome de falconídeo, comum nos campos da serra.

*Carcundo*: encurvado, torto da espinha.

*Coivara*: pilha de ramagem para incinerar, capoeirão, mato ralo.

*Cuéra*: cuerudo, afoito, brigador, valente.

*Cutuba*: adj. br. – Forte, valente, muito inteligente, bom.

*Dunguela*: S. M. Br. – Pessoa insignificante, de que não se faz caso.

*Dotô da mula russa*: doutor de doenças venéreas.

*Eito*: trecho, pedaço. Seguimento de coisas que estão na mesma direção. Ex.: Limpeza de um eito de roça.

*Engrola*: V. T. Pronunciar, indistintamente.

*Faiúto*: falhado, sem grãos.

*Farrancho*: que faz frente, atacar-se, enfrentar-se.

*Gadanho*: garra de ave de rapina, unha, ancinho, dentes.

*Guaiquinha*: mistura de guaipéca com Cacimbinha e/ou guaiaquinha.

*Gury*: menino, piázote, moleque.

*Inrôsko*: enrascada, dificuldade, embaraço, percalço.

- Jacuba*: S. F. Br. Refresco preparado com água e farinha de mandioca.
- Langonha*: frouxo, mole.
- Légua*: medida, itinerário, seis mil metros de comprimento.
- Lunanco*: trôpego. Cavalos que arrastam os cascos ao trotar.
- Lusque-Fusque*: nem noite, nem dia. Entre o fim do dia e início da noite.
- Magano*: S. M. – Indivíduo travesso de baixa extração.
- Mandi*: S. M. Br. – Nome de diversos peixes de rio; caipira.
- Maniadô*: pé de amigo, tira de couro com presilha, maneia.
- Marau*: finório, espertalhão. Cacique Missioneiro Marau.
- Maroto*: Adj. – Malicioso, brejeiro, tratante, marau.
- Mastruço*: mastruz, mentruz, planta medicinal.
- Mofinice*: avarento, acanhado, infeliz.
- Pichuá*: Picuá: cesto, balaio.
- Pilungo*: cavalo feio, magro, sem raça, matungo.
- Pinchado*: V. T. Rel. – Pinchar, atirado, pular, saltar.
- Pióla*: tira de couro
- Rastôio*: pequeno, miúdo, espiga de milho mal desenvolvida, pequena.
- Repecho*: subida, aclave.
- Saca-Muela*: saca-bucha, saca-trapo, manha com que se consegue alguma coisa.
- Sarapiêra*: moita, montoeira, resto de coivara.

- Serrano*: que habita serras, montesino, montanhês. Nome generalizado no Rio Grande do Sul para os habitantes da Coxilha do Albardão, Planalto Médio Gaúcho e Região Serrana.
- Tarimba*: cama de quartel, estrado de madeira. Vida de quartel.
- Tatêto*: S. M. Br. – Uma das espécies de porco do mato.
- Terciar*: terçar, combater, brigar, misturar as coisas.
- Toso*: tosquiar lã, cortar cabelo, tosar quilina do cavalo.
- Tramela*: taramela, peça de madeira que gira em volta de um prego ou furo, para fechar porta ou postigo. Pessoa faladeira.
- Triô*: Trilho, espaço onde correm os cavalos na carreira de cancha reta.
- Turunguenga*: S. M. – Gíria: Turumbamba, briga, conflito, desordem.
- Vêra*: beirada de alguma coisa: do rio, da mesa, da casa etc.
- Virá*: uma das espécies de veado.
- F.D.P.I.*: abrev. de filho da pátria italiana.

## *Causo relacionado: o caboclo Camacho*

O avô José Ferreira Xaxim recebeu o apelido de “Xaxim” pela grande quantidade dessa espécie de planta existente em sua propriedade pastoril nas cercanias de Curitiba. Vindo para Passo Fundo, aqui casou com Felisbina Ferreira da Silva, pura descendente Guarani e fixou residência em grande gleba de terra, onde hoje é o município de Nicolau Vergueiro.

O pai, Pedro Xaxim, casou-se com Benedita Pinto de Moraes, de tradicional família desta cidade como José, Juca e Oscar Pinto de Moraes, advindo numerosa descendência, como sua prima e amiga, a poetisa Ambrosina Pinto de Moraes e Abreu.

O tio-avô de Camacho, Policarpo Ferreira da Silva, viúvo com 78 anos de idade, uniu-se em matrimônio com Anna Christina Araújo Schell, 41 anos, de tradicional família alemã, primeiros imigrantes, povoadores de Passo Fundo.

O filho, Antônio Ferreira da Silva (Camacho), nasceu numa manhã muito fria de 13 de junho de 1908, na casa de sua avó, Felisbina Ferreira da Silva, na esquina da rua Bento Gonçalves com a Moron, nº 1.513, canto leste da praça Mal. Floriano, onde passou sua infância e mocidade. Antônio, ainda jovem, ganhou o apelido de “Camacho” devido a sua semelhança com um jogador da seleção de futebol uruguaia que aqui se apresentara.



Grupo de Danças Gauchescas General Prestes Guimarães. 1927. Peões a partir da esquerda: Gaitero Albino Frankini, Ary Porto, Javel Silveira, Camacho, Dimorvam Gomes, Oscar Kurts. Prendas: Diva de Primio, Clecy Porto, Cecy Porto, Não aparecem, Mary Bastos de Moraes, Ziná e Nazi Pinto.

Estudou no Colégio Elementar que ficava ao lado da Prefeitura Velha e, em 1920, onde hoje é o Círculo Operário, com a professora particular Carolina Becker. Em 1921, estudou no recém-fundado Instituto Ginásial, hoje IE, tendo após se formado guarda-livro (contador) com o famoso professor Píndaro Annes.

Sociável, alegre, desportista, namorador, de bom porte, dançador de tangos e boleros, aficionado pelas danças gaúchas, sua mocidade transcorreu da melhor forma possível, entre os amigos e amigas da elite passo-fundense, trabalhando no comércio, jogando futebol e dançando. Fez o famoso Tiro de Guerra 225 e, em outubro de 1930, fugiu de casa, ingressando nas forças do cel. Quim César (residia na av. Brasil, 460, hoje Edifício Eli) e se foi de trem brigar com os paulistas. Depois de várias peripécias, adoentado, regressou à terra natal.

A foto menor (a seguir), do Grupo de Danças Gauchescas General Prestes Guimarães, foi tirada de dia, antes do famoso baile de 10 de setembro, no Club União Comercial, ao lado da antiga Farmácia Rosa, na rua Cel. Chicuta, esq. com Av. Brasil no pátio



Grupo de Danças Gauchescas General Prestes Prestes Guimarães. 1927.



Casa onde nasceu Antonio Ferreira da Silva (Camacho). Rua Moron, esquina com Bento Gonçalves. Passo Fundo. 1908.

da residência do dr. Ramão Rosa, hoje Galeria Jenny Schneider Birmann, nº 500, onde encontramos de pé, da esquerda, Ary Porto, Javel Silveira, Antônio Ferreira da Silva (Camacho), Dimorvam Gomes, Oscar Kurtz, Assis Magalhães e o gaiteiro Albino Franchini e as prendas: Diná Di Primio, Mary Bastos, Clecy e Ceci Porto, Nazi e Ziná Pinto.

O grupo chegou a ter dez pares, integrando-o esporadicamente o Assis Magalhães (filho de Julio Magalhães, proprietário do Saladeiro São Miguel) e os irmãos Brígido e Léco (sobrinhos de Estanislau de Barros Miranda).

Promovido a gerente das Casas Pernambucanas, foi transferido para Carazinho, onde assumiu em 7 de agosto de 1934, tendo logo após fundado a sua loja, a tradicional Casa Camacho, na rua onde hoje é a Loja Monalisa, de João Panassollo.

Em 16 de agosto de 1938, casou-se com Erica Loeff, de tradicional família carazinhense.

Camacho passou sua vida dedicado à família de sua esposa, de sua Loja Camacho, do seu Veterano F. C., do qual sempre foi diretor, referência e esteio, seu Clube Comercial, o povo carazinhense e de suas idas e vindas a Passo Fundo, quase que semanalmente, para rever os parentes e os inumeráveis amigos, dos quais, do seu tempo, por incrível que possa parecer, infelizmente não resta mais nenhum, para ler este extrato de sua história.

Exemplo de vida em todos os sentidos, hoje, Antônio Ferreira da Silva, ou simplesmente “Camacho”, com 97 anos, de idade, lúcido, alegre, faceiro, caminhando, conversando, contando causos, recebendo visitas de pesquisadores e historiadores, ouvindo tangos e boleros e tratando com carinho sua Erica, é uma lenda e uma referência viva do *caboclo serrano*, a raça do homem gaúcho que fez da região serrana, um dos baluartes socioeconômicos e culturais do Brasil.

A festa de sábado no Club União Comercial

Realizou-se sábado à noite, nos salões da sua sede provisória, o festival promovido por um grupo de senhoras de nossa alta sociedade, em benefício dos cofres do Clube União do Comércio que ultima presentemente os trabalhos da construção do grande edifício para sua sede social.

Não seria possível desejar-se maior encanto e brilho!

Em meio às danças animadas ao som de um esplêndido jazz, entre o riso da mocidade, a graça do gesto e a alegria do ambiente, entraram pelo salão os pares folgazões para o velho pericon.

As moças vestidas a rio-grandense, de blusa e saia comprida e lenço atado à cabeça, e os moços todos de bota e bombacha, de pala e chapéu bem largo, entraram de dois a dois puchados pelo gaitero Chico Sola para dançar a quadrilha.

José Pindóba mandava: “Bamo vortá, óia a chuva! Fecha a roda! E Abre a Roda!”

Chegou a vez dos versinhos... a poesia pura e virgem das campanhas do Rio Grande!

Cada um dizia um verso para seu par responder: “para a gaita!”

E um cantava:

“Garça branca como linho,  
Cor da lua, em pleno azul  
Não há mel que iguale um beijo  
Das morenas cá do Sul.”

E logo que serenavam os aplausos da caboclada da festa, o tauraria respondendo:

“Tu és a prenda mais rica  
Dos pagos do Fachinal  
Ao teu piado não escapa  
O mais arisco bagual.”

Numa dessas, ao doce som duma trova, cheia de encanto e magia, com o cheiro bom de fumaça que tem nos galpões de estância, começou num desafio seu Manduca, com esta quadra:

“Buenas tardes, companheiros,  
Boleia a perna e vá entrando,  
Puxe um banco, sente um pouco,  
E o mate vá tomando.”

Seu Lauriano pegou no ar a parada e correu o desafio.

Em meio do sapateado da quadrilha, com seus lenços verdes e amarelo as morenas artisticamente formaram a Bandeira Nacional, entre os aplausos frementes da assistência.

O pericon foi, sem dúvida, a nota chic da noite. Trouxe aos presentes o prazer de contemplar um dos costumes antigos da gente das campanhas, costumes que o progresso tem roubado ao nosso amado Rio Grande do Sul.

Entre outras surpresas, foi feito um concurso de beleza, ficando em primeiro lugar a senhorita Pícuca Ribas, seguida da senhorita Eugênia Lima.

Um interessante concurso pilhérico e engraçado foi o seguinte:  
Qual o coronel da festa?

Os vencedores deste concurso receberam uma espada e um bonet com os galões de seu posto.

Pelas primeiras horas da madrugada de domingo, terminou a festa do Clube Comercial deixando em todos os que a ela compareceram a mais alegre e boa das recordações<sup>299</sup>.

O Clube Comercial de hoje (2005), nasceu da fusão do Clube Comercial e União Sport Club, fundado em 23/10/1916, tendo antes três sedes provisórias, sendo uma na av. Brasil, onde hoje é o estacionamento do Bella Citá Shopping, a outra ao lado do antigo Círculo Operário, na mesma av. Brasil, entre a Bento Gonçalves e a av. Gen. Neto e a terceira onde era a Livraria e Editora A Nacional, hoje farmácia, na Av. Brasil, 533.

O Bloco General Prestes Guimarães, conforme ilustra a foto e seus pioneiros integrantes de Passo Fundo e quiçá do Rio Grande do Sul, homenageiam o primeiro advogado, político, professor e Caudilho da Revolução de 1892-1895, cria de Passo Fundo, nascido em 13 de junho de 1837, general Antônio Ferreira Prestes Guimarães, e que foi também o primeiro passo-fundense a ocupar o cargo de vice-presidente do estado do Rio Grande do Sul.

Conforme depoimento em curso do senhor Antônio Ferreira da Silva (Camacho), um dos fundadores do bloco, precursor as léguas, dos grupos de danças de hoje, foi o madeireiro Celestino Brock, natural de Sant'Ana do Livramento que ensinou-lhes o *pericon*.

Club União Commercial

Agradecimento

A diretoria do Clube União Commercial, por seu presidente abaixo firmado, vem publicamente apresentar os seus melhores agradeci-

mentos às exmas. sras. Ruth Barros Pinto, Almery P. Magalhães, Nenê B. Meyer, Morena A di Primio e Elvira Camargo, incansáveis organizadoras do brilhante festival que com tão belos resultados se realizou a 10 do corrente em benefício dos cofres do Clube; as Senhorinhas Diva di Primio, Zinah Pinto, Aracy Porto, e Mary Bastos e aos jovens Ary Porto, Javel Silveira, Dimorvan Gomes, Oscar de Freitas Valle, Antônio Ferreira da Silva (Camacho) e Oscar Kurtz que dançaram, com tanta graça e geral agrado o pericon; às senhorinhas Ema Bastos Rodrigues, Suely Pereira e Nilza Pinto, que tomaram a si a incumbência da venda das violetas; ao senhor maestro Gustavo Heinz Horn, que gentilmente fez reverter para os cofres do clube a parte que lhe tocava como diretor da orquestra, a qual brilhantemente orientada, tanto brilho emprestou à festividade.

A todos a diretoria do clube se confessa sumamente grata, mas especialmente à Comissão Promotora do Festival, que não esqueceu o mínimo pormenor, no sentido de dar à festa, como realmente deu, um cunho de alta distinção e elegância.

Passo Fundo, 17 de setembro de 1927.

Pedro Julio Garcia

Presidente<sup>300</sup>



## *Outros causos daqueles tempos*

*“De médico e louco,  
todo mundo tem um pouco”*

Que nem diz o título e o velho adágio, que de médico e louco todo mundo tem um pouco, me contou um amigo, que na família Xavier e Oliveira, o único que escapava era o Antonino, e olhe lá! Era louco de sabido.

O Osório, sempre trajado a gaúcho, não tirava a bombacha nem para dormir. E as botas também! E acrescentamos: Cada louco com sua mania.

Agora, boleado mesmo, no bom sentido, era o Fabrício, alegre, divertido e aprontando, mas pasmem, deparei-me com bons artigos de sua lavra, quem sabe, de vez em quando escrevia de ciúme do irmão ou em momentos de lucidez.

Certa feita, morreu um funcionário antigo da Ourivesaria Hexsel, parece-me que de nome Otávio. O proprietário, C. W. Hexsel, colocou sua melhor roupa e aguardava o cortejo fúnebre em frente à loja, de pé, na calçada, para incorporar-se às homenagens. Quando o funeral fronteu, Fabrício, que acompanhava o féretro, gritou de dedo em riste para o sr. Carlos Willibaldo: “Olha aí o que

você fez velho safado, sugou até o último sangue dele!” E exclamou num sussurro: Deu no que deu, morreu! Apontando para o morto.

Imaginem o constrangimento porque passou o ex-patrão em plena avenida Brasil perante dezenas de pessoas.

Enterrado o morto, na volta vinha o Fabrício alegre e faceiro deitado no cabriolé funerário puxado por cavalos e oferecendo carona para os conhecidos que vinham de volta do cemitério.

### *Acordem, cachorrada!*

É meia noite cachorrada, acordem! É meia noite cachorrada, acordem! E blein, blein, blein. É uma hora cachorrada, acordem! E dele marreta! Fabrício colocara um pedaço de trilho nos fundos de sua casa e de hora em hora ia lá e dele marretada no trilho para incomodar a vizinhança. Imaginem: É duas,.. é três... é quatro, é blein e acordem cachorrada!

### *Revolução!*

Quando dava na venêta, Fabrício encilhava o cavalo e saía gritando rua a fora: “Começou a revolução! Começou a revolução!” Chegando em frente ao Fórum, puxou da espada, escaramuçou o cavalo e se agachou a gritar que “começou a Revolução” e a desaforar e a chamar os brigadianos para brigar. Os guardas do Fórum, ambos a cavalo, que já conheciam as tropelias da peça, usavam de estratégia para acalmar o lunático revolucionário. Um, tentava pela frente segurar o cavalo pelas rédeas, enquanto que o outro, (o cabo Hilário), avançando por trás, dava com o escopo da espada na cabeça do atrevido Fabrício que caía do cavalo e meio zozzo e aturdido, gritava: “Terminou a revolução”, não me prendam!

Uma do barão: o barão José Antônio da Silva Loureiro, português da gema, não se dava com o ex-prefeito dr. Gervásio Lucas Annes, assim como o dr. Antonino Xavier e Oliveira não gostava do ex-prefeito Armando Araújo Annes e acho que também do dr. Lacerda Almeida Junior, pois embora, companheiros de partido e de diretoria, Antonino nunca citou-os em suas anotações, digo, em seus artigos e em suas publicações. Mas vamos ao caso:

O barão tivera uma desavença com o prefeito por negócio e não o perdoara, pois dizia: Este filho da mãe, ainda há de comer da minha mão!

Passam os anos e o barão faz a doação do novo cemitério da Vera Cruz. Em frente ao túmulo de Gervásio Lucas Annes, o barão parou e sentenciou: “Eu não te dizia que algum dia ainda você ia comer das minhas mãos, Gervásio? Taí, hó, morando nas minhas terras!”

### *Banda Carlos Gomes*

Serenada as revoluções, a banda do 8º RI dava retretas na praça Mal. Floriano e o Luiz Feldmann, gurizote, que morava onde é hoje o Banrisul (ex-Caixa Econômica Estadual) na avenida Gen. Neto, corria para ouvi-la e apreciar o cantor Nicolau.

Naquele tempo não existia microfone, caixa de som ou coisa que o valha, o índio cantava no peito mesmo, tinha que ter gogó. Ou era bom ou não era de nada. Não tinha mixagem para esconder os fracos e desafinados de hoje.

Ramona era seu apelido, advindo de um filme fatídico que deixou um rastro de destruição por onde foi exibido. Vários cinemas incendiaram-se após a exibição do Filme intitulado “Ramona”, o último em Curitiba.

A Banda Carlos Gomes compunha-se de 60 instrumentistas (me arrepio) e a voz do Ramona na praça, pairava acima de tudo e de todos.

Daquela data até hoje, em Passo Fundo, não se ouviu voz tão bela e tão poderosa.

### *O quiosque*

Este existiu na praça Tamandaré e também na praça Mal. Floriano, servia para apresentações líricas diversas e ponto de encontro chique da boemia.

Como o Luiz já havia me contado que ele e outro guri de vez em quando surrupiavam umas gasosas e se escondiam para fumar no porão do quiosque do Nicolau Galiccho, e eu sabia que o mesmo incendiara-se, então, perguntei maliciosamente: Por acaso não foi tu que botou fogo no quiosque da praça Mal. Floriano, Luiz? Também, maliciosamente e amarelo apenas sorriu... e não me respondeu. Se não foi o Luiz, com certeza foi o amigo dele!

### *No comício*

O bêbado gritava no Comício do dr. Assis Brasil enquanto o dr. Lacerda Almeida Junior discursava: “Viva Borges de Medeiros!” Mais discurso e o bêbado: “Viva Borges de Medeiros!” Cambaleava, gesticulava, cuspiava-se e gritava: “Viva Borges de Medeiros!” O dr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira, não se agüentou e foi falar com o bêbado: “Olha... pára com isso, o comício é do dr. Assis Brasil, te dou uma garrafa de canha pra tu gritar: ‘Viva Assis Brasil!’”

Ta, ta bem, o senhor manda, diz o bêbado se babando, em voz arrastada! Mais discurso e o bêbado recomeça a gritar: “Viva o dr. Assis Borges, Viva o dr. Assis Borges!”

## *Anzol de Vidro*

Mais uma do barão. Essa me contou o Camacho, que o dr. Vergueiro era muito brincalhão, manhoso, espirituoso e que gostava de pregar peça nos amigos e até na clientela. Chegava uma madame consultar e indicava que estava com problema e indicava a direção, ao passo que, o dr. declinava o nome do local em letras garrafais, deixando a cliente mais enrubescida ainda. Cada vez que o barão se aprontava para ir à Europa, e o ia todos os anos fazer compras para sua Loja, lá vinha o dr. Vergueiro e lhe encomendava anzol, mas que tinha que ser de vidro. Um, dois, três, quatro anos seguidos e sempre o mesmo pedido, até que, o barão lhe pregou uma peça, mandou fabricar os tais anzóis e lhe trouxe 400 anzóis. O dr. Vergueiro teve que engolir em seco a peça do barão e pagar a encomenda na marra. Nas campanhas políticas, o dr. Vergueiro presenteava os eleitores com anzol de vidro, que obviamente não serviam pra nada.

## *Esta tirada é minha*

Para os vereadores das câmaras municipais até os senadores da república, digo: “Os políticos honestos devem ir para suas casas e os desonestos devem permanecer em seus lugares.”

# Notas bibliográficas

- <sup>1</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 12, p. 2, 29 jul. 1925.
- <sup>2</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 16, p. 3, 12 ago. 1925.
- <sup>3</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 29, p. 2, 26 set. 1925.
- <sup>4</sup> Sobre duas estampilhas de 500 réis, lia-se: “Passo Fundo, 23 de setembro de 1925. Em testemunho da verdade. O notário: Joaquim Pedro Daudt. R. e S. 1:500 Daudt.” (*O Nacional* – Bi-Semanário Independente – Diretor: dr. Heraculano A. Annes. Gerentes: Hiram de Araujo Bastos e Americano de Araujo Bastos – de sábado, 26 de setembro de 1925, nº 29).
- <sup>5</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 37, p. 3, 24 out. 1925.
- <sup>6</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 49, p. 1, 5 dez. 1925.
- <sup>7</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 38, p. 1, 27 out. 1925.
- <sup>8</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 47, p. 1, 29 nov. 1925.
- <sup>9</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 56, p. 1, 30 dez. 1925.
- <sup>10</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 63, p. 3, 23 jan. 1926.
- <sup>11</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 64, p. 4, 27 jan. 1926.
- <sup>12</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 40, p. 5, 4 nov. 1925.
- <sup>13</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, 26 jun. 1926; n. 127, p. 4, 4 set. 1926.
- <sup>14</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 145, p. 1, 10 nov. 1926.
- <sup>15</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, 23 jun. 1926.
- <sup>16</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 118.
- <sup>17</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 123, 1926.
- <sup>18</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 181, p. 2, 16 mar. 1927.
- <sup>19</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 173, p. 2, 16 fev. 1927.
- <sup>20</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 315, p. 2, 7 jul. 1928; n. 834, p. 2, 30 jan. 1931.
- <sup>21</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 251, p. 5, 23 nov. 1927.
- <sup>22</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 123, 1926.
- <sup>23</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 190-198-200, 5 mar. 1927.
- <sup>24</sup> *O Nacional*, Passo Fundo n. 229, p. 4, 3 set. 1927
- <sup>25</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 246, p. 3, 5 nov. 1927.
- <sup>26</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 251, p. 5, 23 nov. 1927.
- <sup>27</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 209, p. 1, 25 jun. 1927.
- <sup>28</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 233, p. 1, 17 set. 1927.
- <sup>29</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 232, p. 1, 14 set. 1927.
- <sup>30</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 233, p. 1, 17 set. 1927.
- <sup>31</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 259, p. 4, 21 dez. 1927.
- <sup>32</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 328, p. 3, 22 ago. 1928.
- <sup>33</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 315, p. 2, 7 jul. 1928.

- <sup>34</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 347, 1928.
- <sup>35</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 349, p. 3, 7 nov. 1928.
- <sup>36</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 519, p. 1, 14 jan. 1930; n. 554, 25 fev. 1930.
- <sup>37</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 311, p. 2, 23, jun. 1928.
- <sup>38</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 284, p. 2-3, 17 mar. 1928; n. 397, p. 2, 21 mar. 1929.
- <sup>39</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 320, p. 3, 7 jul. 1928.
- <sup>40</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 362, p. 3, 22 dez. 1928.
- <sup>41</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 368, 10 jan. 1929.
- <sup>42</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 375, p. 2, 26 jan. 1929.
- <sup>43</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 383, p. 3, 16 fev. 1929.
- <sup>44</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 390, p. 2, 5 mar. 1929; n. 392, p. 2, 9 mar. 1929.
- <sup>45</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 391, 7 mar. 1929.
- <sup>46</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 418, p. 1, 16 maio 1929.
- <sup>47</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 419-427, p. 2, 18 maio 1929.
- <sup>48</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 648, 19 jun. 1930.
- <sup>49</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 403; n. 503, p. 2, 17 nov. 1929.
- <sup>50</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 449, 1929.
- <sup>51</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 436, p. 1, 2 jul. 1929;
- <sup>52</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 438, p. 1, 6 jul. 1929; n. 450, p. 1-2, 3 ago. 1929.
- <sup>53</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 453, p. 2, 15 ago. 1929.
- <sup>54</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 461, p. 2, 3 set. 1929.
- <sup>55</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 461, p. 3, 3 set. 1929.
- <sup>56</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 468, p. 2, 21 set. 1929.
- <sup>57</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 470, p. 3, 26 set. 1929.
- <sup>58</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 474, p. 3, 5 out. 1929; , n. 477, 1929; n. 479, p. 2, 19 out. 1929.
- <sup>59</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 484, p. 4, 5 nov. 1929.
- <sup>60</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 487, p. 4, 9 nov. 1929; n. 488, p. 2, 12 nov. 1929.
- <sup>61</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 495, p. 4, 28 nov. 1929.
- <sup>62</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 490, p. 4, 16 nov. 1929; n. 494, p. 2, 21 nov. 1929.
- <sup>63</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 436, p. 2, 30 nov. 1929; n. 498, p. 2, 5 dez. 1929.
- <sup>64</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 503, p. 2, 17 nov. 1929.
- <sup>65</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 494, p. 3, 26 nov. 1929.
- <sup>66</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 506, p. 2, 24 dez. 1929; n. 508, p. 4, 31 dez. 1929; n. 509, p. 2, 2 jan. 1930.
- <sup>67</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 513, p. 1, 7 jan. 1930.
- <sup>68</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 515, p. 4, 9 jan. 1930; n. 516, p. 2, 10 jan. 1930.
- <sup>69</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 524, p. 2, 20 jan. 1930.
- <sup>70</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 530, p. 2, 27 jan. 1930.
- <sup>71</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 526, 1930.
- <sup>72</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 528, p. 3-4, 24 jan. 1930.
- <sup>73</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 530, p. 3, 27 jan. 1930.
- <sup>74</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 532, p. 2, 1930.
- <sup>75</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 532, 1930.
- <sup>76</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 536, p. 4, 3 fev. 1930.
- <sup>77</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 537, p. 2, 4 fev. 1930.
- <sup>78</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 550, p. 3, 19 fev. 1930; n. 551, p. 4, 20 fev. 1930.
- <sup>79</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 535, p. 4, 1 fev. 1930.

- 80 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 542, p. 4, 10 fév. 1930.
- 81 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 558, p. 1-3, 3 mar. 1930; n. 559, p. 1-3, 4 mar. 1930.
- 82 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 561, p. 3, 6 mar. 1930.
- 83 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 567, p. 2-3, 13 mar. 1930.
- 84 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 573, 1930.
- 85 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 577, p. 2, 25 mar. 1930.
- 86 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 605, p. 4, 28 abr. 1930.
- 87 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 607, p. 2, 30 abr. 1930.
- 88 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 599, 1930.
- 89 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 658, 1930.
- 90 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 612, p. 3, 6 jun. 1930.
- 91 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 632, 1930.
- 92 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 646, 1930.
- 93 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 648, 19 jun. 1930.
- 94 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 666, p. 2, 10 jul. 1930.
- 95 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 674, p. 4, 19 jun. 1930.
- 96 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 682, p. 4, 29 jul. 1930.
- 97 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 678, p. 4, 24 jul. 1930; n. 683, p. 1, 30 jul. 1930; n. 687, p. 3, 4 ago. 1930.
- 98 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 678, p. 4, 24 jul. 1930; n. 681, p. 1-4, 28 jul. 1930; n. 683, p. 3, 30 jul. 1930.
- 99 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 680, p. 1, 26 jul. 1930.
- 100 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 687, p. 4, 4 ago. 1930.
- 101 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 689, p. 3, 6 ago. 1930.
- 102 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 717, p. 4, 9 set. 1930.
- 103 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 719, p. 1, 11 set. 1930.
- 104 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 734, p. 3, 1<sup>o</sup> out. 1930.
- 105 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 737, p. 1, 6 out. 1930.
- 106 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 737, p. 1, 6 out. 1930.
- 107 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 735, p. 1, 2 out. 1930.
- 108 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 748, 1930.
- 109 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 740, p. 2, 9 out. 1930.
- 110 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 739, p. 2, 8 out. 1930.
- 111 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 741, p. 3, 10 out. 1930.
- 112 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 743, p. 4, 13 out. 1930.
- 113 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 747, p. 2, 17 out. 1930.
- 114 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 764, p. 4, 7 nov. 1930.
- 115 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 767, 11 nov. 1930.
- 116 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 768, p. 2, 12 nov. 1930.
- 117 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 765, p. 4, 8 nov. 1930.
- 118 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 767, p. 1, 11 nov. 1930.
- 119 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 750, p. 2, 21 out. 1930.
- 120 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 745, p. 2, 15 out. 1930.
- 121 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 743, p. 3, 13 out. 1930; n. 749, p. 2, 20 out. 1930.
- 122 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 753, p. 1, 24 out. 1930; n. 754, p. 2, 25 out. 1930; n. 760, p. 1, 3 nov. 1930.
- 123 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 771, p. 2, 15 nov. 1930.
- 124 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 772, p. 1, 17 nov. 1930.
- 125 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 773, p. 4, 18 nov. 1930.

- 126 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 775, p. 1-4, 20 nov. 1930.  
127 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 783, p. 1-4, 29 nov. 1930.  
128 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 781, 27 nov. 1930; n. 782, 28 nov. 1930.  
129 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 780, p. 3, 26 nov. 1930.  
130 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 772, p. 3, 12 nov. 1930.  
131 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 780, p. 1, 26 nov. 1930.  
132 *O Nacional*, Passo Fundo, 8 fev. 1931.  
133 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 985, p. 2, 31 jul. 1931.  
134 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.040, p. 2, 7 out. 1931.  
135 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 846, p. 3, 13 fev. 1931.  
136 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 851, p. 2, 20 fev. 1931.  
137 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 861, p. 1, 4 mar. 1931.  
138 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 811, p. 3, 3 jan. 1931.  
139 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 755, p. 2, 28 out. 1930.  
140 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 764, p. 2, 7 nov. 1930.  
141 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 765, p. 4, 8 nov. 1930.  
142 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 786, p. 1-3, 3 dez. 1930; n. 805, p. 4, 24 dez. 1930.  
143 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 786, p. 1, 3 dez. 1930.  
144 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 797, p. 2, 16 dez. 1930; n. 798, p. 3, 17 dez. 1930.  
145 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 804, p. 2, 24 dez. 1930.  
146 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 809, p. 4, 30 dez. 1930.  
147 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 777, p. 1, 22 nov. 1930; n. 793, p. 1, 11 dez. 1930.  
148 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 797, p. 2, 16 dez. 1930.  
149 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 830, p. 3, 26 jan. 1931.  
150 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 821, p. 2, 15 jan. 1931.  
151 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 939, p. 4, 6 jun. 1931.  
152 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 817, p. 4, 10 jan. 1931; *O Nacional*, Passo Fundo, n. 851, p. 2, 20 fev. 1931; n. 858, p. 4, 28 fev. 1931.  
153 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 916, p. 4, 9 maio 1931.  
154 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 884, 1931.  
155 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 864, p. 4, 7 mar. 1931; n. 890, 1931; n. 903, 1931.  
156 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 811, 3 jan. 1931; n. 942, 1931.  
157 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 840, p. 2, 6 fev. 1931; n. 812 data  
158 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 818, 1931.  
159 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 846, p. 3, 13 fev. 1931; n. 976 data  
160 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 848, p. 1, 16 fev. 1931.  
161 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 851, p. 4, 20 fev. 1931; n. 853, p. 2, 23 fev. 1931.  
162 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 918, 1931.  
163 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 928, 1931.  
164 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 933, 1931.  
165 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 944, 1931.  
166 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 981, 1931.  
167 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 994, p. 4, 11 ago. 1931.  
168 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.033, p. 4, 26 set. 1931.  
169 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.044, p. 3, 12 out. 1931.  
170 *O Nacional*, Passo Fundo, 855, 1931; n. 884, 1931.  
171 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 958; n. 1.029, p. 2, 22 set. 1931.  
172 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 850; n. 852, p. 2, 21 fev. 1931.

- 173 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 995, p. 2, 12 ago. 1931.
- 174 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.055, p. 1-4, 26 out. 1931.
- 175 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 826, p. 3, 24 jan. 1931; n. 830, p. 1, 26 jan. 1931; n. 827, p. 4, 22 jan. 1931.
- 176 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 948, p. 2, 17 jun. 1931.
- 177 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.035, p. 4, 30 set. 1931; n. 915, p. 2, 8 maio 1931. jul. 1931; n. 1.204, p. 1, 25 abr. 1932.
- 178 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 984, p. 4, 30 jul. 1931; n. 1.204, p. 1, 25 abr. 1932.
- 179 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.149, p. 1, 18 fev. 1932.
- 180 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.199, p. 2, 19 abr. 1932.
- 181 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.148, p. 4, 17 fev. 1932.
- 182 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.162, p. 1, 4 mar. 1932; n. 1.164, p. 4, 7 mar. 1932.
- 183 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.167, p. 1, 10 mar. 1932.
- 184 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.139, p. 4, 4 fev. 1932.
- 185 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.141, 1932.
- 186 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.157, p. 1, 27 fev. 1932.
- 187 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.110, p. 1, 2 jan. 1932.
- 188 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.137, p. 4, 3 fev. 1932.
- 189 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.212, p. 2, 4 maio 1932.
- 190 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.166, p. 3, 9 mar. 1932.
- 191 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.167, 1932.
- 192 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.202, p. 1, 21 abr. 1932; n. 1.235, p. 1, 31 maio 1932; n. 1.141.
- 193 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 961, p. 4, 3 jul. 1931.
- 194 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.272, p. 3, 13 jul. 1932; n. 1.181, p. 3, 28 mar. 1932; n. 1.181, p. 3, 28 mar. 1932; n. 1.260, p. 4, 29 jun. 1932.
- 195 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.208, p. 4, 29 abr. 1932.
- 196 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.260, p. 2, 29 jun. 1932; n. 1.291, p. 4, 4 ago. 1932.
- 197 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.300, 1932.
- 198 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.518, p. 3, 26 maio 1933; n. 1.424;
- 199 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.248,
- 198 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.272,
- 201 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.263,
- 202 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.265, p. 4, 5 jul. 1932.
- 203 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.246, p. 1, 13 jun. 1932; , n. 1.267.
- 204 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.277, p. 1, 21 jul. 1932; n. 1.285, 27 jul. 1932.
- 205 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.294, p. 1, 08 ago. 1932; n. 1.298, p. 3, 12 ago. 1932; n. 1.299, p. 3, 13 ago. 1932.
- 206 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1312, p. 2, 29 ago. 1932; n. 1361, p. 2, 17 nov. 1932.
- 207 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.276, p. 4, 18 jul. 1932.
- 208 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.282, p. 1, 25 jul. 1932.
- 209 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.283, 26 jul. 1932.
- 210 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.283, 26 jul. 1932.
- 211 *O Nacional*, Passo Fundo, 7.1932.
- 212 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.291, p. 1, 4 ago. 1932.
- 213 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.300, p. 1, 15 ago. 1932.
- 214 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.301, 1932; n. 1.310, p. 4, 26 ago. 1932.
- 215 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.322, p. 1, 10 set. 1932.
- 216 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.329, 1932.

- <sup>217</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.329, 1932.
- <sup>218</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.334, 1932.
- <sup>219</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.350, p. 4, 3 nov. 1932; n. 1.360, p. 1, 16 nov. 1932; n. 1.376, p. 4, 5 dez. 1932.
- <sup>220</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.336, 1932.
- <sup>221</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.337, 1932.
- <sup>222</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.340.
- <sup>223</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.341.
- <sup>224</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.343.
- <sup>225</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.346.
- <sup>226</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.346.
- <sup>227</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.346.
- <sup>228</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.347.
- <sup>229</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.348.
- <sup>230</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.350.
- <sup>231</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.356.
- <sup>232</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.363.
- <sup>233</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.371.
- <sup>234</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.376, 1932.
- <sup>235</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.373, p. 1, 1 dez. 1932; n. 1.378, p. 1, 7 dez. 1932; n. 1.360, p. 1, 16.11.1932.
- <sup>236</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.384, p. 1, 14 dez. 1932.
- <sup>237</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.381, p. 1, 10 dez. 1932; n. 1.380, 1932; n. 1.382, p. 1, 12 dez. 1932.
- <sup>238</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 774, p. 1, 19 nov. 1930; n. 1.383, p. 4, 13 dez. 1932.
- <sup>239</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.387.
- <sup>240</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.388.
- <sup>241</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.389.
- <sup>242</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.390.
- <sup>243</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.391.
- <sup>244</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.392.
- <sup>245</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.393.
- <sup>246</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.394.
- <sup>247</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.397.
- <sup>248</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.398.
- <sup>249</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.399.
- <sup>250</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.398.
- <sup>251</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.420, p. 3, 26 jan. 1933; n. 1.433, p. 4, 10 fev. 1933.
- <sup>252</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.441, p. 1, 20 fev. 1933; n. 1.446, p. 6, 25 fev. 1933.
- <sup>253</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.447, p. 4, 27 fev. 1933.
- <sup>254</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.447.
- <sup>255</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.451.
- <sup>256</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.454, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 64 e 1.468.
- <sup>257</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.492.
- <sup>258</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.445.
- <sup>259</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.536-1.498-1.521.
- <sup>260</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.585.
- <sup>261</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.426-1.638.
- <sup>262</sup> *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.426.

- 263 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.421.  
264 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.399.  
265 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.400.  
266 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.404.  
267 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.406.  
268 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.408.  
269 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.410-1.421.  
270 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.415.  
271 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.441-1.442.  
272 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.442.  
273 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.473.  
274 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.470.  
275 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.479.  
276 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.488.  
277 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.496.  
278 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.454, p. 1, 8 mar. 1933.  
279 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.536.  
280 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.452-1.473-1.492-1.490.  
281 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.530, p. 1, 09 jun. 1933.  
282 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.523.  
283 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.524.  
284 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.524.  
285 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.535.  
286 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.536.  
287 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.536.  
288 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.571.  
289 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.589.  
290 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.591–1.601.  
291 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.646.  
292 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.595, p. 4, 28 ago. 1933.  
293 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.473.  
294 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.565.  
295 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.565, p. 4, 22 jul. 1933.  
296 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 1.569, p. 1, 27 jul. 1933; n. 1.612, p. 3, 18 set. 1933.  
297 *O Nacional*, Passo Fundo, n. 840, p. 3, 06 fev. 1931.  
298 *O Nacional*, Passo Fundo.  
299 *O Nacional*, Passo Fundo, 14 set. 1927, p. 4, n. 232.  
300 *O Nacional*, Passo Fundo, 17 set. 1927, p. 3, n. 233.

# *Instituições e obras consultadas*

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

BIBLIOTECA E ARQUIVO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE PASSO FUNDO – 1857 A 1988. Passo Fundo: Berthier. [Gestão Ver. Nelson Rosetto].

FILHO, Arthur Ferreira. *Revolução de 1923*. Porto Alegre: Departamento de Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 1973.

FILHO, Arthur Ferreira. *Revoluções e caudilhos*. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

FONTOURA, Jornalista Túlio. *Álbum de Passo Fundo*, de 1931. *Jornal A Lucta*.

GHEN, Delma Rosendo. *Passo Fundo através dos tempos*. v. 1. Passo Fundo: Multigraf, 1978.

GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Edição de 1972.

JORNAL *A Época*. Diretor Dr. Ney de Lima Costa (1921). Diretor Dr. Herculano Araújo Annes (1922). Passo Fundo.

JORNAL *O Nacional*. Junho a dezembro de 1925 e anos de 1926, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33. Proprietários: Dr. Herculano Araújo Annes, Hiran de Araújo Bastos e Americano de Araújo Bastos. Redação e gerência na Livraria Nacional - Praça Marechal Floriano, 25, 27 e 29. Passo Fundo - RS.

LUZ, José Batista da. Dicionário Brasileiro. 2. ed.

MEMORIAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO, 265.

MUSEU DA BRIGADA MILITAR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre.

PROMOTORIA DE JUSTIÇA DE ENCRUZILHADA DO SUL - RS.

RELATÓRIO DO INTENDENTE CEL. PEDRO LOPES DE OLIVEIRA. 1º nov, 1919. Passo Fundo: Minerva, 1920.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO RIO DE JANEIRO. Gabinete do Provedor.

SERVENTIA REGISTRAL DA 4ª ZONA DE PORTO ALEGRE.

VARGAS, Álvaro R. *O Carazinho*. Carazinho, 1988. [Colaboração artesanal de Beatriz A. Vargas].

chauer S. J.

# Caboclo Serrano

Em *O puchirão do Gé Picaço*  
Nas Revoluções de 1923, 30 e 32

Em

1915, sob pseudônimo de Amaro Juvenal, Ramiro Fortes de Barcellos publicou *Antônio Chimango - Poemeto c ampestre* (com 213 sextilhas payadiorescas). Exatamente dez anos depois, com 260 estrofes, em diferentes números de versos, Lacerda de Almeida Júnior, sob pseudônimo de Júlio Simão, publicou *O puchirão do Gé Picaço - Poemeto serrano*, com significativas semelhanças e dessemelhanças com o Antônio Chimango, inclusive em ralação à burrice infantil de Borges de Medeiros (no primeiro), que foi a mesma da de Ney de Lima Costa (no segundo). As parteiras profetizaram as safadezas de ambos. Se o presidente do Estado era o “chimango”, o intendente defenestrado de Cacimbinhas, hoje Pinheiro Machado, ainda menor, era o “caburé”.

Lacerda de Almeida Júnior mostrou as diferenças entre o biriva e o fronteiriço, a mistura racial entre luso-brasileiros, índios, negros, italianos e alemães, que se manifestaram em regionalismos diversos entre a Serra e a Fronteira. Satírico terrível, não perdoou a provável homossexualidade do adversário, que lhe teria valido a expulsão da Escola Militar de Porto Alegre.

Aqui entrou o espírito historiador de Odilon Garcez Ayres, que numa caixa de livros abandonados numa calçada de Passo Fundo, em 1973, encontrou o *Poemeto serrano* e iniciou uma investigação que resultou nesta bela obra. Ao transcrever *O puchirão do Gé Picaço* e investigar a história dos personagens cantadas pelos trovadores serranos (o caboclo, o italiano e o alemão) Odilon contribui para um entendimento maior da história e da cultura regionais e lança o desafio a muita gente em rever suas concepções sobre a história e a cultura de Passo Fundo.

Paulo Monteiro

Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras

[www.meritos.com.br](http://www.meritos.com.br)

ISBN 978-85-89769-50-1

